

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS – UEMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM EDUCAÇÃO E
FORMAÇÃO HUMANA
LINHA DE PESQUISA: CULTURAS, MEMÓRIAS E LINGUAGENS EM
PROCESSOS EDUCATIVOS

GRAZIELA GONÇALVES DE MIRANDA

AÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E A ARTE URBANA:
possíveis diálogos entre os jovens, a paisagem cultural e o grafite

Belo Horizonte
Mai de 2019

GRAZIELA GONÇALVES DE MIRANDA

AÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E A ARTE URBANA:

possíveis diálogos entre os jovens, a paisagem cultural e o grafite

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG como requisito para a obtenção do título de mestre em educação e formação humana.

Linha de Pesquisa: Culturas, Memórias e Linguagens em Processos Educativos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lana Mara de Castro Siman

Coorientadora: Prof. Dr^o. Fabrício Andrade Pereira

**Belo Horizonte
Maio de 2019**

FICHA CATALOGRÁFICA

M672a Miranda, Graziela Gonçalves de.

Ações socioambientais e a arte urbana: possíveis diálogos entre os jovens, a paisagem cultural e o grafite/ Graziela Gonçalves de Miranda. Belo Horizonte, 2019.

194 f. il. color.; enc.

Dissertação (Mestrado): Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lana Mara Castro Siman

Coorientador: Prof.^o Dr. ^o Fabrício Andrade Pereira

Inclui bibliografia.

1. Arte Pública. 2. Cidade. 3. Ações socioambientais. 4. Grafite. 5. Ensino de Artes Visuais. I. Título. II. Lana Mara Castro Siman. III. Universidade do Estado de Minas Gerais - Faculdade de Educação.

CDD: 370: 760

AÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E A ARTE URBANA:
possíveis diálogos entre os jovens, a paisagem cultural e o grafite

Dissertação apresentada em 06 de maio de 2019 à Banca Examinadora constituída pelos (as) professores (as):

Profa. Dra. Lana Mara de Castro Siman -PPGE – FAE/UEMG
(Orientadora)

Prof. Dr. Fabricio Andrade Pereira- FAE/ UEMG
(Coorientador)

Profa. Dra. Sonia Regina Miranda PPGE /UFJF
Titular Externo

Prof. Dr. Marcelo Diniz Monteiro de Barros - PPGE/ UEMG
Titular Interno

Prof. Dra. Gláucia Soares Barbosa- FAE/ UEMG

*Dedico a Deus por ter me abençoado
com muita força e saúde.*

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus, por ter me concedido esta oportunidade de finalizar este mestrado e de conseguir vencer todas as dificuldades e desafios que surgiram durante o curso.

Especialmente a minha família e ao meu companheiro Emerson pelo apoio e compreensão incondicional. A minha querida amiga Denise Perdigão e a Júnia Cardoso que desde o início desta caminhada me ajudaram com a amizade, carinho e generosidade.

Agradeço também a todos meus colegas de mestrado e especialmente a minha amiga Jaqueline e ao meu amigo Carlos pelas tantas vezes que me socorreram quando eu estava com alguma dúvida.

Um agradecimento em especial à minha orientadora, a professora Dr^a Lana Mara Castro Siman, pelo seu profissionalismo, compreensão, paciência e generosidade no modo de compartilhar seus conhecimentos comigo. Suas contribuições foram essenciais para que eu conseguisse vencer as dificuldades. Ao meu coorientador Prof. Dr^o. Fabrício Andrade pelas valiosas dicas que me ajudaram a ter um melhor entendimento sobre conceitos do campo da arte e de seu ensino.

Ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação e Formação Humana da UEMG, na figura de cada funcionário com quem tive contato, recebendo sempre o apoio necessário. A todos os professores que tive a oportunidade de conviver durante este período que cursei o mestrado, principalmente aos integrantes da banca examinadora, por aceitarem participar deste momento.

Agradeço à Escola Municipal Aduino Lúcio Cardoso, em especial a Prof.^a Roseli Correia pela boa recepção e apoio em todas as vezes que eu precisei de alguma informação, pelas fotografias cedidas e pela cumplicidade. Aos artistas grafiteiros Henrick Tsade e Laris por terem aceitado o meu convite de entrevista e pela rica contribuição à minha pesquisa com a sua arte

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.

Paulo Freire

RESUMO

As manifestações artísticas no espaço urbano promovem uma nova forma de informação visual, ou seja, possibilitam a milhares de pessoas que transitam pelas ruas a entrar em contato com uma arte que desafia as normas sociais e padrões arquitetônicos planejados para um determinado lugar. Por este motivo, ao reconhecer que a arte pública é uma forma de representação dos anseios e aspirações sociais de uma cidade, conclui-se que o artista urbano recria fatos antigos ou faz ressurgir velhas memórias coletivas daquele lugar. Nesse sentido, meu interesse foi o de investigar uma proposta educativa que utilizou da linguagem do grafite para formar os jovens alunos e moradores locais para o exercício da cidadania e, sobretudo, para o reconhecimento da sua história na cultura local em que vivem. Foi realizado um estudo de caso sobre uma proposta educativa socioambiental de revitalização do Córrego Capão, realizada pela Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso em parceria com o Núcleo Capão e um grupo de moradores do Bairro Lagoa, localizado na regional Venda Nova em Belo Horizonte. O objetivo deste projeto é o de fazer um corredor de grafites ao longo deste córrego, conscientizando os alunos e toda a comunidade escolar sobre a importância da preservação ambiental através de ações ambientais e da arte urbana, fomentando novos laços de pertencimento local, e a reconexão destes com a sua história e memória. Assim, investiguei através das experiências e relatos dos alunos, professores e artistas que também são moradores desta região, a relevância da expressão dos grafites e os significados que estes atores atribuem à experiência concebida e vivenciada de feitura de grafites alusivos à recuperação do Córrego Capão. Os dados analisados foram recolhidos por meio da observação participante com notas de campo, de entrevistas semiestruturadas, de um grupo focal com os alunos, e de registros fotográficos das intervenções artísticas realizadas. Fundamentamos na teoria da educação libertadora proposta pelo educador Paulo Freire (1999) e na perspectiva da educação para as sensibilidades de Sandra Pesavento (2007). Além destes autores, também utilizei como base os conceitos dos autores como Barbosa (1998), Viana (2007), Rancière (2005), Gitahy (1999), Meneses (2009), Silva (2005) dentre outros autores importantes. Como resultado desta pesquisa, verificamos que os jovens e os artistas urbanos buscam nas paredes das grandes cidades, expressar um desejo de serem ouvidos através da arte do grafite, e inclusive, desejam transmitir uma mensagem de protesto ou uma crítica sobre uma realidade atual ao público que transita por aqueles locais. Além disso, também verificamos que esta proposta educativa socioambiental de revitalização do Córrego Capão criou oportunidades para a emergência de uma nova perspectiva socioambiental na comunidade do Bairro Lagoa, influenciando moradores locais, artistas, alunos e professores a mudarem seu comportamento em relação ao local em que vivem.

Palavras-chave: Arte Pública. Cidade. Ações socioambientais. Grafite. Ensino de Artes Visuais.

ABSTRACT

The artistic manifestations in the urban space promote a new form of visual information, that is, they enable thousands of people who transit the streets to come into contact with an art that defies the social norms and architectural standards planned for a certain place. For this reason, in recognizing that public art is a form of representation of the social yearnings and aspirations of a city, it is concluded that the urban artist recreates ancient facts or resurrects old collective memories of that place. In this sense, my interest was to investigate an educational proposal that used the language of graphite to train young students and local residents to exercise citizenship and, above all, to recognize their history in the local culture in which they live. A case study was carried out on a social and environmental educational proposal for the revitalization of Capão Stream, carried out by the Municipal School Adauto Lúcio Cardoso in partnership with the Capão Nucleus and a group of residents of Bairro Lagoa, located in Venda Nova district in Belo Horizonte. The objective of this project is to make a corridor of graffiti along this stream, making students and the entire school community aware of the importance of environmental preservation through environmental actions and urban art, fostering new bonds of local belonging, and reconnection with their history and memory. Thus, I investigated through the experiences and reports of students and teachers and artists who are also residents of this region, the relevance of the expression of graffiti and the meanings that these actors attribute to the experience conceived and experienced of making graffiti allusive to the recovery of Capão Stream. The data analyzed were collected through participant observation with field notes, semi-structured interviews, a focus group with the students, and photographic records of the artistic interventions performed. We are based on the theory of liberating education proposed by educator Paulo Freire (1999) and from the perspective of education for the sensibilities of Sandra Pesavento (2007). In addition to these authors, I also used the concepts of the authors such as Barbosa (1998), Viana (2007), Rancière (2005), Gitahy (1999) Meneses (2009) and Silva (2005) among others. As a result of this research, we find that young people and urban artists search the walls of big cities, express a desire to be heard through the art of graphite, and even wish to convey a protest message or a critique about a current reality to the public that transit through those places. In addition, we have also verified that this socio-environmental educational proposal for the revitalization of Córrego Capão created opportunities for the emergence of a new socio-environmental perspective in the community of Bairro Lagoa, influencing local residents, artists, students and teachers to change their behavior in relation to the place where they.

Keywords: Public Art. City. Socio-environmental actions. Graphite. Teaching Visual Arts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Richard Serra, Arco Inclinado.....	19
Figura 2 – Autor desconhecido. Afrescos Egípcios.....	22
Figura 3 – Autor desconhecido, Inscrições Romanas antigas.....	22
Figura 4 – Autor desconhecido, Afrescos da Villa Dei Misteri.....	23
Figura 5 – Diego Rivera, The Mechanization of the Country.....	25
Figura 6 – Cândido Portinari, Mestiço.....	26
Figura 7 – Basquiat, sem título.....	27
Figura 8 – Autor Autopsia	34
Figura 9 – Autor desconhecido, Wilde Style.....	34
Figura 10 – Alex Bonaldo, sem título.....	35
Figura 11 – Banksy, sem título.....	35
Figura 12 – Edgar Müller, sem título.....	36
Figura 13 – Autor desconhecido.....	36
Figura 14 – Autor desconhecido.....	37
Figura 15 – Informativo de divulgação da escola.....	45
Figura 16 – Alunos cuidando dos canteiros de mudas na Praça Madona.....	45
Figura 17 – Frans Krajcberg, Flor do Manguê.....	50
Figura 18 – Frans Krajcberg, sem título.....	50
Figura 19 – Claude Monet, The Gare Saint-Lazare.....	51
Figura 20 – Francesco Bachiacca. A pregação de São João Batista.....	55
Figura 21 – Peter Paul Rubens. Paisagem com arco-íris.....	56
Figura 22 – Claude Monet, Impressão - Nascer do Sol.....	56
Figura 23 – Alunos participando de palestras promovidas pelo Núcleo Capão....	66
Figura 24 – Caminhada ecológica realizada com os alunos da Escola Integrada	66
Figura 25 – Alunos da escola participando das ações de Ponto Limpo.....	67
Figura 26 – Moradores, alunos e voluntários participando das ações do Ponto Limpo.....	67
Figura 27 – Aluno Monitor pintando as mãos de aluno.....	70
Figura 28 – Monitor Fabiano imprimindo as mãos de tinta sobre a parede.....	71
Figura 29 – Mural “Árvore das Mãos”, finalizado.....	71

Figura 30 – Mãos coloridas de tinta de alunos da escola e do Projeto Vida Padre Guailhac.....	72
Figura 31 – Interação entre grafiteiros crianças da comunidade.....	73
Figura 32 – Crianças participando do grafite em ação socioambiental.....	74
Figura 33 – Detalhe da pintura censurada.....	74
Figura 34 – Grafite da intervenção artística de 2017.....	76
Figura 35 – Roda de capoeira.....	78
Figura 36 – Moradoras Fabricando sabão caseiro.....	79
Figura 37 – Crianças da comunidade pintando com a ajuda dos grafiteiros.....	78
Figura 38 – Grafite realizado durante ação socioambiental	80
Figura 39 – Grafiteiro finalizando seu grafite.....	81
Figura 40 – Grafiteiro criando seu grafite.....	81
Figura 41 – Criança cuidando do canteiro	82
Figura 42 – Voluntários ajudando no plantio de muda.....	82
Figura 43 – Parte limpa do córrego Capão.....	83
Figura 44 – Grafiteiro realizando intervenção nos canteiros	84
Figura 45 – Mural em processo de criação	84
Figura 46 – Comunidade participando de ação socioambiental	88
Figura 47 – Alunos plantando muda nas escolas.....	91
Figura 48 – Gotejador de garrafa pet.....	91
Figura 49 – Alunos participando de caminhada na ação	94
Figura 50 – Alunos do projeto arte e vida ensinando os alunos pequenos.....	94
Figura 51 – Alunos pintando as placas de madeira.....	94
Figura 52 – Alunos no sarau de poesias	95
Figura 53 – Alunos pintando os bancos da praça.....	95
Figura 54 – Bancos pintados por funcionários da prefeitura	96
Figura 55 – Aluna realizando a pintura de estêncil	98
Figura 56 – Pintura com estêncil nos armários da escola.....	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COPASA – Companhia de Saneamento de Minas Gerais

DRENURBS – Programa de Recuperação Ambiental de Belo Horizonte

EJA – Educação de Jovens e Adultos

E.M. Adauto Lúcio Cardoso: Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso.

EUA – Estados Unidos da América

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LABEPEH/UFMG – Laboratório de Pesquisa sobre o Ensino de História /
Universidade Federal de Minas Gerais

PAP – Projeto de ação Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte

SLU – Superintendência de Limpeza Urbana de Belo Horizonte

SMED – Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte

SUDECAP – Superintendência de Desenvolvimento da Capital

UNCA - União dos moradores do bairro Ribeiro de Abreu.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UMCA - União dos moradores do Ribeiro de Abreu

VIURBES – Programa de Estruturação Viária de Belo Horizonte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 ARTE PÚBLICA E OS SEUS DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS	17
1.1 Algumas referências temporais sobre a arte pública no mundo ocidental	17
1.2 Os movimentos muralistas e a expansão do grafite contemporâneo.....	21
1.3 As diferentes tendências artísticas que constituem os grafites contemporâneos	33
2 A ARTE, A CIDADE E A EDUCAÇÃO PARA AS SENSIBILIDADES	39
2.1 A arte pública e a sua inserção no espaço escolar	39
2.2 A Arte educação e o meio ambiente	49
3 O NÚCLEO CAPÃO E AS INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS DA PROPOSTA	
“DO MURO À MARGEM”	53
3.1 Paisagem cultural: Uma possibilidade de romper com a separação entre natural e cultural no âmbito patrimônio	53
3.2 A escola e a proposta de intervenção artística: “Do muro à Margem”	57
3.3 O surgimento do Núcleo Capão e sua parceria com a Escola	61
3.4 O grafite e a Comunidade	68
3.5 O grafite e a Educação	89
3.6 O grafite e os jovens	101
3.7 O grafite como uma crítica social	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS	122
ANEXOS.....	126
Anexo A – Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos.....	126
Anexo B- Termo de anuência da escola participante	127

APÊNDICES	128
Apêndice A – Termos de assentimento/consentimento e autorização de uso de imagem	128
Apêndice B – Entrevistas realizadas	149

INTRODUÇÃO

A trajetória da construção do problema de pesquisa

Desde o início da minha graduação em Artes Visuais percebi a ausência de uma melhor discussão sobre questões culturais na formação do aluno e do artista/professor, o que reforça a importante união entre a arte, cultura e educação. Ao longo da minha trajetória como professora fui também compreendendo, na prática, como arte-educadora, a importância do (re)conhecimento da cultura local em que os alunos se encontravam inseridos e, assim pensando, planejávamos nossas aulas a fim de que essa cultura se tornasse objeto de trabalho junto aos alunos.

No final de 2007, fui contratada para lecionar em uma oficina de intervenção artística dentro das escolas municipais, no contexto do Programa Escola Integrada, criado pela Prefeitura de Belo Horizonte. Nesse projeto, tive a oportunidade de refletir sobre a importância dessas questões mencionadas na prática docente, dentro do ambiente escolar. A proposta principal era a de criar, através da pintura mural e da técnica do grafite, trilhas educativas que representassem a expressão de acontecimentos culturais e históricos provenientes da vida do aluno e de sua comunidade, possibilitando, assim, um melhor diálogo entre o espaço escolar, alunos e comunidade local. Os alunos percorriam um caminho até o local que aconteciam as oficinas da Escola Integrada, pois as aulas aconteciam em espaços cedidos pela comunidade ou que eram alugados pela prefeitura. O objetivo principal desta proposta era ir “colorindo” esse caminho com as pinturas nos muros e postes, representando, assim, uma ideia ou uma história relacionada ao seu cotidiano.

Essa experiência profissional permitiu-me perceber a necessidade do professor de artes expandir seu ensino para além da folha de papel e da sala de aula, pois a arte e a cultura podem ser consideradas campos de conhecimentos que abrangem uma amplitude de significados que se manifestam por meio de diferentes linguagens e em diferentes lugares. Pensei, assim, que esses campos, arte e cultura, não podem ser vivenciados somente no aprendizado de técnicas e na leitura/fruição de obras de artistas consagrados pela história da arte, em relação às quais o aluno não consegue fazer uma aproximação com sua realidade sociocultural.

Desse modo, a partir dessa primeira experiência com a arte urbana tive a oportunidade de ampliar meus conhecimentos e observar os resultados positivos que a arte do grafite produziu naqueles alunos que participaram das pinturas nos muros. Lembro bem da alegria daqueles alunos ao saírem para grafitar as ruas. Era surpreendente como comentavam com orgulho a respeito das pinturas que fizeram e alguns se sentiam, até mesmo, importantes “artistas”. Também observei uma melhor integração deles e de outras crianças do projeto Escola Integrada com os lugares em que aconteceram as intervenções artísticas.

Em 2008, durante a produção de nossa monografia, realizei uma visita a uma escola localizada no Morro do Papagaio, a qual desenvolvia a mesma proposta da Prefeitura de Belo Horizonte, realizando pinturas murais pelos territórios daquela comunidade. Nessa escola, as intervenções artísticas realizadas pelos seus alunos tiveram uma boa aceitação de moradores desta comunidade, contribuindo para significativos resultados mediados pelas pinturas murais feitas pelos alunos. Então, observei a partir de muitas visitas feitas a este local, que a pintura mural e os grafites criados naquela proposta de intervenção artística indicavam um poder de transformação social e cultural para aquela comunidade e, sobretudo, para os alunos que se envolveram nesse fazer artístico.

Essas percepções levaram-me a reformular minha monografia sobre a pintura mural no espaço escolar, buscando estabelecer relações entre a arte pública e o ensino de Artes Visuais. E por ser esse um tema tão instigante e relevante decidi continuar a pesquisá-lo no mestrado, focando nas repercussões que as propostas artísticas urbanas, quando voltadas para valorização do patrimônio, provocam nos cidadãos e nos jovens alunos.

A ideia inicial em minha pesquisa seria, portanto, e em certa medida, dar continuidade a estudos e práticas iniciados na nossa graduação, sendo que agora a intenção é fazer um recorte em práticas patrimoniais que tiveram como objetivo a formação cidadã, artística e cultural do jovem educando. Dentre as muitas propostas de arte urbana em Belo Horizonte já desenvolvidas ou que ainda trabalham com essa intencionalidade, escolhi investigar uma proposta de educação ambiental (que toma o ambiente como patrimônio), cujo foco é a revitalização do Córrego Capão, da qual participam os alunos da E. M. Adauto Lúcio Cardoso, juntamente com a comunidade local e o Núcleo Capão.

A escolha pelo estudo desse projeto educativo se deve ao interesse que tenho pela arte do grafite, devido ao seu poder de dar visibilidade a propostas de preservação ambientais e sustentáveis, como também pelo seu potencial de tornar-se um mediador na formação de cidadania cultural quando se trata de envolver a comunidade escolar em relação com a comunidade local. A proposta da E.M. Adauto Lúcio Cardoso, como veremos, mais detalhadamente, em um dos capítulos de minha pesquisa, visa ressignificar as margens do Córrego Capão através da arte urbana, considerando essa paisagem como um lugar valioso que, além de possuir valores históricos, de memória e identidade para aqueles que no passado, dele usufruíram, possuiu também valor para aqueles que hoje lutam pela sua revitalização ambiental.

A ideia de estudar a proposta socioambiental de revitalização do Córrego Capão realizada pela E.M. Adauto Lúcio Cardoso, juntamente com o Núcleo Capão, surgiu primeiramente pela indicação de minha orientadora Lana Mara Castro Siman que já conhecia essa ação através de um projeto educacional que realizou, em equipe, na regional Venda Nova. Nessa mesma época, a professora Lana convidou-me para participar, como ouvinte, do I Seminário Educação e Cidade: Leituras Urbanas, realizado pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. Assim, conheci o trabalho realizado pela E.M. Adauto Lúcio Cardoso de preservação ambiental através das expressões dos grafites.

Por meio das expressões contemporâneas dos grafites estudamos uma ação socioambiental que surgiu da parceria entre uma escola pública e o Núcleo Capão no intuito de sensibilizar alunos, professores e comunidade local para começarem a refletir sobre seus direitos político-sociais como cidadãos, reconhecendo-se, através da arte, pertencentes àquele espaço urbano. Essa ideia nasceu por iniciativa de uma professora de uma escola pública que primeiramente desenvolveu projetos de educação ambiental com seus alunos e depois expandiu estas ações para fora do espaço escolar, a ponto de ocupar novos espaços na cidade. Em setembro de 2017, fiz a primeira visita à escola e a coordenadora Roseli Correia me convidou para participar de um evento promovido pelo Projeto Núcleo Capão, no qual aconteceria uma intervenção artística nas proximidades da nascente do Córrego Capão no Bairro Lagoa.

Ao realizar essa primeira incursão no campo de pesquisa, busquei observar de que maneira a arte/cultura/cidade/patrimônio se articulavam na formação cidadã e no engajamento dos jovens, e, assim, pudemos definir nosso objeto de estudo:

Artistas, professores e alunos da Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso participantes do Projeto Socioambiental de revitalização do Córrego Capão em parceria com o Núcleo Capão, ao grafitarem com elementos expressivos alusivos à recuperação da paisagem cultural, resignificaram ou criaram novos significados a respeito do Córrego Capão para si e para a localidade em que vivem?

Outras questões derivam dessa questão principal:

a) Ao grafitarem, quais são os elementos expressivos que os alunos, artistas e professores consideraram como mais importantes para eles e para a comunidade?

b) Qual ou quais significados e resignificações alunos, artistas e professores atribuem ao ato de grafitar?

c) As resignificações e os novos significados revelaram o córrego como um patrimônio cultural daquela comunidade?

O objetivo geral foi compreender possíveis significados e resignificações que jovens alunos, artistas e professores participantes dessa proposta construíram a partir de intervenções artísticas por eles realizadas nos muros da escola e nas ruas próximas às margens do Córrego Capão. Como objetivos específicos buscamos: analisar a feitura do grafite realizado por alunos e grafiteiros em ações educativas ambientais promovidas na E.M. Adauto Lúcio Cardoso e pelo Núcleo Capão; Compreender os significados que atribuem à experiência de feitura do grafite em que estiveram envolvidos; identificar as influências dessas intervenções artísticas para a valorização do córrego como patrimônio cultural/ambiental junto à comunidade.

Na organização dos capítulos, realizamos uma breve contextualização histórica da arte pública e seus desdobramentos sociais, estéticos e políticos no campo artístico internacional e nacional. Além disso, esclarecemos sobre as diferenças existentes entre o muralismo, o grafite e a pichação, exemplificando de forma sucinta as diferentes tendências artísticas que constituem o campo de expressão dos grafites contemporâneos.

No segundo capítulo, abordaremos a inserção da arte pública na educação, apontando ações educativas que se apropriaram da arte urbana. No caso dos grafites, desenvolvemos a argumentação a favor da promoção de novas reflexões dos alunos e professores a respeito da necessidade da escola expandir o seu ensino para além da sala de aula e de seus muros, ocupando o espaço urbano e fomentando novos olhares sobre o lugar em que moram, sua cidade e as histórias que sobrevivem ali. Na sequência, refletimos sobre a importância da escola incluir a educação patrimonial

em seu currículo, capacitando os alunos para a compreensão da noção alargada de patrimônio cultural em vigor em nossa sociedade e, ainda, discutimos a respeito da valorização e usufruto das práticas e bens culturais existentes nas comunidades locais.

Por fim, no terceiro capítulo, discutimos o conceito de paisagem cultural criado durante a convenção da UNESCO em 1972 e chancelado pela Portaria nº127 de 2009 pelo IPHAN. Nesse contexto, definimos os principais conceitos e fragilidades que constituem essa categoria patrimonial. Por fim, apresentamos a proposta de intervenção artística “Do muro à margem” criada pela E.M. Adauto Lúcio Cardoso em parceria com o Núcleo Capão e moradores locais, contextualizando as ações ambientais que aconteceram durante entre os anos de 2017 e 2018, em que pudemos observar a feitura dos grafites e as tensões que ocorreram entre moradores, alunos e grafiteiros.

Portanto, ao realizar um estudo sobre as expressões estéticas urbanas e sua possível união com a educação básica, defendemos a ideia que valoriza a atual necessidade de a escola expandir suas ações para fora do seu espaço, em um movimento de aproximação do aluno com outras formas de olhar e vivenciar a cidade e seu patrimônio.

1. ARTE PÚBLICA E OS SEUS DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS

1.1 Algumas referências temporais sobre a arte pública no mundo ocidental

Atualmente existem inúmeras propostas de intervenções artísticas feitas com o intuito de provocar reflexões e sensações estéticas com diferentes significados culturais e que conseguem sensibilizar os cidadãos que por ali circulam. Conforme o historiador Fernando Pedro da Silva (2005, p. 35), o conceito de arte pública antigamente era definido como um processo artístico de “demarcação de lugares” muito utilizado pela classe burguesa, para reafirmar seus poderes político-sociais junto à sociedade daquela época. Inclusive, o autor esclarece que em meados do século XIX, com o início da modernização das cidades, a arte pública ganhou uma nova definição estética, pois começava a: “[...] ser discutida enquanto experiência artística, propiciadora de transformações estéticas, sociais e políticas” (SILVA, 2005, p. 35).

Naquela época, com o desenvolvimento de grandiosos projetos urbanísticos e arquitetônicos, realizados nas metrópoles, Silva (2005) ressalta que houve uma degradação crescente da história e da cultura dessas cidades, surgindo, a partir disso, novas propostas artísticas que criticavam a destruição dos espaços públicos e defendiam a criação de uma arte mais efêmera que propusesse uma maior interatividade entre o público, o espaço urbano e a natureza.

A partir de então, podemos dizer que arte pública passou a seguir novos caminhos, referindo-se cada vez mais ao seu papel social, fomentando novas possibilidades de comunicação entre os artistas e as comunidades locais. Nesse contexto, podemos considerar que as manifestações artísticas urbanas começaram a possibilitar uma maior interação com o seu público, com o objetivo também de promover novos diálogos entre o espaço urbano, o artista e o público. Para Silva (2005), essa arte consegue estabelecer uma união entre a fruição estética, o artista e a comunidade, definindo isso como uma “ação interdisciplinar”, considerando o processo de criação e desenvolvimento de projetos de arte pública. Assim, afirma esse autor:

[...] a arte pública passou a significar muito mais que arte em espaço público extrapolando os limites da permanência. O que importa é a experiência, o encontro, a possibilidade de interferir no espaço público, considerando a participação do transeunte na proposta do artista e provocando a ira dos

policiais até chegar a uma forma muito atual que é a do fazer coletivo, do construir em comunidades (SILVA, 2005, p. 75).

O autor cita, ainda, que as propostas artísticas a partir da década de setenta passaram a valorizar a memória e a cultura, promovendo, assim, um “[...] intercâmbio entre as comunidades, considerando a sua diversidade cultural, por meio de um amplo diálogo, tendo a obra de arte como elemento de interlocução” (SILVA, 2005, p. 25). Como exemplo disso, temos o surgimento de manifestações artísticas urbanas como os *Happenings* e a *Land Art* que possibilitaram o rompimento da arte com espaços privados, como os museus e galerias de arte. Em Nova York, os primeiros *Happenings* surgiram no ano de 1959 na *Galeria Reuben* em um evento realizado pelo artista Alan Krapow, sendo que essas apresentações públicas promoviam a interação total do artista com o público observador.

Já em referência ao movimento de *Land Art*, originado nos Estados Unidos da América no ano de 1967, percebe-se uma verdadeira ruptura do espaço do museu como único meio usado pelo artista, pois este abandona os museus e volta-se a integrar com a natureza, intervindo assim em lugares como desertos, montanhas, campos e parques das cidades. Uma das obras que merece destaque nessa fase artística é a obra *Spiral Jetty* de 1970 construída pelo artista Robert Smithson no Lago Utah nos EUA.

Conforme mostra Silva (2005), somente a partir da década de setenta é que ocorre definitivamente a reinvenção da arte pública. Com o apoio governamental e privado, criaram-se novas propostas artísticas que integravam a obra de arte urbana à participação comunitária. Logo, o artista começava a levar em conta o contexto do local para o qual a obra seria criada e, sobretudo, a recepção e a expectativa do público observador sobre aquela obra de arte urbana. Entretanto, segundo Silva (2005), essa preocupação artística não atingiu a maioria dos artistas interventores, pois os conceitos de arte clássica ainda estariam muito fortes dentro do circuito artístico daquela época. Logo, a arte pública ainda era vista por eles como “um objeto comemorativo e ordenador do espaço social e consequentemente criada para um público dirigido e imediato” (VENEROSO, 2012 *apud* SILVA, 2005, p.15).

Como bom exemplo disso, citaremos a obra *Arco Inclinado* do artista Richard Serra, instalada na *New York Plaza* em 1981. Segundo Veneroso (2012), essa escultura provocou uma polêmica naquela época, sendo muito criticada pela comunidade local. Explica a autora:

Ao colocar a obra naquele local, uma praça repleta de prédios públicos comerciais ou governamentais, que movimentava centenas de pessoas diariamente indo e vindo do trabalho não se pensou que o “arco” fosse interferir de uma maneira tão profunda na vida daquelas pessoas. A escultura funcionava como uma barreira física, obrigando os indivíduos a se desviarem do seu caminho habitual, buscando outros trajetos, mais longos e penosos (VENEROSO, 2012, p. 15).

Com isso, os transeuntes que circulavam naquele caminho, traçado por eles espontaneamente, tiveram que mudar o seu trajeto diário, causando assim, muito desconforto e rejeição com a instalação da escultura naquele local (ver fig. 01). Após muitas discussões e protesto por parte da comunidade local, a escultura de Richard Serra foi finalmente retirada da praça em 1989. Porém, esse fato foi muito importante para desencadear, nos EUA, transformações que culminaram na reestruturação do estatuto da arte pública, integrando, a partir disso, a opinião comunitária na elaboração e execução de obras de arte de caráter urbano.

Figura 1 – Richard Serra, Arco Inclinado, New York Plaza, 1981.



Fonte: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1392>

Segundo Silva (2005), o artista contemporâneo deveria se colocar contrário a uma "postura onipresente, individualista e mitificada da arte tradicional e sim dialogar com o público, criando possibilidades de discussão de sua proposta artística a partir de um problema em processo, pautado pela comunicação dialógica" (SILVA, 2005, p. 26). Isso quer dizer que quando o artista urbano não considera a opinião ou o cotidiano dos habitantes do espaço onde colocará sua obra de arte, ele está desprezando o diálogo que a arte pública provoca, retirando o papel social dessa manifestação artística.

No Brasil essas mudanças somente começaram a surgir a partir das décadas de sessenta e setenta, nas quais os artistas do movimento da contracultura e da nova esquerda foram fundamentais para iniciar uma ação de rompimento dos limites impostos pelos museus, ampliando os espaços de exposição da arte. Nisso, Silva (2005), cita que além desses artistas promoverem uma ruptura com padrões estéticos/artísticos tradicionais, também favoreceram a criação de propostas artísticas “voltadas para as questões políticas, comportamentais e ambientais que perpassam a vida das cidades modernas” (SILVA, 2005, p. 41).

Este autor, também, cita como exemplo o uso da arte pública como forma de protesto social e político durante o período da ditadura militar no Brasil, denunciando a perseguição política e a censura vigente naqueles períodos, ressaltando temas ligados ao cotidiano, ao banal, ao popular e ao urbano. Esse momento foi importante para o estabelecimento de projetos de intervenções urbanas no Brasil apoiados pela parceria entre poder público, a iniciativa privada e a comunidade no final do séc. XX. Ressaltou-se, ainda, que a arte pública se volta para a revalorização dos marcos históricos, buscando uma valorização da história e da cultura do local através do turismo, em que projetos de revitalização urbana de espaços abandonados e degradados eram financiados por políticas públicas (SILVA, 2005).

Segundo o pesquisador Michael Brenson (1998), em seu artigo “Perspectivas da Arte Pública”, as obras de arte que ocupam os espaços públicos favorecem novas mudanças naqueles lugares que foram colocadas, pois “a arte pública promove mudanças interligando e modelando a construção afetiva/coletiva de uma cidade à medida que se apropria do seu espaço urbano, tornando-se, assim, uma prática social” (BRENSON, 1998, p. 05). O autor ressalta, ainda, que na atualidade, as propostas de arte pública não são apenas patrocinadas por políticas públicas ou pela iniciativa privada, mas também surgem por iniciativa própria de pessoas ligadas à arte ou cultura.

Para a autora Vera Pallamin a arte urbana contemporânea também é definida como uma prática social, ou seja, como um modo de construção social dos espaços públicos, demonstrando assim os conflitos e contradições sociais presentes nesses espaços. Conforme a autora, a concretização dessa arte também traz consigo “relações de forças exercidas por grupos sociais, entre grupos e espaços, entre interpretações do cotidiano, da memória e história dos lugares urbanos” (PALLAMIN, 2000, p. 24).

A autora sugere-nos que ao falarmos sobre a arte urbana estamos também nos referindo a respeito da vida social, dos modos pelos quais as pessoas criam e recriam suas culturas e simbologias, seus imaginários que ultrapassam a materialidade presente na cidade, reafirmando assim que:

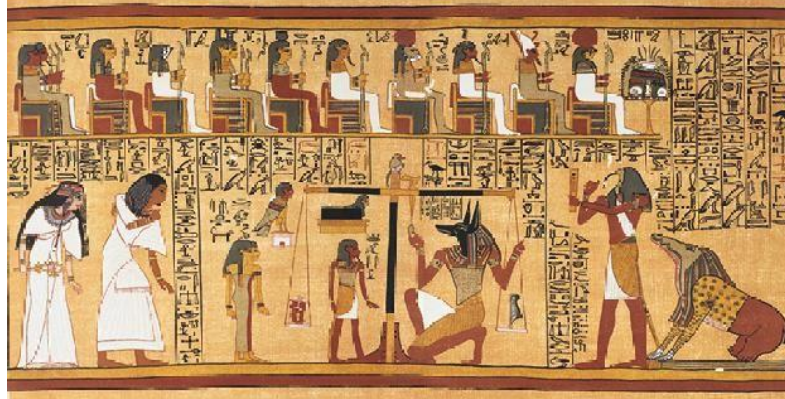
Perpassar a topologia simbólica da arte urbana é adentrar a cidade a partir de planos do imaginário de seus habitantes, incorporando-os, por princípio, à compreensão da sua materialidade. Deste modo, as referências urbanas são enfatizadas em sua dimensão qualitativa, abrindo-se à ambiguidade de seus sentidos (PALLAMIN, 2000, p. 24).

Baseando-nos nessa compreensão, analisamos o poder que as manifestações de arte pública, como o grafite, possuem na produção de novos diálogos, olhares e significados dos sujeitos participantes de uma ação educativa socioambiental realizada por uma escola pública com o apoio da comunidade local, propondo uma reflexão sobre a função social dessa expressão urbana como uma possível mediadora que facilitaria uma aproximação do jovem com a arte e com a sua história.

1.2 Os movimentos muralistas e a expansão do grafite contemporâneo:

Para melhor compreensão a respeito dos grafites contemporâneos que tiveram sua origem nos bairros periféricos de Nova Iorque em 1960, será feita uma breve contextualização histórica sobre o surgimento dessa arte e algumas diferenças técnicas e estéticas que constituem essa manifestação artística urbana. Então, considerando o grafite como um modo do homem se expressar nos espaços urbanos das cidades metropolitanas, podemos compreender que essa arte não se restringe somente à contemporaneidade, pois segundo Silva (2005, p. 41), “também podemos caracterizar como grafite as pinturas pré-históricas, os relevos mesopotâmicos e os afrescos egípcios”, como mostra a imagem a seguir:

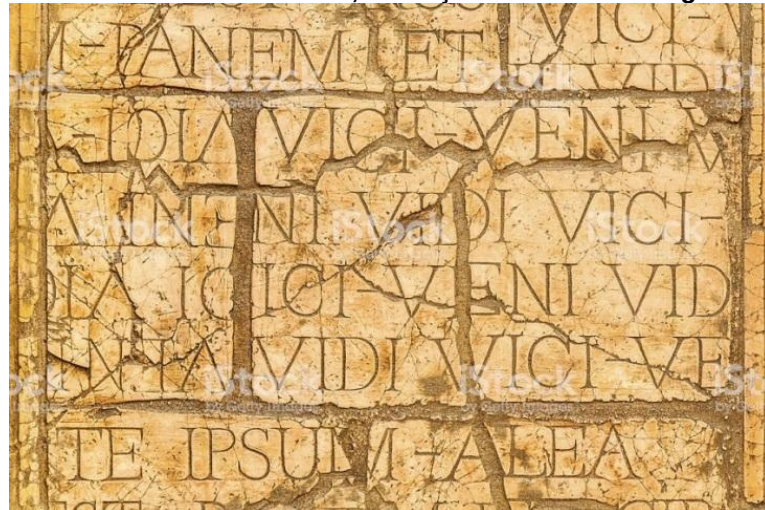
Figura 2 – Autor desconhecido. Afrescos Egípcios. Egito.



Fonte: <https://moiseslima.wordpress.com/2011/11/02/o-livro-dos-mortos-egito/>

Conforme esse autor, o grafite é o registro gráfico mais antigo feito pelo homem com a sua origem na Pré-história, retornando na Antiguidade Clássica, principalmente em Roma e na Grécia antiga, como os murais conhecidos da cidade de Pompeia. Para o autor, as inscrições romanas já eram uma forma de contestação social ante os descontentamentos com as figuras públicas da sociedade e também um meio de expressão de sentimentos, como declarações de amor e ódio, anúncios, recados informais e até mesmo poesias. Como exemplo, veja-se a imagem a seguir:

Figura 3 – Autor desconhecido, Inscrições Romanas antigas. Roma.



Fonte: <https://www.istockphoto.com/br/foto/rachado-parede-com-inscrições-latina-e-letras-romanas-gm185885297-27362336>

As pinturas parietais encontradas nas ruínas das cidades de Pompeia e Herculano no fim do século XVIII, cidades que foram soterradas por lavas e cinzas expelidas pela erupção do vulcão Vesúvio, foram conservadas por muito tempo. Aponta Maria Luiza Viana (2004, p. 40) que as primeiras escavações arqueológicas

feitas em 1800 acharam uma quantidade enorme de grafites e pinturas parietais realizados, na época, por “pintores-Artesãos” durante quatro séculos de produção.

A autora complementa ainda que os murais de Pompeia foram feitos principalmente no interior das casas, por donzelas e aristocratas da época, citando que o interesse dos romanos pela pintura mural surgiu através da influência da cultura grega, existente até o período da conquista do império romano em 80 a.C.

Viana (2004) explica que os murais dessa fase continham temas e personagens mitológicos, citando os afrescos da *Villa Dei Misteri* como importante exemplo para definir a pintura do período, como podemos ver a seguir:

Figura 4 – Autor desconhecido, Afrescos da *Villa Dei Misteri*. Pompeia.



Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g187786-d669199-127080166-Villa_dei_Misteri-Pompeii_Province_of_Naples_Campania.html.

Viana descreve que essas pinturas parietais, além de retratar os mitos e crenças daquele povo, também transmitiam acontecimentos político-sociais ocorridos dentro daquela sociedade, além das inscrições feitas pelos romanos de classe baixa e escravos nas ruas, como as mensagens eleitorais, declaração de amor e desenhos. Esclarece Viana:

As escritas eram feitas durante a noite com o auxílio do *dealbator*, que estendia o fundo branco e do *lanternarius* que segurava a lâmpada e a escada. Junto a estas inscrições 'oficiais', aparecem inscrições com mensagens de amor, declarações e desenhos deixados pelos cidadãos da província (VIANA, 2004, p. 41).

Nesse contexto, a autora destaca que lugares como tabernas e lojas continham a maior quantidade de inscrições, sendo a mais interessante dentre todas essas mensagens, aquela dedicada à própria parede: “*admiror o paries te non cecidissee ruinis quitoto scriptorumtaedia sustineas* (Muro, fico surpreendido que você

não caia envergonhado sob o peso daquilo que se escreve sobre você)” (VIANA, 2004, p. 41). Logo, Viana compara as inscrições de Pompeia com o grafite atual, pois cita que naquele período surgiu a ideia de “decorar” as letras com *serifas*, que eram pequenos traços desenhados nas bordas laterais das palavras romanas. A autora esclarece ainda que o estilo *Wilde Style*¹, muito utilizado hoje pelos grafiteiros, é uma forma mais sofisticada da qual teve sua origem a partir das inscrições realizadas em Pompeia.

Para Pedro Paulo Funari (1989), essas pinturas parietais na antiguidade eram utilizadas pelas classes sociais menos favorecidas, pois não teriam acesso a uma educação formal. Para o autor:

As intervenções nas paredes ou parietais, além de numerosíssimas, provinham de todos os grupos populares da cidade, de camponeses a artesãos, de gladiadores a lavadores. [...] Seu caráter público, por outro lado, confere às intervenções murais traços únicos no contexto da criação cultural popular. [...] Outra característica marcante do grafite reside na inevitabilidade da leitura pública das mensagens (FUNARI, 1989, p. 28-29).

A partir desse contexto, é possível perceber que o grafite como conhecemos hoje poderia ser uma continuidade ou extensão das inscrições parietais realizadas pelo homem na antiguidade. Esse fato se deve à capacidade inerente ao ser humano de se comunicar, e pela maior aproximação do público com essa arte. De acordo com o autor, essa manifestação artística não se encontra guardada dentro de um espaço físico de acesso limitado: “[...] por não estar preso a uma página ou guardado dentro de algum local, o grafite denuncia através de sua mensagem a quem quer ou não vê-lo” (FUNARI, 1989, p. 29).

Considerando esse caráter revolucionário da arte do grafite, também podemos considerar que o movimento Muralista Mexicano influenciou de certo modo a construção desse caráter, tanto mais pela sua história com intenções primeiramente político-sociais. Em sua reportagem “Do Grafite ao Muralismo Mexicano”, o crítico de arte Afonso Machado (2015), aponta que a criação de um Movimento Muralista no México, pelo Ministro da Cultura José Vasconcelos, tinha dentre os principais objetivos o de comunicar ao povo analfabeto temas relacionados aos problemas nacionais e culturais da sociedade mexicana.

Machado (2015) também acrescenta que o desenvolvimento dessa arte urbana fundada na contestação juvenil e na crítica político-social teve influências do

¹ É um estilo ilegível e aprimorado do grafite, onde as letras estão ligadas umas às outras, abandonando a sua forma original e tornando-se um desenho.

Movimento Muralista Mexicano formado pelos artistas Diego Rivera, José Clemente Orozco, David Alfaro Siqueiros e outros artistas. A pintura tornava-se naquele contexto uma estratégia que favoreceu uma educação popular e de certo modo uma conscientização política após anos de ditadura. Para tanto, os murais representavam a história de dominação hispânico-cristã do período colonial e, ao mesmo tempo, valorizavam os aspectos culturais dos povos indígenas e elementos importantes da cultura mexicana, como mostramos na imagem a seguir:

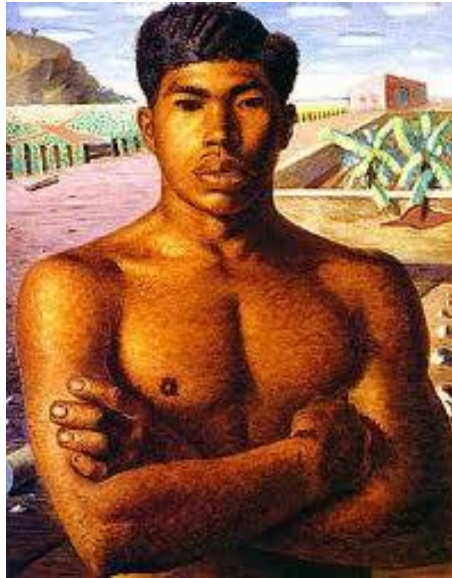
Figura 5 – Diego Rivera, *The Mechanization of the Country*. México, 1926.



Fonte: <http://www.revistacliche.com.br/2013/09/o-muralismo-mexicano/>.

Para Machado (2015), o Movimento Muralista Mexicano teve sua importância ao deixar um legado pictórico riquíssimo, o qual repercutiu e ainda contribui na criação artística de muitos grafiteiros da atualidade. Afirma o autor que esse movimento artístico “passa pela riqueza de informações históricas, políticas e antropológicas que uma pintura pode abarcar a partir da sua lógica interna” (MACHADO, 2015). Conforme o autor, no Brasil, as influências do muralismo mexicano podem ser apreciadas na obra dos pintores Di Cavalcanti (1897-1976) e Cândido Portinari (1903-1962). Nos murais de Portinari esse fato se torna mais visível com a representação de temas nacionais, com forte apelo social e político. Para exemplificar, Machado (2015) cita alguns murais de Portinari, como *Mestiço* (1934), *Mulher com Criança* (1938) e *O Lavrador de Café* (1939). Representamos a seguir um desses exemplos:

Figura 6 – Cândido Portinari, *Mestiço*, 1934.



Fonte: <http://coletivorosadopovo.blogspot.com/2011/06/candido-portinari-mestico-1934-oleo.html>

A expansão do grafite das ruas de bairros periféricos de Nova Iorque em 1960 para as galerias de arte contemporâneas de todo o mundo teve seu momento inicial, segundo o autor Celso Gitahy (1999), na cidade de Paris em 1968 com os protestos estudantis, quando palavras de ordem, mensagens de amor e humor foram pichadas nos muros da cidade. A partir disso, esses movimentos juvenis também suscitaram novas discussões sobre o papel da arte, questionando a sua relação com o mercado artístico e com os espaços institucionais que ela ocupa, ou seja, os museus e galerias de arte.

Conforme Gitahy (1999), em 1950, o grafite surge no Brasil com o uso do spray, perpassa pelas décadas de setenta e somente se consagra a partir de 1980. Na verdade, de acordo com os fatos, o autor cita que o mercado de arte na década de 80 sofreu um crescimento muito grande, do qual os grafiteiros norte americanos como *Basquiat* e *Keith Haring* são os melhores exemplos da expansão da arte do grafite para dentro das instituições de artes, como podemos ver na imagem a seguir:

Figura 7 – Basquiat, Sem título, 1981.



Fonte: <https://crystalbridges.org/blog/jean-michael-basquiat/>

Em concordância, para Silva (2005), o grafite também se firmou como uma arte das minorias oprimidas, caracterizando-se, assim, como uma arte transgressora e provocativa, reafirmando seu caráter transgressor a partir de sua inserção dentro do movimento cultural Hip-Hop, sendo apropriada pelos grupos juvenis como espaço de expressão e visibilidades ante a Sociedade. Segundo o autor, o grafite é apropriado pelos jovens para se expressarem e se tornarem “conhecidos” pela sociedade, no desejo de ocupar o espaço público que muitas vezes é limitado, seja por normas, seja por burocracias políticas.

Assim, Silva (2005), ressalta que o grafite esteve presente na cena urbana das metrópoles para representar e expressar uma rebeldia juvenil e, sobretudo, como um “fenômeno cultural marcante dos anos 1980” (Silva, 2005, p. 43). Para o autor Pierro Bagnariol (2004), os grafites desse período também são definidos como forte instrumento visual e criativo do discurso juvenil, usados pelos jovens na promoção de uma arte que relacione política com questões socioculturais. Aliás, esclarece que, assim como outras manifestações de arte pública, o grafite reafirma a rua como um meio urbano ideal para cultivar a liberdade de expressão e, assim, possibilitar ao público um melhor diálogo com arte local. Pontua o autor que:

Ao ocupar as ruas, os grafites colocam em questão o acesso à cultura e o mercado de arte que aprisiona as obras em museus e galerias. Assim como nos happenings, a escrita nos muros se transforma em espetáculo público, em ritual, envolvendo música, dança, performance e protesto no caso do grafite inserindo o movimento *Hip Hop* (BAGNARIOL, 2004, p. 157).

Segundo Silva (2005), outra característica marcante dessa manifestação artística é o modo como ela impacta o seu público, pois consegue trabalhar com a emoção e com o pensamento crítico, rompendo com “a monotonia cotidiana, faz pensar, desperta sensações, marca os pontos de encontro e convivência, provoca as mudanças e o crescimento humano, definindo o projeto público de arte” (Silva, 2005, p. 44). Inclusive, para o autor, o grafite possui a intenção de ressignificar os espaços e em muitos casos reconectar a população com a cultura e o patrimônio. Já a pichação é considerada por muitos grafiteiros somente como uma ação rápida, ou seja, um ato fugaz de expressão do jovem naquele momento.

Ao pontuar sobre as diferenças entre grafite e pichação Gitahy (1999), explicita que as duas formas são parecidas por utilizarem mesmo suporte e materiais para expressão de sua mensagem, além de possuírem o mesmo caráter revolucionário e subversivo. Entretanto, o grafite e a pichação se diferem pela sua origem, pois o grafite advém do campo das Artes Plásticas, privilegiando a imagem e a sua produção, e a pichação vêm do campo da escrita. Para o autor, o ato de pichar possui diferentes significados que abrange o ato de escrever, aplicar piche ou sujar ou falar mal (GITAHY, 1999).

Assim, essa ideia do homem de escrever nas paredes, como foi dito anteriormente, é ancestral, sendo que até hoje é vista como um ato de vandalismo com caráter transgressor e agressivo. Gitahy (1999) considera que a pichação foi a expressão utilizada por revolucionários de todas as partes do mundo para criticar a postura dos seus governantes políticos ou para expor um pensamento ideológico. Porém, o autor comenta que a pichação foi perdendo esse cunho puramente político e começou a transmitir mensagens de humor, declarações de amor ou simplesmente representavam um nome ou apelido conhecido pelos jovens pichadores e grafiteiros como *Tag*.²

Em relação à diferença entre grafite e pichação Gitahy (1999), esclarece-nos que ambas possuem o caráter transgressor, porém o grafite possui como objetivo um resultado artístico mais elaborado e preocupado com a estética visual, com o uso das cores, na harmonia de formas e sua disposição no espaço pictórico. Já na pichação, não há necessidade do jovem ter esses conhecimentos, pois é uma ação mais rápida

² *Tags*: traduzido do inglês significa assinatura, foram criados pelos *writers* (escritores de rua), geralmente são feitas com tinta *spray* e ocupam os metrô, muros, garagens, prédios e postes das cidades.

e gestual, desprovida de uma intenção estética. Segundo o autor, para alguns jovens pichadores o que fica é a experiência, para outros é a visibilidade que conseguirá com a pichação de um monumento importante ou do prédio mais alto.

Para o antropólogo Alexandre Barbosa Pereira (2010), o sujeito que realiza uma pichação em um espaço público ou privado pode estar expressando fatores como a desigualdade social e outros motivos para realizar tal ato. O autor complementa que essa ação de grafitar/pichar³ os espaços urbanos, surge da falta de um livre acesso dos jovens a alguns lugares definidos como "públicos" dentro de uma organização estrutural ou política de uma cidade, criada seja pela sociedade, seja pelo poder público, e que impõe algumas restrições às classes sociais marginalizadas da sociedade.

Pereira (2010) esclarece, ainda, que a pichação e o grafite podem ser classificados como uma forma que os jovens utilizam para não serem esquecidos, para homenagear seus companheiros de "picho", para protestarem contra a opressão social sofrida por muitos, ou simplesmente, segundo esse autor, para alcançarem uma "visibilidade e projeção social para o jovem periférico, que resolve circular e ocupar o centro da cidade" (PEREIRA, 2010, p. 143).

Para o cineasta Guilherme Valiengo, que produziu o documentário "*Cidade Cinza*"⁴ sobre a cena do grafite e da pichação em São Paulo, seria necessário primeiramente que os políticos fizessem uma campanha ou um debate aberto, envolvendo os artistas, jovens pichadores, comunidade e órgãos públicos. Assim nos explica Valiengo:

Se o cara está botando o nome dele no topo de um prédio ou na rua é porque ele quer dizer alguma coisa. Será que essa é a única oportunidade que ele tem de aparecer? É preciso entender quem são essas pessoas, se elas têm acesso a entretenimento, saúde e cultura. Apenas apagar é querer calar essa voz (VALIENGO, 2017, n.p. *apud* ALESSI, 201).

Ao tentarmos compreender essas "marcas visuais" que ocupam os espaços da cidade, recorreremos também a Viana (2007, p. 11), que reforça a ideia de que essas formas de expressão sempre foram utilizadas pelo homem para representar seus

³ Pereira (2017) esclarece que ambas as ações podem ser definidas como expressão dos grafites, diferenciando-se apenas no modo de apropriação do espaço urbano e no conhecimento artístico mais profundo que possui o artista/grafiteiro.

⁴ Este documentário entrevista alguns artistas urbanos famosos de São Paulo que expressam sua arte nos espaços urbanos com os seus grafites, manifestando-se contra as autoridades que cobrem suas obras com a cor do cimento. Dirigido por Marcelo Mesquita e Guilherme Valiengo em 22 de novembro de 2013, São Paulo/SP.

costumes cotidianos, enfim a sua cultura. Além do mais, a autora refere-se a essa expressão artística como um diálogo intenso com outras áreas de conhecimento e vertentes político-sociais, assinalando, assim, que necessitamos compreender que os grafites são manifestações artísticas "abertas e híbridas", reafirmando que:

Esponetaneamente deixados na rua, os grafites se apresentam como um tipo de manifestação aberta e híbrida, propícia a entrecruzamentos com a mídia, com a arquitetura, vindo a se firmar como uma forma de contestação política, poética e de afirmação social (VIANA, 2007, p. 11).

Logo, no esforço de tentar definir essa forma de expressão visual e suas especificidades, explicita a autora:

A efervescência e a efemeridade dessa expressão das ruas requer um tipo de análise que supere seu caráter exclusivamente transgressivo ou comunicacional e sugere uma investigação no campo da arte, a partir de alguns conceitos que têm origem na modernidade, tais como as relações entre arte e vida, arte e política, arte e cultura de massa, cultura popular e erudita, cultura global e local, e ainda entre a arte e a rua (VIANA, 2007, p. 13).

A ação de intervir e provocar novos pensamentos e ações que perpassam apenas o gesto de pintar/grafitar um muro sugere que educadores possam buscar outras formas de aprendizagem que consigam explorar os espaços públicos da cidade, percebendo a cidade não apenas como uma paisagem arquitetônica, mas como um lugar que produz imagens, sentimentos e expressões de diferentes grupos culturais. Ao realizarmos um estudo sobre as expressões estéticas urbanas e sua possível união com a educação básica, precisamos (re)conhecer a necessidade atual da escola de expandir suas ações para fora do seu espaço, em um movimento de aproximação do aluno com outras formas de olhar e vivenciar a cidade e seu patrimônio.

Sandra Pesavento (2007), entende que podemos alcançar uma melhor compreensão da cidade e da nossa realidade através dos sentidos e das sensibilidades, dizendo que este último conceito se refere ao modo como o sujeito e os grupos sociais percebem a si mesmos. Ou seja, para ela:

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a ser capturado no passado, ou seja, a própria energia da vida, a *enargheia*, de que nos fala Carlo Ginzburg (PESAVENTO, 2007, p.02).

Para a autora, antigamente a cidade era percebida somente através de seus fatores econômicos e sociais, por um campo de produção de relações capitalistas e onde prevaleciam processos de dominação e subordinação. Pesavento (2007) demonstra como essa visão começa a mudar na década de 1990, com a expansão de uma história cultural a qual entende que a cidade não é apenas um lugar de produção econômica, mas: “[...] como um problema e um objeto de reflexão” (PESAVENTO, 2007, p.05).

Para compreendermos essa ideia de uma história cultural urbana proposta por esta autora, podemos nos basear no conceito de “cidade sensível”, que tem a capacidade de “[...] se apresentar mais reais à percepção de seus habitantes e passantes do que o tal referente urbano na sua materialidade e em seu tecido social concreto” (PESAVENTO, 2007, p.14). Além disso, a autora propõe ver a cidade como lugar de *sociabilidade*, uma vez que é constituída por diferentes atores, personagens, grupos, classes e suas diferentes relações sociais, com diversos comportamentos e distintos modos de interagir com o meio em que vivemos (PESAVENTO, 2007).

Sugere-nos a autora, assim, que a cidade também seja analisada como lugar de expressão, sendo um espaço democrático, de sociabilidade, lugar em que o homem deixa registradas as suas marcas. Segundo a autora, essas "marcas" podem ser vistas como aquelas:

[...] que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do habitar, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do humano: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais (PESAVENTO, 2007, p.14).

Baseado nos conceitos propostos por Pesavento (2007), o conceito de sensibilidade nos parece valioso, pois a partir dele poderemos discutir que cada época tem suas expressões de ideias e sentimentos. Logo, podemos pensar que no momento contemporâneo o grafite pode imprimir no espaço urbano marcas de uma nova sensibilidade, ao mobilizar signos que representam o passado, o presente e o futuro, ou seja, como marcas que constroem e reconstroem espaços da cidade.

A discussão a respeito das sensibilidades pode ganhar mais amplitude com as proposições conceituais de Jacques Rancière (2005), apresentados em seu texto: *A partilha do sensível: Estética e política*. Para o autor, a "Partilha do sensível" possui ao mesmo tempo um *comum* que é compartilhado e um *comum* com partes

exclusivas. De outra forma, Rancière (2005), também sugere que tal partilha pode ser aquela:

[...] que determina os que tomam parte. A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. Assim, ter esta ou aquela "ocupação" define competências ou incompetências para o comum (RANCIÈRE, 2005, p. 64).

Rancière (2005) aborda as práticas artísticas e suas "maneiras de fazer" que, segundo ele, podem interferir nas inter-relações entre as "maneiras de ser" e nas "formas de visibilidade" (RANCIÈRE, 2005, p. 64). O autor faz uma referência ao modo de ver platônico e divide em três as formas de partilha do sensível, considerando que são "a maneira pela qual as artes podem ser percebidas e pensadas como artes e como formas de inscrição do sentido da comunidade" (RANCIÈRE, 2005, p. 65).

O autor esclarece que entre essas três partilhas, uma se define pelo registro escrito e pintado, e as outras duas estariam diretamente ligadas a um sentido "vivo" caracterizado pelas performances. Assim, seria como se as palavras e os signos visuais pictóricos ganhassem uma outra dimensão, ou seja, quando o artista "se opõe à superfície muda dos signos pintados" (RANCIÈRE, 2005, p. 66).

Para a pesquisadora Elenise Cristina Pires de Andrade ao compreendermos estas imagens que habitam os lugares de uma cidade, precisamos compreender as representações imagéticas presente nestes locais. Segundo a autora são estas intervenções visuais que articulam com o cotidiano, produzindo uma postura estético-política de questionamentos, criando assim, o que ela define como uma "política representacional". Andrade (2015) questiona o poder das imagens quando essas não pretendem apenas nos explicar ou ilustrar algo, pois esses signos representativos, como os grafites, nos provocam outras formas de olhar e vivenciar a cidade, o mundo, a expressão cultural e o conhecimento.

Com base nesses preceitos, não pretendemos categorizar os grafites e as diferentes expressões estéticas que os compõem em predefinições que ditam o que é arte e o que não é arte, mas, sim, investigar o seu poder de transformação social e cultural de uma comunidade localizada na regional Venda Nova, em Belo Horizonte. Nesse contexto, analisaremos como os grafites inseridos dentro de uma ação socioambiental realizada por moradores locais, artistas, alunos e professores de uma escola pública dessa região influenciaram na mobilização desses atores sobre uma luta social a favor da revitalização ambiental do Córrego Capão.

1.3 As diferentes tendências artísticas que constituem os grafites contemporâneos

Para uma melhor compreensão sobre as diferenças estéticas e culturais que surgiram do grafite, consideramos importante aprofundar sobre as diversas tendências artísticas que foram criadas pelos grupos juvenis a partir de contextos sociais e políticos diferentes. Viana (2007) explica que essa variedade de estilos e modos de representação visual confere a essa arte uma fragmentação e uma grande diversidade de significados estéticos/culturais.

Além disso, a autora pontua que a produção dos grafites e de suas tendências artísticas foram criadas a partir de um contexto de contestação social, política e cultural de uma época, possuindo assim um caráter de dissidência. E quando relacionamos o grafite à mídia e ao modo como o poder público e a iniciativa privada têm se apropriado dessa expressão em propostas de revitalização urbanísticas e de publicidade, temos um significado de subordinação.

Assim, Viana (2007), esclarece que neste último caso, os grafites também se submetem a interesses institucionais do próprio sistema oficial da arte, apontando que muitos artistas, no intuito de divulgar sua arte, submetem-se a esse processo, mas também “lançam mão de seus procedimentos, estabelecendo uma relação muitas vezes controversa, porém de diálogo e de via de mão dupla, entre a natureza informal de sua manifestação e o sistema oficial da arte” (VIANA, 2007, p. 15).

Nisso, faremos uma breve explicação das principais formas de manifestação dessa arte pelo motivo de esclarecer de forma simples para aqueles que não são especialistas do campo de arte. Os grafites, então, são compostos pelas seguintes tendências artísticas a seguir:

Bomb: tipo de grafite caracterizado pelo seu formato “redondinho” e por desenhos rápidos. É utilizado pelos jovens por causa de seus formatos rápidos em paredes, vagões de trem e entre outras superfícies. Alguns grafiteiros também classificam como um “Grafite Vandal”, diferente da pichação, pois possui um contorno simples e uma forma. Como mostra a imagem a seguir:

Figura 8 – Autor Autopsia, São Paulo.



Fonte: <http://www.dionisioarte.com.br/entrevista-autopsia-do-hip-hop-ao-bomb/>.

Wild Style: um tipo de grafite que possui a letra como base, caracterizada por uma maior criatividade, em que o artista modifica totalmente a letra e esta se transforma em uma forma abstrata. O artista precisa ter um conhecimento mais técnico sobre o uso das cores, luz/sombra, perspectiva e composição visual. Veja-se a imagem:

Figura 9 – Autor desconhecido, Wilde Style, São Paulo.



Fonte: <http://talkaboutgraffiti.blogspot.com/2015/04/wild-style.html>.

Aerografia: técnica artística que utiliza a tinta de parede, ao invés de utilizar a tinta em spray, em que o artista, para realizar sua pintura, utiliza um equipamento denominado aerógrafo, onde uma pressão do ar controla a saída de tinta, facilitando uma rápida cobertura de toda parede, como demonstra a imagem:

Figura 10 – Alex Bonaldo, sem título, Buriti Shopping, 2016.



Fonte: <https://gazetaguacuana.com.br/arte-urbana-feita-em-aerografia/>.

Estêncil: É umas das técnicas mais utilizadas pelos jovens grafiteiros, na qual é utilizado um molde de plástico recortado para aplicar desenhos e símbolos. É também chamado de máscara por muitos artistas, pois possui a possibilidade de repetir várias vezes o mesmo desenho. A tinta spray perpassa apenas os espaços recortados, vazios, formando desenhos simples e de rápida execução. O artista Banksy é um dos artistas mais influentes dessa vertente. Veja um exemplo a seguir:

Figura 11 – Banksy, sem título, data indefinida.



Fonte: <https://www.culturagenial.com/obras-banksy/>.

3D Art: esse estilo se baseia na pintura interativa, em que o artista cria através da técnica de ilusão de ótica uma profundidade e uma vivacidade em seus desenhos. A intenção do artista é representar uma cena real, como se estivesse acontecendo de verdade. Esse estilo também exige um grande conhecimento técnico e artístico do grafiteiro. Observe-se a imagem abaixo:

Figura 12 – Edgar Müller, sem título, Alemanha, sem data definida.



Fonte: <https://www.noticiasaoiminuto.com.br/cultura/409849/arte-urbana-grafite-em-3d-cria-cenas-surreais>.

Grafite artístico ou livre figuração: nesse estilo, considera-se uma liberdade no uso de temas, em que o grafiteiro usa a livre imaginação, criando personagens de história em quadrinhos, figurações realistas e formas abstratas, como mostra a imagem a seguir:

Figura 13 – Autor desconhecido, sem data definida.



Fonte: <https://www.pinterest.de/pin/290411875945774774/>.

Sticker: o nome dessa técnica artística traduzido do inglês significa “adesivo” e a mesma consiste na produção de vários adesivos que possuem como conteúdo desenhos livres, mensagens e críticas sociais. Os artistas praticantes dessa arte imprimem muitas cópias e depois saem nas ruas colando esses adesivos em locais visíveis da cidade. Essa tendência surgiu nos Estados Unidos, na década de noventa e, atualmente, é bem aceita pelos jovens grafiteiros para manifestarem suas ideias, emoções ou apenas para ocuparem os espaços públicos no intuito de serem “vistos”

pela sociedade. Hoje é muito difundida na cidade de São Paulo, sendo que os adesivos podem ser fixados com cola ou geralmente são usados como materiais autoadesivos. Veja-se a imagem abaixo:

Figura 14 – Autor desconhecido, São Paulo.



Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/BNE_\(artist\)](https://en.wikipedia.org/wiki/BNE_(artist)).

Após essa breve explanação sobre as diferenças de estilos e técnicas artísticas, apontaremos uma discussão sobre o fato de que muitos grafiteiros não gostam de ser comparados com os pichadores, por considerá-los iniciantes, despreparados em relação à técnica artística. Além disso, também existem alguns artistas plásticos que não gostam de igualar o muralismo ao grafite. Logo, consideramos importante expor essas divergências culturais ou estéticas que permeiam o cenário artístico atual.

Em 2008 aconteceu a I Bienal Internacional de Graffiti⁵ em Belo Horizonte, na qual artistas e grafiteiros discutiram sobre as diferenças entre grafiteagem e muralismo. A Artista plástica Charbelly Estrella⁶ destacou que existem, sim, pontos de referência em comum entre as duas tendências, como a escala das produções, reafirmando que: “Existem, sim, pontos de contato entre a produção desses dois “movimentos”, mas

⁵ O termo Graffiti é aqui utilizado na língua inglesa devido a sua história, pois foi de Nova York que aconteceu sua expansão para todo o mundo. Neste caso, os grafiteiros preferem usar essa nomenclatura ao invés da palavra em português Grafite.

⁶ Fala da artista plástica Charbelly Estrella no 1º Seminário da Bienal Internacional de Graffiti de Belo Horizonte, 09/2008.

nada suficiente para juntar um ao outro e muito menos para se ter, no graffiti, o novo Muralismo.”

O grafiteiro Saulo di Tarso foi um pouco mais radical: “graffiti nada tem a ver com Muralismo”⁷. Ele reconheceu a existência de certas semelhanças, mas destacou que o que o grafite discute vai além: “O graffiti surgiu como revolução, mas não como vontade revolucionária com uma matriz política. Essa é uma arte livre e contemporânea”. Muitos ainda vão comentar que, atualmente, o grafite já é uma arte mais valorizada na sociedade, mas ao compararmos os fatos históricos que aconteceram anos atrás e até os dias de hoje continuam a acontecer em algumas cidades, identificamos um triste sentimento que ainda perdura em nossa sociedade. Como exemplo, podemos citar o fato recente que aconteceu em 2017 na cidade de São Paulo, em que o Prefeito Dória mandou apagar os muros grafitados com tinta da cor cinza.

Por esse motivo, ao reconhecer que a arte urbana é uma forma de representação dos anseios e ideologias sociais, históricas ou culturais de uma cidade, observamos que o jovem artista grafiteiro, além de expressar sua identidade juvenil e manifestar sua voz, busca maior liberdade de expressão, convocando outros cidadãos da cidade a também refletirem e repensarem sua relação com a cidade e com o seu tempo.

Enfim, propomos uma nova compreensão sobre os valores artísticos e culturais dos grafites contemporâneos, demonstrando o valor de propor ações educativas patrimoniais que não "criminalizem" o ato de grafitar os espaços urbanos, ao contrário, que sensibilizem os jovens a utilizarem essa expressão artística como uma crítica político-social, alicerçada em um conhecimento artístico e na promoção de sua cultura local.

⁷ Fala do grafiteiro Saulo di Tarso no 1º Seminário da Bienal Internacional de Graffiti de Belo Horizonte, 09/2008.

2. A ARTE, A CIDADE E A EDUCAÇÃO PARA AS SENSIBILIDADES.

2.1 A arte pública e a sua inserção no espaço escolar

É importante assinalar aqui que apesar da rica experiência cultural/artística que a arte do grafite proporciona a todos os envolvidos nessa prática, persistem muitos preconceitos sociais e estéticos por parte da sociedade atualmente. Esse fato ainda acontece por que essa expressão artística ainda é vista por muitas pessoas como um vandalismo comparado, muitas vezes, com um ato de pichar e sujar os espaços públicos. Reside aqui a importância de citar os eventos que se fundamentam nas possibilidades de formação humana, patrimonial e estética que o grafite pode provocar nos observadores que trafegam pelos espaços urbanos ressignificados pela obra de arte urbana.

A pesquisadora Andrade (2015), focaliza em sua pesquisa *(Ar)riscaR muros Atravessando Cidades E(m) Cores*, no 2º Encontro de *Graffiti*, em Feira de Santana na Bahia, que pretendia fortalecer a arte do grafite na cidade, provocando novas reflexões sobre a arte em professores e alunos do Colégio Estadual José Ferreira Pinto. Para a autora, essa experiência favoreceu aos seus participantes um: “multidiálogo entre os diferentes conhecimentos, saberes, expressões, cotidianos de alunos, professores e artistas em conexão com a pluralidade de sentidos e lugares na cidade [...]” (ANDRADE, 2015, p. 3).

Para a autora, quando a escola aceita que os artistas grafiteiros entrem em seu meio e interajam com os alunos, essa arte, além de possibilitar uma troca de conhecimentos múltiplos entre ambas as partes, também promoverá uma boa mudança em seu cotidiano, pois favorece uma abertura de diálogos e um rompimento entre os campos da arte, da educação e da cidade. Ela também chama a nossa atenção para a riqueza dessa experiência e explicitando melhor essa proposta diz:

Propor, com esse funcionamento deslizando, um esvaziamento dos corredores, salas de aula, giz, quadro, pincel, sinal sonoro entre as aulas, cadernos, memorizações. Chamar o susto, o imponderável, os professores, os alunos, a gestão escolar a inventar outros tempos e espaços de criação, linhas rasuradas e descentradas. Propor esse pintar sem pincel, mas com *sprays* das minúsculas partículas coloridas que aderem aos sulcos dos muros, esse espaço hífen e intenso de encontro entre olhos e mãos, retina e pele, tato e visão (ANDRADE, 2015, p. 654).

Além disso, observamos nesse trabalho realizado por Andrade (2015), uma relação estreita com o estudo de campo feito na Escola municipal Aduauto Lúcio Cardoso, pois também busca um encontro dos alunos, professores, artistas e moradores com a experiência estética aliada às “dimensões sociais e formativas das práticas estéticas, éticas e políticas dos jovens” (ANDRADE, 2015, p. 4).

Outra ação patrimonial que também merece um destaque especial foi o projeto de intervenção urbana chamado “Arqueologia da Memória” coordenado pelo historiador e arte-educador Fernando Pedro da Silva, com o objetivo de restaurar a Capela de São Sebastião, localizada no distrito de São Sebastião das Águas Claras, município de nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte. Segundo o autor desse projeto patrimonial, o intuito foi o de construir “um espaço coletivo voltado para a criação, o encontro religioso, social e cultural, dinamizando os valores dessa comunidade” (SILVA, 2005, p. 101).

Em sua dissertação de mestrado, Silva (2005), relata-nos o processo de execução dessa proposta de intervenção urbana e também analisa questões referentes à reconstituição da memória coletiva e da preservação do patrimônio cultural brasileiro. Segundo ele, esse movimento somente acontece a partir de uma conscientização da comunidade sobre o valor da sua cultura local e da reconexão dos moradores com fatos de sua memória e antigas tradições. Assim, Silva (2005), mostra e analisa algumas questões que permeiam a discussão que desenvolvemos nesta presente pesquisa, tal como a importância de demonstrar o papel da arte pública em tornar uma comunidade local protagonista na preservação de um dos seus bens culturais.

Dessa forma, esse autor relata-nos também que manifestações artísticas feitas no espaço urbano das cidades contemporâneas estão possibilitando novos diálogos com as comunidades locais, como o reconhecimento dessas populações sobre problemas ambientais e de questões de cunho político-sociais presentes em seu cotidiano. Nesse sentido, mesmo que a ação patrimonial tenha acontecido fora do contexto escolar, consideramos importante reportar essa dissertação, na medida em que as manifestações artísticas aludidas mobilizaram os moradores de uma pequena comunidade na restauração e preservação de um patrimônio histórico e cultural daquela região. Complementando esta discussão com as ideias presentes no estudo de Silva (2005), recorreremos a ele novamente quando escreve:

A partir do diálogo com a comunidade local, considerando suas histórias e sonhos, construo um novo mapa a ser experimentado pelos frequentadores do lugar. O objetivo é estabelecer um amplo contato do público com os fatos da memória histórica que formam a tradição e o diferencial do arraial. Isso possibilita a ampliação dos horizontes tanto dos visitantes quanto da comunidade local, um elo entre o presente e o passado, determinando uma história em constante movimento (SILVA, 2005, p. 104).

Sendo assim, buscamos demonstrar o valor de se propor ações educativas e patrimoniais que trabalhem nessa perspectiva de diálogo com a comunidade local, sensibilizando e fomentando novos olhares sobre o lugar em que moram, sua cidade e histórias que sobrevivem ali e que necessitam ser preservadas para as gerações futuras. Como afirma Silva:

O artista contemporâneo deve se colocar contrário a uma postura onipresente, individualista e mitificada da arte tradicional e sim dialogar com o público, criando possibilidades de discussão de sua proposta artística a partir de um problema em processo, pautado pela comunicação dialógica (SILVA, 2005, p. 26).

Isso quer dizer que quando o artista urbano não considera a opinião ou o cotidiano dos habitantes do espaço onde colocará sua obra de arte pública, ele está desprezando o diálogo que a arte pública provoca, retirando o papel social dessa manifestação artística. Em um diálogo entre Paulo Freire e Tom Finkelpearl publicado no livro *Dialogues in Public Art* (2001), Freire destaca a importância dessa comunicação entre o artista e o seu público, relacionando o papel do artista ao de professor (opressor) e os observadores/fruidores aos dos alunos (oprimidos) na construção do pensamento crítico e sensível ante a sua realidade. No artigo, intitulado *Pedagogia do Opressor*, Freire faz uma crítica às metas exigidas pela educação tradicional propondo que os educadores dialoguem com seus alunos para que juntos consigam “se libertar de um sistema opressor e da cultura do silêncio” (FREIRE, 1997, p. 26).

Porém, segundo esse educador, para que o ensino alcance efetivamente o cunho “libertador” é preciso pensá-lo como uma ação com “o povo e nunca sobre ou simplesmente para o povo” (FREIRE, 1999, p. 57). Assim, Freire (1999), ressalta a necessidade de um ensino baseado na comunicação e no diálogo, no qual a função da escola seria favorecer ações que ajudem a comunidade escolar a perceber com um olhar crítico as condições sociais que vivencia, sendo o professor uns dos responsáveis por incentivar e encorajar a todos nesse processo. Reafirma o autor: o papel do professor e da professora é ajudar o aluno e a aluna a descobrirem que

dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria. Eles ensinam pelo diálogo e também aprendem quando ensinam (FREIRE, 2003).

Nesse sentido, podemos associar essa metodologia proposta por Freire às propostas de arte pública que levam em consideração a participação comunitária no processo de construção e elaboração da obra de arte pública. Dessa forma, reiteramos o valor desses conceitos abordados por Paulo Freire ao desenvolver nossa investigação sobre o Projeto de Revitalização do Córrego Capão, pois constatamos que existe uma luta comunitária social de moradores que não abrange apenas os alunos e professores da E.M. Adauto Lúcio Cardoso.

Para a pesquisadora Eloenes Lima da Silva (2015), em seu artigo *Intervenções Artísticas em espaços públicos e Pedagogias da cidade*, os processos formativos e artísticos que ocorrem devido a uma intervenção de arte pública são denominados como uma "Pedagogia das Cidades", pois são lugares que favorecem diferentes encontros que nos possibilitam perceber diferentes formas de vivenciar a cidade, seus espaços e seus signos visuais. A autora explica ainda que somente o ato de desfrutar e (re)conhecer os espaços urbanos da cidade já seriam suficientes para nos transformarmos em um cidadão múltiplo e "vivo". Relata a autora:

Assistir e vivenciar uma peça de teatro na praça da cidade, observar um grafite no muro, descobrir um minúsculo adesivo colado no poste, são ações que nos colocam em interação constante com os ambientes urbanos. Certas intervenções que atingem espaços, sujeitos, audiências e não se configuram somente como "arte", transformam-se em experiências visuais urbanas. Tanto para seus realizadores quanto para seus públicos. Nos espaços e tempos da cidade "ver" e "viver" se tornam quase sinônimos, fundem-se em um único vi(ver) sem perder sua multiplicidade (SILVA, 2015, p. 2).

Nesse sentido, a autora nos faz refletir sobre as possíveis relações criadas a partir do diálogo entre as intervenções artísticas urbanas, as cidades e os modos de viver e ocupar os espaços urbanos. Silva (2005) ressalta que é na ação de intervir nesses espaços urbanos que nós ativamos os sentidos para a percepção dos diversos elementos presentes nesses lugares. Logo, a escola como um agente sociocultural deve criar pontes entre os espaços urbanos e o ensino, ocupando os locais próximo da escola com atividades educativo-culturais, favorecendo, assim, o sentimento de pertença e uma consciência em seus alunos de que podem e devem, por direito, ocupar esses espaços de forma consciente e cidadã.

A pesquisadora Jacqueline Moll (2015), em seu texto *Cidade e Territórios Educativos: Elementos para pensar a educação na contemporaneidade*, aponta os

diversos espaços de aprendizagem na cidade e a importância de realizarmos uma diversificação do currículo escolar. Além disso, a autora também analisa o potencial de propostas educativas que acontecem dentro do projeto de educação integral, sugerindo que os educadores pensem em outros lugares para educar, além dos convencionais. Por isso consideramos importante a educação para a sensibilidade, pois pensando na atualidade, vemos a cidade como um espaço educativo através de suas manifestações socioculturais e na representação do cotidiano de seus habitantes.

Segundo Moll (2015), a escola, ao se integrar a esse processo de “ocupação” dos espaços urbanos, também cria uma ação de “re-conceitualizar a cidade, entendendo-a no seu emaranhado de ruas, avenidas, praças e prédios, como um território de múltiplas histórias e culturas [...]” (MOLL, 2015, p. 8). Com base nesses conceitos, acreditamos que a arte e o seu ensino poderiam ser mediadores dessas mudanças, estimulando o educando a conhecer e usufruir dos espaços urbanos de sua cidade, desenvolvendo vínculos afetivos e uma mentalidade que valorize o patrimônio e suas heranças culturais. Então, pode-se afirmar que arte e seu ensino poderiam, sim, ser efetivos como mediadores na promoção de importantes mudanças no cotidiano escolar e na formação cultural e cidadã de cada aluno?

Em seu livro *A Imagem no Ensino da Arte* (1991), a arte-educadora Ana Mae Barbosa discute a importância do professor de artes desenvolver, em suas aulas, atividades que “reforcem” a cultura própria de cada aluno, ou seja, sua herança artística/ estética/cultural vivenciada por ele dentro da sua comunidade. Porém, a autora adverte o professor a tomar cuidado ao conduzir e planejar essas ações, sugerindo que “[...] se não for bem conduzida, pode criar guetos culturais e manter grupos amarrados aos códigos de sua própria cultura sem possibilitar a decodificação de outras culturas” (BARBOSA, 1991, p. 24).

Consideramos a importância de a educação estabelecer uma relação com o espaço social, a cultura e o cotidiano de cada aluno, assim como consideramos essencial um ensino focado na sensibilização e na formação mais humana do sujeito, apoiando-nos na advertência feita por Ana Mae Barbosa. Para o arte-educador e pesquisador Fabrício Andrade Pereira (2014), em seu livro *Arte/Educação: Paradigmas do Século XXI*, os conhecimentos em arte podem ser significativos quando o professor propõe atividades que consigam proporcionar outras formas de

apreender o conteúdo dado na sala de aula. Para o autor, esse processo deve estar relacionado com a atenção humana, esclarecendo assim que se torna necessário:

[...] estabelecer, no domínio da sala de aula, espaços onde são possíveis, através da seletividade de processos relacionados à atenção humana, formas de acesso às memórias culturais de nossos educandos. Assim, poderemos consolidar conhecimentos que realizem confrontos culturais capazes de proporcionar aos estudantes não só *conhecer* como *reconhecer* e *reconhecer-se* (PEREIRA, 2014, p. 56).

Assim, podemos refletir: Será que a arte e o seu ensino podem ser uma potente ferramenta para a percepção individual e cultural do aluno, possibilitando a ele compreender, criticar e transformar a sua realidade? Para que isso aconteça o professor de artes necessita, de fato, levar em conta a diversidade cultural, melhor dizendo, as diferentes realidades socioculturais existentes em sua sala de aula. Já a autora Lúcia Santaella, em seu livro *O que é Semiótica*, publicado em 2003, por sua vez, conceitua a arte como uma forma de aquisição de conhecimento, onde através dela cada um pode “desenvolver formas sutis de pensar, diferenciar, comparar, generalizar, interpretar, conceber possibilidades, construir, formular hipótese e decifrar metáforas” (SANTAELLA, 2003, p. 42).

Essa autora nos sugere um rompimento com estereótipos de expressão estética e cultural adotados pelos antigos métodos de ensino de artes, sendo aplicados ainda hoje nas escolas de educação básica de todo o país. Para que isso possa acontecer na prática, a escola poderia criar espaços de diálogo que incentivassem os alunos e professores a explorarem outros espaços na escola ou na cidade que também poderiam ser educativos. Então, esse seria uns dos motivos por termos escolhido realizar um estudo de caso na E.M Adauto Lúcio Cardoso, pois esta escola oportuniza aos seus alunos e professores a ocuparem outros locais fora do ambiente escolar através de atividades como caminhadas ecológicas, intervenções artísticas, apresentações culturais e criação de canteiros de mudas nas praças e ruas da comunidade local. Como exemplo, representamos esse fato nas imagens a seguir:

Figura 15 – Informativo de divulgação da escola. Set. 2009.



Fonte: Acervo de Roseli Correia da Silva

Figura 16 – Alunos cuidando dos canteiros de mudas na Praça Madona. Set. 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia Da Silva.

A partir dessas questões e de outras já citadas anteriormente, estabelecemos uma relação entre o ensino de artes/educação/cidade/patrimônio com foco nas manifestações artísticas urbanas, com suas novas apropriações e significados que provocam nos jovens alunos, professores, artistas e comunidade local e suas possíveis repercussões. Ao relacionar o estudo de práticas educativo-culturais que se apropriam das manifestações da arte pública para favorecer um diálogo entre a arte e o patrimônio cultural, citamos a pesquisa realizada por Fabíola Batistin em sua dissertação intitulada *Arte pública: Um olhar investigativo à educação patrimonial*, publicada em 2007.

Nesse estudo, a autora associa a prática de educação patrimonial ao contato direto do sujeito com as manifestações culturais e no desenvolvimento de habilidades que o capacitam a usufruir dos bens patrimoniais para “[...] um melhor usufruto destes

bens, e propiciando à geração futura a produção de novos conhecimentos” (BATISTIN, 2007, p.14).

A educação patrimonial, segundo Batistin (2007), promoveria a relação do momento presente com o passado, ampliando, assim, a nossa percepção de vida e contribuindo para o rompimento de “muros invisíveis” que limitam o acesso da população aos seus bens culturais (BATISTIN, 2007, p.14). A autora assinala, então, que os monumentos e as obras de arte expostas nos espaços livres da cidade possuem uma imagem de caráter público, mas que são privados por não provocarem uma ligação histórica/social com esses habitantes. Nesse caso, a autora pontua que a educação patrimonial poderia:

[...] iluminar as relações sociais e econômicas que deram origem a lugares, praças, referenciais históricos e ao mesmo tempo, o conceito de patrimônio deve ir além dos monumentos arquitetônicos, trazendo à tona também as histórias de vida nesses locais (BATISTIN, 2007, p.14).

Em relação ao desenvolvimento de um aprendizado em educação patrimonial dentro do contexto escolar, seria necessário o uso de “métodos investigatórios desenvolvendo primeiramente nos alunos as habilidades de observação, a análise crítica, comparação, dedução, formulação de hipóteses e soluções de problemas” (BATISTIN, 2007, p.14). Nesse contexto, a autora ressalta a ideia de que a observação sensível ao nosso patrimônio e ao seu entorno promoverá novas formas de reconhecer e usufruir a cidade, ampliando assim múltiplos diálogos entre os sujeitos, seu patrimônio e a educação.

Outro autor que compartilha da ideia do Patrimônio não estar relacionado apenas a valores econômicos, como prédios e bens valiosos, mas também a valores afetivos e simbólicos é o pesquisador Átila Bezerra Tolentino. Em seu artigo publicado no livro *Educação patrimonial: reflexões e práticas* (2012), o autor ressalta que seria impossível pensarmos a preservação do Patrimônio Cultural sem relacioná-lo ao seu processo de “transmissão, difusão e apropriação por parte dos grupos sociais a que se refere” (TOLENTINO, 2012, p.50). A ausência dessa relação reduziria o significado de patrimônio cultural às leis de proteção patrimonial e ao conjunto de atos declaratórios que definem o seu valor econômico, histórico e social.

Ainda conforme esse mesmo autor, a educação patrimonial teria como objetivo desenvolver, além dos conhecimentos históricos nos alunos, a noção de cidadania e

um sentimento de pertencimento ao seu patrimônio, desenvolvendo um olhar crítico sobre sua realidade, reconhecendo suas referências culturais. Segundo Tolentino,

O que deve unir as ações de Educação Patrimonial é o foco no patrimônio cultural em suas diversas manifestações (materiais, imateriais, naturais, etc.), bem como nos processos educativos que devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente, da percepção crítica da realidade e da participação efetiva dos agentes sociais detentores das referências culturais (TOLENTINO, 2012, p.50).

Desse modo, a escola possui um papel importante na efetivação de uma sensibilização patrimonial de seus alunos e, inclusive, de toda comunidade escolar, favorecendo possibilidades do professor conseguir trabalhar com a educação patrimonial na sala de aula. Para Tolentino (2012, p. 51), essa sensibilização poderá partir da casa, do bairro, do modo de falar daquela região, da culinária, enfim das práticas culturais cotidianas trazidas pelos alunos, professores e comunidade local.

Nesse contexto, a escola se abre para novas experiências além daquelas previstas no calendário escolar, e assim convida a comunidade a participar de palestras, ações educativas e culturais que representem a riqueza e a diversidade histórica e cultural do patrimônio cultural regional e nacional, proporcionando, dessa forma, uma experiência única de construção coletiva da ideia de patrimônio cultural e de sua apropriação social por cada um. Para Tolentino (2012), a educação está necessariamente ligada à preservação e valorização do patrimônio cultural, pois se trata de uma prática social que representa nossas identidades e os bens culturais, considerando que “as comunidades devem ser as grandes protagonistas na seleção do que representa as suas identidades e na preservação de seus valores culturais” (TOLENTINO, 2012, p. 51).

Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, em seu artigo *O campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas*, publicado em 2009, trata de problemas conceituais e de fundamentos que devem nortear o trabalho sobre patrimônio cultural, ressaltando a importância de uma atitude crítica acerca das premissas que orientam as atividades no campo do patrimônio cultural. O autor defende a ideia de que o patrimônio cultural é uma relação de interdependência entre as práticas culturais imateriais e os bens culturais materiais, explicando que as práticas patrimoniais imateriais também possuem um valor material e que todo patrimônio material “tem uma dimensão imaterial de significado e valor, por sua vez todo patrimônio imaterial possui uma dimensão material” (MENESES, 2009, p.31).

Nessa perspectiva, o autor recorre à constituição de 1988, que incluiu uma diversidade de categorias do patrimônio cultural “intangíveis” que, conforme o autor, são aqueles bens que detêm valor mais no processo do que no produto final, como as expressões, os modos de criar, fazer e viver de um povo (MENESES, 2009, p. 31). O autor nos demonstra que o fazer e seus processos não possuem um valor abstrato e conceitual, mas sim um conhecimento corporificado, no qual o corpo é um ator ativo e participante do patrimônio cultural e a memória parte essencial que guia todo esse processo.

Meneses (2009), então, conclui que ao trabalharmos no campo de patrimônio estamos a todo tempo nos defrontando com questões de valores, e que não adianta falarmos sobre práticas ou objetos que possuam significados próprios, “embutidos” dentro deles, com origem materialista e padronizada por alguns grupos sociais. Para tanto, ao adotar esse entendimento a respeito do que seja patrimônio cultural estamos lidando com valores das “coisas ou práticas” de uma sociedade, definidas pelo autor como “suas formas de operar e agir, significados, crenças, afetos, expectativas, juízos, critérios, normas e etc.” (MENESES, 2009, p. 32).

Assim, podemos concluir que para esse autor, o conceito de patrimônio cultural está diretamente ligado a um fato social, questionando a nossa postura ante os valores que atribuímos a uma prática patrimonial ou a um bem material. Meneses (2009) também questiona a respeito dos fatores que definem o valor técnico e social de um patrimônio, suas formas de avaliação e reconhecimento, e adverte-nos para que sem desprezarmos a importância do especialista devemos sempre privilegiar o valor atribuído pelo fruidor (usuário) daquela prática ou bem patrimonial. Finalizando, o autor compara o campo da cultura e do patrimônio cultural com uma atividade política, no sentido da *Pólis* (cidade dos gregos). Esclarece Meneses:

É, antes, uma arena de conflito, de confronto – de avaliação, valoração. Por isso, o campo da cultura e, em consequência, o do patrimônio cultural, é um campo eminentemente político. Político, não no sentido partidário, mas no de *pólis*, a cidade dos gregos, isto é, aquilo que era gerido compartilhadamente pelos cidadãos. Desse modo, a atividade no campo do patrimônio cultural é complexa, delicada e trabalhosa. Exige postura crítica rigorosa. Exige capacidade de ir além de suas próprias preferências pessoais (MENESES, 2009, p. 35).

A partir dessas contribuições teóricas podemos estabelecer uma relação entre o ensino de artes/educação/cidade/patrimônio com foco nas manifestações artísticas urbanas, buscando compreender as novas apropriações e significados elaborados

pelos jovens alunos, professores, artistas e moradores num movimento de questionamento sobre a noção de espaço público e patrimônio cultural. Enfim, os atores sociais começam a se perceber como parte integrante da cidade e não apenas como mais uma pessoa a transitar por aquelas ruas e praças. Igualmente, passam a perceber a cidade com outros olhares, na sua diversidade de formas, cores, memórias e na diversidade de seus habitantes no que toca aos seus diferentes modos de agir e de ocupar aqueles espaços.

2.2 A Arte educação e o meio ambiente

Para uma melhor contextualização das ações ambientais realizadas pelo Núcleo Capão, moradores locais e pela E.M. Adauto Lúcio Cardoso, citaremos a relação existente entre arte educação e o meio ambiente, destacando a produção artística do artista Frans Krajcberg⁸, que realizou sua arte envolvendo o ser humano e a natureza. A arte ambiental surgiu na década de 1970, quando os artistas tiveram uma nova compreensão das questões ambientais, denunciando através de suas obras a crescente urbanização das cidades, o desmatamento e a poluição. Os artistas dessa vertente estética propunham um questionamento em seu público sobre a importância da preservação ambiental, alertando e gerando interações a partir de suas obras, nisso favoreciam uma aproximação do homem com a natureza.

Segundo Silva (2005, p. 26), “a arte ambiental se insere dentro do campo da arte contemporânea como uma tendência estética aberta”, ou seja, abrange diversas criações artísticas, com o objetivo de contrapor as ordens vigentes e adotar uma postura crítica ante o consumismo exagerado e a exploração dos recursos naturais. No Brasil, o artista Frans Krajcberg dedicou sua arte a expressar uma indignação com a destruição das matas, com a poluição dos rios, entre outros prejuízos causados pela intervenção desenfreada do homem sobre o meio ambiente. Esse artista criava suas esculturas utilizando-se de diversos elementos retirados da natureza, como troncos de árvores queimados, retorcidos, cortados pelas mãos do homem, transformando esses materiais em belas obras de arte pública. O artista era um ativista ambiental

⁸ Escultor, pintor, gravador e fotógrafo. Autor de obras que têm como principal característica a exploração de elementos da natureza, destaca-se por seu ativismo ecológico, que associa arte e defesa do meio ambiente.

atuante, denunciando sobre as queimadas no Paraná, a exploração dos minérios em Minas Gerais, o desmatamento na Amazônia, entre outras ações.

Silva (2005) confere às esculturas de Frans Krajcberg um significado ético muito forte, que ultrapassa as fronteiras entre a arte e a vida, considerando que a sua militância e seu ativismo ambiental representavam sua indignação contra a destruição da biodiversidade brasileira. Nas imagens abaixo representamos algumas das obras desse artista:

Figura 17 – Frans Krajcberg, *Flor do Manguê*, 1965. Madeira.



Fonte: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/frans-krajcberg-arte-como-ativismo-ambiental>.

Figura 18 – Frans Krajcberg, *Sem título*, 1988.



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra35122/conjunto-de-esculturas>.

Para a jornalista Marina Santos Chiapetta, em sua reportagem: *Arte e meio ambiente: grandes vertentes e poderes questionadores*, a arte favorece e estimula a percepção, a cognição e a expressão de cada indivíduo através da experiência estética. Sendo assim, possui um poder de questionar sobre o comportamento humano, sensibilizando a sociedade sobre a urgência de lutarmos pela preservação

ambiental. Sugere a jornalista: “A arte surge da necessidade de observar o meio que nos cerca, reconhecendo suas formas, luzes e cores, harmonia e desequilíbrio.”⁹

Conforme a jornalista, as mudanças climáticas já eram representadas por pintores famosos há mais tempo, citando como exemplo a obra do artista Claude Monet, que na busca por um estudo sobre a luz difusa, encontrou-se com o contexto da cidade de Londres em 1877. A partir disso, diz ela, que esse pintor começou a representar em suas obras a fumaça de carvão liberada pelas chaminés e trens da cidade. Na imagem abaixo, representamos uma pintura desse artista que representa uma estação de trem da cidade de Londres daquela época:

Figura 19 – Claude Monet, *The Gare Saint-Lazare*, Londres, 1877.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Claude_Monet,_The_Gare_St-lazare,_1877.jpg.

Então, podemos dizer que essa preocupação dos artistas em apresentarem ao seu público reflexões sobre as questões ambientais é uma prática antiga, que atualmente promove uma visibilidade melhor dessas questões para a sociedade, que muitas vezes são negligenciadas pelas mídias locais. Segundo a jornalista Chiapetta, a arte ambiental é um campo muito vasto, pois abrange diferentes práticas artísticas com o intuito de melhorar a nossa relação com o mundo natural, informando sobre os problemas ambientais, incentivando a população a ter uma participação mais ativa na defesa e preservação do meio ambiente.

⁹ Reportagem de Marina Santos Chiapetta, disponível no site: <https://www.ecycle.com.br/3961-arte-e-meio-ambiente-ambiental-sustentavel-sustentabilidade>. Acesso em: 19 de abril de 2019.

A jornalista cita como exemplo disso as manifestações artísticas como: “[...] a *Land Art*, *Eco-arte* e a arte ecológica que surgiu de uma prática social, como a ecologia acústica, o *slow food*, o *slow fashion*, *eco-design*, *bio-art* e outros podem ser considerados como parte dessa mudança cultural maior” (Chiapetta, s.d)¹⁰. Não faremos aqui um estudo mais detalhado sobre cada uma dessas manifestações artísticas, pois nossa intenção ao discutirmos sobre a diversidade da arte ambiental e da importância da produção artística dos artistas aqui citados anteriormente seria apenas propor um diálogo com o projeto de revitalização ambiental do Córrego Capão, no qual a proposta de arte urbana “Do muro à margem” visa dar uma nova função social aos muros através da arte do grafite, mobilizando moradores, artistas, professores e alunos que moram nas regiões próximas a esse córrego a lutarem a favor da preservação daquele patrimônio.

Conforme a autora Marília Tozoni-Reis (2004, p. 15), a educação ambiental inserida dentro de um processo de ensino que busca sensibilizar o indivíduo através dos conhecimentos e da reflexão crítica acerca da problemática ambiental contribui para a formação consciente dos direitos e deveres de cada cidadão ante a sua realidade. Além disso, a autora afirma que a educação ambiental realizada dentro dessa perspectiva crítica, além de envolver a comunidade, também proporciona uma maior participação nas “lutas que ensejam maior intervenção por parte do Estado na implementação de políticas públicas efetivas que atenuem os efeitos da degradação ambiental” (TOZONI-REIS, 2004, p. 15).

Por isso, reiteramos a atual importância da escola em desenvolver uma proposta de educação ambiental que favoreça o diálogo entre alunos, professores e comunidade local e que não fique restrita somente à transmissão de conhecimentos teóricos sobre o assunto. Logo, seria necessário ampliar esse ensino para além da sala de aula, com atividades que aliem a teoria e a prática, dialogando também com outras áreas do conhecimento como a arte.

¹⁰ Disponível no site: <https://www.ecycle.com.br/3961-arte-e-meio-ambiente-ambiental-sustentavel-sustentabilidade>. Acesso em: 19 de abril de 2019.

3. O NÚCLEO CAPÃO E AS INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS DA PROPOSTA “DO MURO À MARGEM”

Esta discussão se torna pertinente para melhor entendimento do estudo de campo sobre a proposta socioambiental que luta pela preservação ambiental de um córrego, que se insere dentro de uma história que carrega uma relação do homem com o seu meio e apresenta-se como testemunho histórico-social e cultural de uma comunidade que no passado usufruiu de suas águas e quer preservar esse patrimônio para o futuro. O Córrego Capão inserido dentro desse contexto pode ser considerado um patrimônio cultural, pois participa da composição da paisagem local, do modo de vida de seus habitantes, ensejando formas de sociabilidade e tensões sobre uma possível proposta da prefeitura de canalizar o córrego e transformar toda aquela paisagem em uma grande avenida.

No final do capítulo citaremos todas as ações ambientais de que participamos desde o ano 2017, demonstrando através das análises de entrevistas, fotos e notas de campo a nossa investigação sobre os significados e ressignificações que os alunos, professores e artistas atribuíram quando participaram das intervenções artísticas nos muros e praças próximos da escola e das margens do Córrego Capão, no bairro Lagoa em Venda Nova.

3.1 Paisagem cultural: Uma possibilidade de romper com a separação entre natural e cultural no âmbito patrimônio

Paisagem Cultural é um conceito que está sendo discutido há algum tempo e a partir de reuniões propostas pela UNESCO e pela Convenção Europeia da paisagem, as discussões tornaram-se mais vigentes e somaram-se às iniciativas do IPHAN. Para o pesquisador Rafael Winter Ribeiro (2007), em 1972, na convenção da UNESCO para o patrimônio mundial, o termo paisagem cultural foi estabelecido como conceito fundamental para a preservação do patrimônio na atualidade.

No entanto, o autor destaca que a paisagem cultural pode ser compreendida de diferentes maneiras como um documento que demonstra a relação do homem com o seu meio ambiente e suas transformações temporais, como um testemunho histórico e social e como “produto da Sociedade” que a produziu (RIBEIRO, 2007, p. 07). E inclusive, o autor cita por último que a paisagem também pode ser entendida como

uma base para a criação de simbologias, ou ainda como espaço de interação entre os aspectos materiais e os simbólicos. No Brasil a paisagem cultural foi incorporada como categoria de patrimônio e amparada pelos mecanismos de proteção patrimoniais regulamentados pela Portaria nº 127 de 2009, do IPHAN, sendo a mesma que também instituiu um novo instrumento de proteção patrimonial, denominado como chancela.

Conforme a autora Marcela Correia de Araújo Vasconcelos (2012), esse regulamento tem como finalidade atrair recursos e incentivar ações de salvaguarda da região chancelada que possuem um valor cultural e ambiental. A regulamentação desse novo instrumento, de acordo com Vasconcelos (2012), funciona através das parcerias entre o IPHAN, a sociedade civil, a iniciativa privada e diferentes esferas governamentais. Para Vasconcelos (2012, p. 69), a paisagem cultural pede a criação de canais de interlocução que tenham como objetivo a promoção da gestão compartilhada, pressupondo que a cultura é dinâmica e está sempre em transformação.

Para as autoras Flávia Nascimento e Simone Scifoni (2010), a peculiaridade e a representação das relações estabelecidas entre os grupos sociais e a natureza são fundamentais para estabelecer uma identificação de uma paisagem cultural. Em outras palavras, as autoras esclarecem que:

[...] paisagem cultural traz a marca das diferentes temporalidades da relação dos grupos sociais com a natureza, aparecendo, assim, como produto de uma construção que é social e histórica e que se dá a partir de um suporte material, a natureza. A natureza é matéria-prima a partir da qual as sociedades produzem a sua realidade imediata, através de acréscimos e transformações a essa base material (NASCIMENTO; SCIFONI, 2010, p. 32).

Nesse sentido, podemos dizer que através da relação dos homens com a natureza e das memórias coletivas e culturais por eles construídas a respeito dessa relação é que vão, ao longo do tempo, atribuindo valores a um determinado lugar. O enfoque da paisagem cultural permite, assim, “superar um tratamento compartimentado entre o patrimônio natural e cultural, mas também entre o material e imaterial, entendendo-os como um conjunto único, um todo vivo e dinâmico” (NASCIMENTO; SCIFONI, 2010, p. 32).

Segundo essas autoras, a paisagem cultural é uma junção dos aspectos morfológicos com as peculiaridades históricas e socioculturais surgidas através da ação do homem em seu meio. Nesse plano, o que dá identificação a uma determinada

paisagem pode não corresponder somente à unidade orgânica das formas, mas também ao significado de fazer parte daquele lugar.

Para melhor contextualizar as intervenções artísticas realizadas pelos alunos e artistas grafiteiros da comunidade nas margens do Córrego Capão propomos aqui uma aproximação entre os campos da arte, do meio ambiente e do patrimônio cultural, contextualizando sobre a antiga relação do artista com a paisagem natural.

Tendo em vista que a percepção sobre a paisagem natural esteve em constante mudança ao longo do tempo, assim podemos deduzir que a representação do meio ambiente pelo artista foi moldada por diferentes fatores, sejam eles de ordem econômica, religiosa, estética, entre outros. Segundo Teresa B. Salgueiro (2001), o conceito de paisagem surgiu primeiramente ligado à pintura de paisagem, afirmando que essa arte foi determinante na construção de novos códigos estéticos, pois favoreceu uma valorização da natureza como fonte de espetáculo, fruição estética e prazer. Além disso, a autora também relata que no campo das artes, a paisagem só ganhou destaque após o período renascentista, explicando que antes disso era representada pelo artista como um simples “elemento de fundo” (SALGUEIRO, 2001, p. 37). A seguir representamos um exemplo da pintura de paisagem no séc. XVI:

Figura 20 – Francesco Bachiacca. *A pregação de São João Batista*, 1520. Museu Nacional de Belas Artes de Budapeste, Hungria.



Fonte: <https://docs.ufpr.br/~coorhis/daniell/apaisagemnoseculoxvi.html>.

A autora Maria Tereza Duarte Luchiari (2001), nos explica que com o fim do Renascentismo houve um processo de “dessacralização da natureza” que aconteceu devido às novas relações entre a sociedade e o espaço, que anteriormente era dominado pela lógica teológica imposta pela dominação da igreja católica. Sugere a

autora que “até o século XVIII a paisagem era sinônimo de pintura. Assim, foi na mediação com a arte que o sítio (o lugar) adquiriu estatuto de paisagem” (LUCHIARI, 2001, p. 15). Entre os motivos que promoveram a pintura de paisagem a um “*status*” mais elevado no séc. XVII foi a Reforma Protestante, em que os artistas não eram mais incentivados pela igreja a pintarem cenas religiosas e, assim, começaram a representar cenas do seu cotidiano. A pintura holandesa também foi muito importante nesse contexto. Veja um exemplo abaixo:

Figura 201 – Peter Paul Rubens. *Paisagem com arco-íris*, 1638, óleo sobre painel, 136 x 236 cm. Coleção Wallace, Londres.



Fonte: <https://docs.ufpr.br/~coorhis/daniel/ospaisagistasholandesesdoseculoxvii.html>.

Para os artistas do Movimento Impressionista, a natureza era o principal tema em suas representações, com o estudo da luz natural e suas transformações sobre as cores dos objetos (coisas) na paisagem em diferentes horas do dia, sobretudo, ampliaram os significados estéticos da paisagem adotados pelos movimentos artísticos anteriores, instaurando assim uma liberdade na forma de observar e de representar uma paisagem natural, como notamos na imagem abaixo;

Figura 22 – Claude Monet, *Impressão - Nascer do Sol*, França, 1874.



Fonte: <http://estoriasdahissoissoria12.blogspot.com/2013/07/analise-da-obra-impressao-nascer-do-sol.html>

Nesse contexto, torna-se pertinente essa breve contextualização histórica sobre a relação entre o artista e os modos como ele interagia e representava a paisagem natural na história da arte. Por isso, acreditamos que a arte possa vir a ser uma importante via de compreensão dessa relação entre o homem e a natureza, considerando que o artista ao pintar uma paisagem também a estará modificando, pois mesmo que indiretamente, ele estará inserindo na representação pictórica seu modo de observar o mundo e os traços históricos e culturais que adquiriu durante sua trajetória.

Além disso, outro ponto importante que também motivou esta discussão teórica seria porque queríamos propor uma aproximação entre os campos da arte, da paisagem e do patrimônio cultural, partindo do pressuposto de que ambas as áreas estão ligadas pela antiga interação do homem com o seu meio ambiente, que desde o período pré-histórico apropria-se da arte para expressar sobre essa sua relação com a natureza. Então, podemos considerar que as intervenções artísticas realizadas pelos grafiteiros e alunos da E.M. Adauto Lúcio Cardoso estão inseridas nesse contexto, pois constatamos na prática durante as visitas de campo e entrevistas uma intensa interação entre os artistas, a natureza e o patrimônio.

3.2 A escola e a proposta de intervenção artística: “Do Muro à Margem”

Para uma melhor compreensão sobre a proposta de intervenção artística “Do Muro à Margem” primeiramente explicaremos sobre a metodologia adotada nesse estudo de caso e em seguida faremos uma contextualização histórica sobre as origens do Movimento Núcleo Capão.

A escolha por uma pesquisa qualitativa se define pelo nosso interesse em investigar de forma atenta e sensível uma proposta educativa que se apropria de uma manifestação de arte pública para ampliar o seu ensino para além do espaço escolar, atravessando os muros para, dessa forma, despertar e ou sensibilizar não só os que participam da proposta como também a comunidade local sobre a necessidade de lutarem pela preservação de um patrimônio importante daquela região. Conforme Antônio Chizzotti coloca que,

a pesquisa qualitativa abrange múltiplos campos de conhecimentos que envolvem as ciências humanas e sociais, assumindo diferentes paradigmas de análise que derivam de teorias como o positivismo, a fenomenologia, a

hermenêutica, o marxismo, a teoria crítica e o construtivismo (CHIZZOTTI, 2003, p.221).

Esse autor também se refere a essa metodologia de pesquisa como uma partilha entre as pessoas envolvidas nesse processo, ressaltando que os resultados obtidos necessitam ser interpretados por um olhar zeloso e sensível do pesquisador, pontuando que:

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Nossa investigação enquadra-se também na modalidade de estudo de caso, na medida em que versa sobre uma proposta educativa de uma escola pública localizada no bairro Céu Azul, na regional Venda Nova em Belo Horizonte. Além disso, também foram explorados espaços fora do ambiente escolar, pois tanto as intervenções artísticas como as ações ambientais foram realizadas para além dos muros escolares, mais precisamente, nas margens e nascentes do Córrego Capão e em uma praça perto da escola. Por isso, o campo que foi estudado partiu de um único local, a escola, mas se estendeu para diferentes pontos da comunidade, pois a intenção desta proposta era alcançar e mobilizar a comunidade escolar na luta pela preservação do Córrego Capão.

Com base nos preceitos de Robert K. Yin (2005), nos quais defende que o estudo de caso é caracterizado como “uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo, dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2005, p. 21), definimos nossa escolha. Consideramos também outros aspectos como a finalidade desta investigação em conhecer, com maior profundidade, “o como” e os “porquês” de uma proposta socioambiental criada por uma professora de uma escola pública e construída com o auxílio de outros atores sociais, como estudantes, moradores locais e artistas.

Nesse contexto, podemos afirmar de acordo com Yin (2005, p. 20), que o estudo de caso seria um esclarecimento de uma decisão ou do conjunto delas sobre um determinado fenômeno real, seus motivos, como aconteceram, como foram realizadas e os resultados alcançados. Compreendendo o estudo etnográfico como

uma ação de observar, descrever e compreender que em muito se aproximam dos processos educativos através das relações entre os sujeitos, optamos pela observação participante, como um procedimento metodológico de coleta de dados. Para Gerhardt; Silveira a observação participante fornece ao pesquisador:

[...] o rápido acesso a dados sobre situações habituais em que os membros das comunidades se encontram envolvidos; permite o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado; capta as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 75).

Inclusive, a escolha por esse procedimento de pesquisa se fez por ter tido a oportunidade de estar presente como integrante do grupo, participando e auxiliando ativamente nas ações propostas pelo Núcleo Capão e na E.M. Adauto Lúcio Cardoso. Outros dois procedimentos de pesquisa que também foram utilizados, foram as entrevistas semiestruturadas para os adultos, incluindo os professores e artistas e um grupo focal realizado somente com os alunos que participaram das intervenções artísticas. Além disso, utilizamos registros visuais (fotografias) e videográficos, assim como anotações de campo, sendo a escolha por esses recursos de grande relevância por permitirem uma análise detalhada dos dados coletados.

Para o autor David Morgan (1997) *apud* Bunchaftl; Gondim (2004), o grupo focal é um método de pesquisa que propicia o desvelamento do contexto escolar através da fala dos sujeitos entrevistados, explicando o autor que essa ferramenta de pesquisa “propicia aos sujeitos da pesquisa, assim como para o pesquisador, desvelar ‘como’ e ‘por que’ estes sujeitos pensam na busca de novas compreensões, de um novo olhar” (MORGAN, 1997, p. 151 *apud* BUNCHAFTI; GONDIM 2004, p.68). Então, decidimos organizar um grupo focal com os alunos propondo, assim, uma experiência mais rica e próxima entre os alunos e o pesquisador, além de suscitar novos diálogos que podem ir além da pergunta proposta inicialmente.

Por isso, essa escolha também foi feita por considerá-lo um instrumento de coleta muito útil em pesquisas com viés etnográfico, pois possibilita aos pesquisadores obterem uma compreensão dos atores em relação à sua interação com o meio e, sobretudo, por supormos que facilita aos jovens expressarem suas ideias e significados sobre as ações vivenciadas por eles.

Para os adultos, como dissemos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com questões que abordaram os significados das intervenções artísticas para eles, para os alunos, para a escola e para a comunidade local. Essa

escolha se deveu ao fato de ser um grupo bastante diversificado e pela dificuldade de compatibilizar a disponibilidade de horários de cada um. Seria muito difícil reunir todos em um único local e data.

A escolha dos alunos que participaram do grupo focal se deu pela participação nas pinturas nos muros da escola e nas ruas da comunidade, e por serem jovens entre a idade de 11 a 15 anos. No dia da entrevista com o grupo, somente dois jovens eram ex-alunos da escola, pois quando participaram das intervenções em 2017 estavam no nono ano e ao término do ano foram embora da escola para cursar o ensino médio.

Já a escolha dos professores entrevistados se deu pelo papel desempenhado na concepção e execução da proposta. Foram escolhidos a coordenadora Roseli Correia e o monitor Fabiano. A entrevista com Roseli foi de fundamental importância, pois além de ser coordenadora da Escola Integrada e elaborar as atividades socioambientais na escola, também é uma das idealizadoras do Núcleo Capão. Assinala-se, ainda, que Roseli Correia foi quem oportunizou o processo de criação das intervenções artísticas dentro da proposta “Do muro à Margem”.

O outro professor entrevistado foi escolhido pelo fato de ser o responsável pelo ensino de conhecimentos artísticos, transmitindo para alunos do Projeto Arte e Vida elementos de teoria e de técnicas artísticas. Ressaltamos que ele também foi muito presente durante as intervenções artísticas realizadas durante os anos de 2017 e 2018, dentro e fora do espaço escolar. E, por fim, o que nos levou à escolha de dois artistas grafiteiros se deveu ao fato de ambos participarem, desde o início, das intervenções artísticas no Córrego Capão e também, pelo fato de serem moradores daquela região e poderem, assim, vivenciar a história e experiências de viverem às margens do Córrego Capão.

O grafiteiro Henrick Tsade também participa do Núcleo Capão e foi ele quem propôs à Roseli a ideia de inserir o grafite nas ações realizadas pelo Núcleo Capão, pois, segundo ele, a ideia era levar a arte e a cultura para aqueles lugares e, assim, divulgar e dar mais visibilidade à comunidade sobre a importância daquela luta ambiental.

Os dados foram analisados a partir do método de triangulação, sendo a partir disso e em diálogo com as referências teóricas que dividimos os dados obtidos em quatro categorias de análise que descrevem os diferentes significados e tensões que a arte do grafite provocou nos atores envolvidos nas ações realizadas pelo projeto pesquisado. São elas:

- O Grafite e a comunidade;
- O Grafite e a educação;
- O Grafite e os jovens;
- O Grafite como crítica social;

Vê-se que o Grafite é o termo mediador que perpassa os diferentes contextos e significados que foram surgindo ao longo do tempo no qual ocorreram as atividades ambientais propostas pelo projeto, onde o grafite esteve inserido. Aliás, inserido também nas intervenções artísticas realizadas pelos alunos tanto na parte de dentro da escola quanto na comunidade local, nas localidades próximas à escola. Antes de iniciarmos a discussão a respeito da proposta de grafite e os significados atribuídos a essa expressão artística por cada grupo de atores envolvidos nesse processo, é necessário primeiramente narrar a respeito da história do surgimento do Núcleo Capão, pois foi a partir dessa iniciativa que tudo começou.

3.3 O surgimento do Núcleo Capão e sua parceria com a escola:

O Movimento Núcleo Capão foi criado em 2006, a partir de um interesse da professora Roseli Correia, que lecionava geografia, história e ciências para alunos do ensino fundamental I, antigamente conhecido como ensino primário (1° a 4° anos). Segundo ela, foi a partir de uma revista chamada “Projeto Semeando”, que havia na escola, que começou a questionar aos seus alunos sobre a existência de córregos em sua comunidade, pois dentro da revista havia uma pergunta assim: “Você conhece algum córrego perto da sua casa?”.

Então, foi a partir dessa pergunta que ela juntamente com os seus alunos começou a pesquisar na comunidade, junto aos moradores, se havia algum córrego naquela região. Alguns diziam que não era um córrego, era um esgoto a céu aberto, outros já diziam que era um córrego e que chamava Avenida dos Navegantes. Roseli contou que ficou intrigada com isso, e fez um levantamento histórico com seus alunos e, assim, descobriram que o córrego se chamava Córrego do Capão e que o mesmo ainda possuía várias nascentes naquelas redondezas.

Roseli também nos informou que foi em 2009 que aconteceu uma audiência pública sobre o projeto de canalização do Córrego Capão, no qual a prefeitura previa a instalação de um interceptor de esgoto e, em consequência, muitas moradias seriam

atingidas e os moradores seriam indenizados ou relocados para outros lugares. Por essa razão, a comunidade foi chamada à escola para ser informada sobre tal proposta, sendo que dessa reunião também participaram pessoas pertencentes ao Comitê da Bacia do Ribeirão do Onça, do Projeto Manuelzão (UFMG) e da COPASA. Segundo ela, foi nessa reunião que ela conheceu a proposta e começou a participar das reuniões do Projeto Manuelzão, assim, conheceu um morador chamado José Messias que era como um representante dos interesses políticos dos moradores.

Roseli mencionou que na conversa que teve com esse morador comentou sobre seu interesse em participar do projeto de revitalização do córrego e que desenvolvia um trabalho de educação ambiental com os seus alunos. Mas, somente em 2011, quando houve outra audiência pública sobre a proposta de canalização do córrego, que José Messias, muito preocupado com a situação, perguntou a Roseli: “Professora, a senhora poderia fazer um trabalho aqui no Córrego né? Porque a gente precisa [sic] olhar a história deste lugar.” E, assim, ela o respondeu: “Pode deixar que eu vou tentar!” E foi a partir dessa conversa que surgiu um projeto chamado “As Escolas nas Bacias: A história do Córrego Capão na cultura local”.

Esse projeto foi elaborado e realizado em conjunto com membros do Laboratório de Pesquisa sobre o ensino de História (LABEPEH/UFMG)¹¹ em 2011. Nesse mesmo ano, Roseli buscou novos parceiros levando a proposta ao Projeto Manuelzão (UFMG), que os ajudou com o mapeamento e com a oferta da oficina “Biomonitoriamento participativo” que, segundo ela, foi um grande aprendizado: “Daí a Juliana veio na escola, uma palestrante maravilhosa e falou da experiência dela, da coleta da água e nos ensinou a fazer o plano de gestão [...] Daí que eu comecei a entender como criar estes planos, as ações de mobilizações e entre outras. Foi um aprendizado muito bom!” (Roseli Correia).

Nesse mesmo ano, Roseli comentou que conseguiu uma verba da prefeitura, o PAP (Projeto de ação Pedagógica) após um longo trabalho de campo iniciado em 2011. A partir disso, e novamente com a participação de membros do LABEPEH, conseguiram ampliar as ações do projeto convidando cinco escolas para participar, sendo que quatro delas representavam a Bacia hidrográfica do Capão e uma escola

¹¹ Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre o ensino e História da UFMG, coordenado à época pela Profa. Lana Mara de Castro Siman. Participaram ativamente do Projeto “As Escolas nas Bacias”, além da professora/pesquisadora Roseli Correia, as professoras/pesquisadoras Dilma Scaldaferrri, Soraia Freitas Dutra e as bolsistas de iniciação científica Kelly Freitas do Amaral e Rosiane Ribeiro.

representava a Bacia do Rio das Velhas. Nesse evento, houve um concurso de desenho e de poemas, e a melhor poesia foi feita por um aluno da Escola Municipal Ondina Nobre, que segundo Roseli: “[...] A produção dele foi maravilhosa! Eu lembro um pedaço do poema, começa assim: “Capão de grande coração, foi destruído por nossas mãos [...]” (Roseli Correia).

Relatou-nos que foi uma experiência muito satisfatória que chamou a atenção do Projeto Manuelzão (UFMG). E uma das coordenadoras daquela época, Lizia Godinho, convidou Roseli para criar um grupo, dizendo assim: “Vamos formar um grupo? Capão juntamente com o projeto Manuelzão?” Daí ela respondeu: “Vamos! Mas como que faz?” A partir disso, ela, Lizia Godinho, enviou uma estagiária para compartilhar informações sobre as metodologias de ensino de educação ambiental e como mobilizar e sensibilizar a comunidade e os alunos. Como conta Roseli:

Ela me informou passo a passo e nos disponibilizou uma estagiária para nos acompanhar que nos mostrou as metodologias para ensinar sobre a educação ambiental. Os caminhos que deveríamos buscar, se podíamos buscar apoio do poder público ou não [...]. Esta coisa da mobilidade, da sensibilização. Então foi muito esclarecedor para todos! (Roseli Correia).

Assim foi criado o Movimento Núcleo Capão em 2013, com o objetivo de socializar informações, divulgar e mobilizar as atividades socioambientais na comunidade do bairro Lagoa em prol da recuperação das nascentes da Bacia do Capão. De acordo com a coordenadora Roseli, no início foi difícil mobilizar os moradores, pois convocava reuniões e somente duas ou três pessoas compareciam. Conta ela que pensou em desistir muitas vezes por causa disso, mas atualmente o grupo está mais fortalecido com a participação também de estudantes universitários, professores e artistas da comunidade.

Um dos parceiros mais ativos é a E. M. Adauto Lúcio Cardoso na qual Roseli trabalha e, segundo ela também há parcerias com outras escolas, com a associação dos moradores do Bairro Lagoa e com o Projeto Social Vida Padre Galhiac. Desde 2016, as ações ambientais e mobilizações organizadas pelo Núcleo Capão são pautadas na regularização do Parque Linear do Córrego Capão, localizado no Conjunto Habitacional do Bairro Lagoa, que de acordo com Roseli:

Direto nós fazemos ações pontuais lá... Por que este parque existe e a gente tem feito para chamar a atenção para o parque, e sua regularização. Nesta área existem dez nascentes e a gente coloca o grafite para chamar a atenção, para ver se sensibiliza a população e também conseguimos mobilizar mais moradores a lutar conosco. A nossa estratégia é focar na legalização do

parque, pois se o parque sai o resto também vai caminhando, pois é uma zona de proteção ambiental (Roseli Correia).

Roseli e seus colegas do Núcleo Capão comparam suas atuações com um “trabalho de uma formiguinha”, pois, mesmo que eles divulguem sobre os riscos da canalização aos moradores e falem sobre a importância de preservarem as nascentes do Córrego Capão, os moradores ainda continuam sem perceber a gravidade da situação. Roseli, explica que a antiga proposta conhecida como Via 220 ou “Corta Caminho” previa a canalização do Córrego Capão teve seu projeto aprovado pelo orçamento participativo de 1998 e custaria milhões, relatando ainda, que essa proposta previa a implantação de um grande rodoanel que ligaria Santa Luzia ao município de Betim. Logo a prefeitura teria que desapropriar muitos moradores, comércio e até a Escola Adauto Lúcio Cardoso provavelmente seria atingida pelas obras.

Na última audiência pública, que aconteceu em 2016 e 2017, a SUDECAP¹² suspendeu este projeto e mostrou-a para o então prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil. Segundo Roseli, A SUDECAP informou a ele que o projeto ficaria muito caro, e desta forma, o prefeito resolveu suspender o projeto e mandou planejar outra proposta. O Núcleo Capão apoia uma nova proposta de revitalização daquela área, sem a necessidade de canalizar o Córrego Capão, porém ainda não conseguiram apresentar formalmente à prefeitura. Explica Roseli: “Porque existem duas propostas alternativas de parque e temos medo que a SUDECAP faça alguma loucura, e sem ouvir a comunidade aprove uma proposta pior para todos” (Roseli Correia).

Em relação a como está o andamento das audiências públicas sobre a canalização do Córrego Capão, Roseli contou que estão paradas e que a prefeitura criou estas duas propostas: uma é a DRENURBS¹³ e a outra é a VIURBES¹⁴. Segundo Roseli, enquanto a primeira proposta busca respeitar os cursos d’água na área urbana, transformando-os em parques e áreas de conservação ambiental, a segunda proposta tem como prioridade o “encaixotamento” dos córregos e rios, e a implementação de avenidas no local.

¹² Superintendência de desenvolvimento da Capital.

¹³ Política pública de drenagem de águas de áreas urbanas, essa proposta tem uma visão mais ligada à preservação ambiental dos córregos e parques lineares à cidade.

¹⁴ Política pública que propõe transformar os rios e córregos em vias de acesso rápido, como avenidas e rodoanéis.

No que se refere às ações realizadas pelo Núcleo Capão no espaço escolar, perguntei a Roseli sobre as dificuldades e os pontos de tensão que ocorreram e ainda existem na realização dessas atividades promovidas tanto no espaço escolar quanto nas ruas da comunidade. Ela respondeu que ainda existe um caminho longo para percorrer, ressaltando a importância com que a educação trata o grafite, afirmando, assim, que:

Na escola, as atividades ambientais surgiram com uma oficina ambiental, que desde que começou já existia, mas era colocada como uma opção. Para a educação é importante, e eles veem o grafite com importância. Agora para o poder público, ainda falta muitas ações públicas né? Teve no início do ano, aí com o Kalil um edital que até foi tranquilo de participar que é o Projeto Gentileza, né? Então tem feito um caminho que eu acho que é novo. Na outra gestão não percebi isso... então é caminhar junto e cada vez mais dando visibilidade para este projeto. Ainda tem muita coisa para fazer [...] (Roseli Correia).

Dessa forma, percebemos que é uma luta social que ainda possui muita resistência da comunidade local, pois muitos preferem a avenida para terem saída e circularem com seus carros, mas não pensam nas consequências ruins que surgirão com a implantação dessa proposta.

A comunidade pôs na cabeça dela que tem que ser avenida e é muito difícil! Eles não pensam que vai ter enchente, que o cheiro do esgoto vai subir... Eles querem que coloquem a avenida! Também não pensam que eles terão que sair dali, por que estão morando na beirada do córrego, mas é esta a realidade! (Roseli Correia).

Para Roseli, ainda existem muitos desafios a serem vencidos tanto na escola quanto na comunidade. Mesmo que nos últimos anos tenham conseguido bons resultados na adesão e mobilização de alunos, professores e moradores, ela se mostrou um pouco desanimada, citando:

Eu sou muito realista, apesar de ser perseverante, mas o povo não quer saber do Capão, a escola e a comunidade me dizem: 'De novo o Capão?' Então tem muita coisa para vencer ainda. São poucas pessoas que continuam lutando... é um trabalho de formiguinha mesmo (Roseli Correia).

Por outro lado, mesmo com todas essas dificuldades e tensões que aconteceram e ainda persistem com a resistência de alguns moradores da comunidade a aderirem a essa luta social, notamos que o Núcleo Capão é um movimento de muita resistência social, que surgiu na E.M. Adauto Lúcio Cardoso a partir de um trabalho de sensibilização ambiental proposto por uma professora que através de parcerias com outros professores desta escola.

Nas fotos da página seguinte, mostramos em primeiro lugar as atividades ambientais realizadas dentro do ambiente escolar e na última foto os alunos em uma caminhada ecológica fora da escola:

Figura 23 – Alunos participando de palestras promovidas pelo Núcleo Capão, com Geovane Rodrigues Pinto, professor voluntário. 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia da Silva.

Figura 24 – Caminhada ecológica em visita ao Parque estadual Serra Verde. 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia da Silva.

Nesse contexto, poderíamos acreditar em uma educação que esteja mais acessível a todos sem distinção e fronteiras socioculturais impostas muitas vezes dentro do próprio ambiente escolar. A imagem a seguir representa a participação dos alunos da E.M. Adauto Lúcio Cardoso na realização de uma ação de Ponto Limpo¹⁵ nas margens do Córrego Capão, no Bairro Lagoa. Essa ação foi uma parceria entre a escola, o Núcleo Capão, o Projeto Vida Padre Gailhac, a Associação Comunitária do Bairro Lagoa e a SLU¹⁶.

¹⁵ Mutirões de limpeza realizados pelos funcionários da SLU, moradores e parceiros.

¹⁶ Superintendência de Limpeza Urbana.

Figura 25 – Alunos da escola participando das ações de Ponto Limpo, 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia da Silva.

Figura 26- Moradores, alunos e voluntários participando da ação socioambiental. 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia da Silva.

Retomando Freire (1999), em sua fala que diz que ao homem não basta apenas viver no mundo, mas, sim, estar no mundo, sendo através do diálogo, da interação com seu meio, e desse modo transformando a sua cultura. Assim, segundo Freire (1999), quando o sujeito começa a interagir com a sua realidade, participando e transformando-a de forma crítica, resulta em uma ação de “integração” que para o autor baseia-se em:

A integração ao seu contexto, resultante de estar não apenas nele, mas com ele, e não a simples adaptação, acomodação ou ajustamento, comportamento próprio da esfera dos contatos, ou sintoma de sua desumanização implica em que, tanto a visão de si mesmo, como a do mundo, não podem absolutizar-se, fazendo-o sentir-se um ser desgarrado e suspenso ou levando-o a julgar o seu mundo algo sobre que apenas se acha (FREIRE, 1999, p. 42).

Nessa perspectiva, relacionamos a resistência social dos moradores da comunidade do bairro Lagoa às mudanças propostas pelas ações ambientais do Núcleo Capão ao fato de que estão acostumados a esperar pelas ações do poder público, “acomodados” com a sua realidade. Em uma conversa informal que tivemos com Roseli, ela referiu-se à escolha do grafite nas ações ambientais por considerar uma arte de resistência, pois conversando com o grafiteiro Henrick Tsade, ela começou a conhecer melhor os princípios dessa expressão artística e, assim, percebeu que o grafite combinava com o trabalho desenvolvido pelo Núcleo Capão, que também é um movimento social de luta e resistência.

Assim, surgiu a proposta de incluir a arte do grafite nas ações ambientais realizadas pelo Núcleo Capão, sendo intitulada como “Do muro à Margem” pelo fato dessas intervenções terem como objetivo a ressignificação das margens do Córrego Capão, divulgando e sensibilizando a comunidade local e os alunos sobre a importância de lutarem a favor da revitalização ambiental do Córrego Capão. Assim, acreditamos que a arte urbana possibilita uma democratização do acesso ao campo das manifestações artísticas para todas as classes sociais, sem nenhum preconceito ou discriminação social, sensibilizando comunidades a criarem um olhar crítico sobre a realidade que vivenciam e, assim, começarem a transformá-la para melhor.

3.4 O grafite e a comunidade

Ao visitar a escola e participar das ações ambientais organizadas pelo Núcleo Capão, observamos que uma parte dos moradores e, principalmente, os jovens e as crianças gostavam muito dos grafites criados pelos artistas, pois olhavam com curiosidade, queriam aprender e elogiavam. A proposta do “Do muro à Margem” surgiu a partir de uma conversa entre Roseli e o artista Henrick Tsade. Este artista já grafitava os muros próximos ao Córrego Capão com seus colegas grafiteiros e quando conheceram as propostas promovidas pelo Núcleo Capão acharam muito interessante a ideia. Nas falas da grafiteira Laris, também moradora daquela comunidade, encontra-se presente essa ideia:

É que quando eu comecei a pintar no projeto, eu já grafitava os muros daquela região... Eu, o Shark e o Henrick. E várias pessoas já pintavam no Córrego, porque o Córrego é uma área de ninguém, tipo a pessoa não importa se vai pintar o muro dela. Por que já é no Córrego, então a pessoa considera

aquela área um visual da casa dela... Então elas não se importavam em grafitar os muros daquela área (Laris).

Segundo Roseli, durante a conversa com Henrick Tsade, ele sugeriu: “Tem tanto muro naquela região, são quase dois quilômetros de muro!”. Roseli, entusiasmada com a proposta respondeu: “O que nós poderíamos fazer para potencializar esta sua ação?”. Assim, ele respondeu: “É só vocês entrarem com a tinta e levarem os alunos para conhecerem.” Desse modo, o Núcleo Capão decidiu incluir a arte do grafite em suas ações ambientais, ressaltando Roseli que essa proposta surgiu com o objetivo de ressignificar as margens do Córrego Capão e com função de comunicar sobre a importância da preservação ambiental daquela paisagem urbana.

Para o artista Henrick Tsade, além da função do grafite de ressignificar os territórios, levando beleza e vida àqueles lugares, também trouxe a valorização do meio ambiente. Afirma o artista: “[...] é um lugar de beira das nascentes e isto trouxe não só uma questão de valorização do muro ou do espaço, mas do ambiente também”. Segundo Henrick Tsade, o ato de grafitar envolve todo um processo educativo, social, cultural que vai além da pura ação de pintar e criar. Em sua fala, ele esclarece melhor essa questão:

Neste tempo que estou trabalhando com o grafite eu aprendi muita coisa, tanto com as relações sociais quanto de identidade. O poder de intervenção no espaço, às vezes só a minha presença já influencia, e com o grafite também... só a sua presença já modifica o lugar. Eu acho que o grafite já tende a mostrar isto na prática mesmo, na vivência, na participação (Henrick Tsade).

Com base nessa percepção, concordamos com a arte-educadora Maria Luiza Viana (2015), no que ela diz a respeito do grafite. Para essa autora, o grafite é uma arte que consegue ir além do aprendizado em artes, é uma “oportunidade de recolher tudo o que o ambiente te dá, tudo que está no entorno, processar e de alguma forma depois devolver para a cidade” (VIANA, 2015, p.03 *apud* NOGUEIRA, 2015). Em setembro de 2017, fomos na primeira ação feita no bairro Lagoa, onde aconteceu uma intervenção artística realizada pelos alunos da E.M. Adauto Lúcio Cardoso e o coletivo de grafiteiros formados por Henrick Tsade, Laris e outros. Havia também nesse dia a presença das crianças e dos professores do Projeto Social Vida Padre Gailhac e voluntários que integram o Núcleo Capão.

Nessa ação, os alunos realizaram uma caminhada juntamente com as crianças e professores do Projeto Social Vida até o local onde estavam acontecendo

as intervenções artísticas, manifestando com cartazes e com gritos de: “Preservem a natureza, Lixo é na Lixeira!” Os alunos demonstraram nesse dia que se dependesse deles a ação de revitalizar o Córrego Capão seria cumprida com êxito, animação e alegria.

No evento, os alunos e grafiteiros pintaram o muro de uma mesma casa, só que cada um de um lado separadamente, utilizando os temas semelhantes com referências à natureza e ao Córrego Capão. A diferença notada por mim foi a escolha das técnicas artísticas utilizadas por ambos, pois os alunos utilizaram apenas a técnica da pintura com tinta comum de parede e os grafiteiros, que já possuem mais habilidade, fizeram o grafite usando tinta e spray. A pintura realizada pelos alunos, intitulada como *Árvore das mãos*, teria como objetivo ser um painel coletivo onde todos poderiam participar da criação do mural.

Assim, a copa da árvore foi construída por muitas mãos e cada criança imprimia sua marca nessa pintura, como mostramos nas fotos a seguir:

Figura 27 – Aluno monitor pintando as mãos de crianças da comunidade. Set. 2017.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Figura 28 – Monitor Fabiano imprimindo as mãos de tinta do aluno sobre a parede.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Conforme o Monitor da Escola Integrada Fabiano, o processo de criação da pintura aconteceu da seguinte forma: os alunos do Projeto Arte e Vida, que estavam pintando o muro, ficaram responsáveis por passarem a tinta nas mãos das outras crianças que queriam participar da intervenção. Entre elas, haviam os alunos da E. M. Adauto Lúcio Cardoso, do Projeto Vida Padre Guilhac, e dos pequenos moradores que por ali passavam.

Nisso, Fabiano me explicou que a ideia era proporcionar essa experiência artística para as crianças que ainda não tiveram tal oportunidade de pintar uma parede. O resultado dessa interação entre alunos da escola, crianças da comunidade e do Projeto Vida Padre Guilhac foi um lindo mural coletivo que transmitia uma mensagem: “Salvem o Capão!” Veja a imagem a seguir:

Figura 29 – Mural “Árvore das Mãos”, finalizado. Set. 2017.



Fonte: Acervo de Roseli da Silva.

Durante a execução dessa pintura, pudemos observar que havia uma certa cumplicidade e muita animação das crianças na participação do mural. Muitas nos relataram com alegria que gostaram muito de participar dessa pintura e mostraram com orgulho as mãos pintadas, cada uma de uma cor.

Figura 30 – Mãos coloridas de tinta de alunos da escola e do Projeto Vida Padre Guailhac. 2017



Fonte: Acervo de Luis González.

Consideramos, assim, que os resultados alcançados foram além da ressignificação daquele espaço, trazendo, sobretudo, valores como a coletividade, a união, a força de vontade de lutar por uma causa, alertando a comunidade sobre a necessidade de cuidarem mais daquele lugar e da natureza que ainda sobrevive ali. Observamos que a interação entre os alunos e grafiteiros foi apenas informal, com uma troca de ideias entre eles. Mas segundo Fabiano, os alunos aprenderam muito com os grafiteiros, servindo isso de estímulo para as outras crianças que não puderam participar das intervenções artísticas nos muros.

Para o artista Henrick Tsade, essa interação que acontece entre aluno e grafiteiro é muito interessante, pois, conforme nos contou somente a presença do grafite já influencia indiretamente os alunos e também os professores que estavam naquele lugar. Relata o artista que:

A presença do grafite já influenciou por estarem no espaço com a gente interagindo com o mesmo trabalho, de certa forma já influenciou um pouco. Não só eles, mas tipo os professores também que estavam ali, as pessoas que estavam passando na rua e a própria comunidade. Tudo influencia no trabalho final (Henrick Tsade).

Laris, outra artista que também participou da pintura dessa escola, citou que essa interação entre os alunos e grafiteiros foi algo muito positivo, que inspira as crianças a desenharem e aprenderem a pintar como eles. Relata, assim:

[...] e os alunos quando te encontram na rua, eles te veem como um super-herói e dizem: Olha! É aquele grafiteiro que pintou minha escola! Que legal! Então eu acho que eles ficam meio inspirados sim, e começam a desenhar e te mostram o desenho. E eles ficam muito animados e querem pintar também com a gente e expressarem o que sentiram também! (Laris).

Ela esclareceu ainda que isso acontece pelo fato do grafite ser uma arte que não possui preconceitos e padrões definidos e por isso as crianças sentem que têm mais liberdade para expressarem o que querem sem medo.

Por que para o aluno você tenta passar a questão da arte, do visual, porque o grafite não tem preconceito, nunca um grafite vai ser feio ou vai ser pior que o outro... cada um tem sua arte dentro de si, entendeu? Cada um enxerga a arte de uma forma. Então os grafiteiros tentam fazer uma união, uma dança na parede, daí você tenta passar isto para a criança (Laris).

Já na foto abaixo mostramos essa interação que aconteceu entre o artista grafiteiro e as crianças em um outro momento, na ação socioambiental que aconteceu no Parque do Conjunto Habitacional do Bairro Lagoa em outubro de 2018.

Figura 31 – Interação entre grafiteiros e crianças da comunidade. Out. 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia Da Silva.

Figura 32– Crianças participando do grafite em ação socioambiental de Outubro de 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia da Silva.

Durante a intervenção artística que aconteceu em setembro de 2017, houve uma polêmica durante a feitura do grafite. No caso aconteceu o seguinte: a casa tinha dois andares e a moradora que morava na parte de cima não gostou da pintura de uma fada com os seios à mostra criada pela grafiteira Laris, nisso, ela pediu para a artista tapar os seios da personagem e Laris não quis ceder ao seu pedido. Logo, inconformada com a situação, quando os grafiteiros foram embora, a moradora pegou uma tinta e ela mesma jogou em cima da pintura, censurando os seios da personagem:

Figura 33 – Detalhe da pintura censurada. Set. 2017.



Fonte: Acervo de Roseli Correia.

Laris comenta sobre essa experiência:

Por que eu estava desenhando um corpo feminino e a moradora era uma mulher e sabe que o corpo feminino não tem nada de mais. E era um desenho, não era nem uma coisa realista para passar alguma sensualização, não! Eu tento fazer meus desenhos sem nenhuma sensualidade, e a mulher achou ruim e ficou incomodada com aquela situação e queria que eu tampasse os seios da fada. Daí eu disse que não, que era minha arte e eu não vou mudar porque não te agradou! (Laris).

Mesmo chateada com a situação, a artista comentou que isso acontece pelo fato de muitas pessoas não valorizarem o grafite como uma arte, mas que ela ficou com sentimento de missão cumprida e que sua intenção era chamar a atenção da comunidade para uma causa importante, a qual os moradores não percebiam ou ignoravam:

Eu fiquei com a sensação que fiz minha parte, por que eu tentei chamar a atenção para uma causa importante, por que o desenho que tinha feito era uma fada mergulhada em uma água suja de córrego para tentar passar uma realidade que também poderia estar nascendo vida ali e ninguém estava percebendo. E ela não ligou para esta realidade. Tem certos moradores que não ligam para a situação que estão vivendo! (Laris, 19 anos).

Segundo ela, infelizmente ainda existem muitos conflitos entre o grafite e a comunidade, pois muitas pessoas ainda não consideram o grafite como uma arte de valor, como aquelas obras de artes famosas que estão expostas em um museu, mas veem o grafite como um vandalismo e pichação. A grafiteira também comentou sobre essas tensões quando a perguntamos sobre as reações dos moradores quando estavam grafitando nos eventos realizados pelo Núcleo Capão:

Foram muitas etapas, muito diferentes... a maioria deu aprovação graças a Deus, muitas pessoas chegavam e apoiavam a ideia, gostavam que estávamos pintando aquela área para revitalizar o córrego né? Por que estava realmente devastada, abandonada e coisa e tal... Já outros acham que desperdício e dizem: vocês estão pintando isto aqui pra quê? Daqui a pouco vai ter uma rua aí e não vai ter mais nada! Isto tudo fede... este córrego fede! (Laris).

Percebemos que muitos moradores aceitaram a ideia com facilidade e alegria. Ajudavam os grafiteiros, forneciam água, comida e elogiavam quando os artistas terminavam a pintura nos muros. Entretanto, infelizmente, outros não aprovavam a ideia e reagiam de forma muito negativa e desanimadora, como se fosse uma perda de tempo. Isso nos leva a pensar o grafite como uma arte efêmera, pois está exposta a diferentes situações, sejam elas provocadas pela ação da natureza, sejam pela ação do homem. Na imagem a seguir mostramos um mural criado pelos grafiteiros do qual não existe mais naquele lugar:

Figura 34 – Grafite da intervenção artística de 2017. Set. 2017.



Fonte: Acervo de Roseli Correia.

Conforme o autor Silviano Santiago (2004), a efemeridade dessa arte deve-se ao fato do grafite provocar um “estranhamento” na sociedade, seja pelo seu caráter denunciativo e político, seja por favorecer “o diálogo com diferentes instâncias pessoais, tendendo a “cotidianizar a política ou de politizar o cotidiano” (SANTIAGO, 2004, p.23). O autor explica que a descriminalização dessa arte se define com uma arma contra o “Monopólio ideológico”, trazendo à tona “problemáticas sociais que nos proporcionam maior percepção do elo entre os distintos sujeitos” (SANTIAGO, 2004, p.23).

Em outro estudo a que tivemos acesso, realizado pela pesquisadora Catarina M. C. Lourenço Valente, intitulado como *A Street Art no feminino. O lugar da mulher na Arte Pública* e publicado em 2016, verificamos uma discussão sobre a efemeridade referente às expressões da arte urbana, incluindo nesse contexto o grafite. Valente (2016, p. 10) aponta que essas manifestações artísticas no espaço urbano estão “transitando” para outros espaços expositivos como as galerias e museus, afirmando a autora que essas mudanças são caracterizadas pelo aumento do interesse midiático pelo grafite: “[...] cujos símbolos e narrativas foram apropriados pelas indústrias da moda, do cinema, da música, da publicidade, da televisão e, no geral, do entretenimento” (VALENTE, 2016, p. 10).

Para o antropólogo Alexandre Barbosa Pereira (2010), esse fato acontece pelo motivo de que o grafite estaria mais associado à arte, e a pichação à exclusão, ao crime e à banalização pela população. Nesse sentido, esse autor questiona que o grafite, ao ocupar outros espaços como as galerias de arte, adquire outro “status” mais interessante para o mercado e para o Estado. Explicita o autor:

[...] é mais facilmente entendido como forma de ação do Estado e mesmo do mercado, já a pichação, execrada pela maioria da população, é uma máquina de guerra, nômade e difícil de ser capturada. Assim, fica mais fácil criminalizar esta e mesmo criar certo pânico moral em torno dela como forma de marketing político e publicidade pessoal (PEREIRA, 2010, p.21).

Para a coordenadora Roseli, essa polêmica que aconteceu foi a primeira experiência ruim que tiveram e ela define como uma falta de comunicação, pois eles não sabiam que o casal estava separado e que o dono que autorizou a pintura não tinha comunicado a ex-mulher sobre o fato. Ela comentou que no início, quando começaram as intervenções artísticas, ela percebeu que existia um preconceito grande contra a arte do grafite, comerciantes e moradores ficavam meio receosos quando ela pedia autorização deles para realizar o grafite, afirmando a seguir:

Mas a gente percebe que tem um preconceito muito grande, igual quando eu fui pela primeira vez acompanhar junto com o Núcleo Capão, os grafites dos meninos (grafiteiros). Nós fomos pedir a autorização para grafitar um muro de um lugar chamado escadaria, que é uma loja que vende autopeças, para oficinas... Daí perguntamos ao rapaz, dono de lá e falamos que tínhamos a ideia de fazer um grafite. E o rapaz respondeu: “Não, vai ficar muito sujo!” Nós explicamos que a proposta não é essa, que não era pichar, e que era outra proposta, que tem a ver com a arte e que vai revitalizar o espaço e coisa e tal (Roseli Correia).

Depois de muita conversa, o dono concordou em autorizar a pintura, e no dia do evento quando viu o resultado da pintura disse a Roseli: “Nossa ficou legal demais esta pintura! [...] vocês podiam agora plantar um jardim aqui que até eu ajudo a cuidar”. Roseli complementou ainda a continuidade desse bom resultado: “E era na beirada do córrego, lugar de bota-fora, e ele disse que ajudava a olhar o jardim e a cuidar para ninguém jogar entulho mais!”. Segundo ela, esse conflito foi resolvido através do diálogo, no qual o Henrick mostrou algumas fotos de seu trabalho artístico e explicou para o comerciante como era o grafite que pretendiam realizar no muro, dessa forma o comerciante, mesmo desconfiado, aceitou a realização dos grafites em seu estabelecimento.

Nesse caso, Roseli explicou que desde 2017 estão planejando a implantação de uma ação de “ponto limpo” naquele local, mas ainda não conseguiram pela SLU. Ela ainda relatou que pelo fato da Vigilância Sanitária estar percebendo que a água do córrego não está tão suja, há possibilidade disso acontecer em breve, esclarecendo que:

Desde 2017, nós ainda não conseguimos fazer lá este ponto limpo, ainda está em aberto, a SLU propôs, mas nós não conseguimos fazer ainda. Talvez venha pela Vigilância Sanitária, por que pediram e porque a água do Córrego

está bem mais limpa. Tem uns moradores que dizem “[...] que não é história de pescador, tem peixe lá agora!” Só que não conseguiram tirar foto, daí eles falaram que vão filmar. Mas a vigilância sanitária tá de cima para acontecer! (Roseli Correia).

Em outubro de 2018, aconteceu outra ação ambiental organizada pelo Núcleo Capão em parceria com o Projeto Vida Padre Guailhac, do Projeto Manuelzão e da Escola Estadual Menino Jesus de Praga. Nesta ação, observamos que a participação dos moradores daquela comunidade foi maior que o evento que aconteceu em setembro de 2017. A E.M. Adauto Lúcio Cardoso não participou formalmente, a Roseli convidou os alunos e professores, mas sem compromisso com a presença deles no evento.

Segundo ela, essa ação foi voltada mais para a comunidade local, para divulgar a importância de preservar uma área verde daquela região que, segundo Roseli, é um parque que possui muitas nascentes do córrego. Nesse dia, havia muitas atividades, além do grafite e do plantio de mudas, como exemplo, grupo de capoeira, ponto de leitura, palestras oferecidas por estudantes de biologia do Projeto Manuelzão, brincadeiras e oficina de fabricação de sabão caseiro com óleo de cozinha, como mostram as fotos abaixo:

Figura 35 – Roda de Capoeira. 2018.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Figura 36 – Moradoras fabricando sabão caseiro. 2018



Fonte: Acervo do pesquisador.

Como dissemos, essa ação foi voltada para a comunidade e não para a escola, como nos explica Roseli:

Ano passado foi mais os alunos, porque fizemos uma caminhada com os alunos da Escola Integrada até o lugar que estavam acontecendo as intervenções. Neste último evento, conseguimos convidar pessoas de outras regiões que se uniram para apoiar um ao outro e tinha muita gente da comunidade desta vez (Roseli Correia).

Mesmo que os alunos não tenham participado vinculados diretamente à escola, muitas crianças que estiveram presentes no local do evento eram alunos da escola e participaram como morador. Nesta ação observamos, entre outras coisas, alguns pontos diferentes em relação ao evento realizado no ano anterior, em 2017. Notamos uma maior participação da comunidade nas atividades propostas pelo projeto, e também na interação entre grafiteiros e as crianças que estavam ali, do que na última intervenção artística que presenciamos:

Figura 37– Crianças da comunidade pintando com a ajuda dos grafiteiros. 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia da Silva.

Segundo Roseli, não ocorreu nenhum conflito entre os moradores e os grafiteiros, sendo que os artistas apenas tiveram dificuldades com o acabamento do muro, pois o que era autorizado para a intervenção não oferecia boas condições para pintura. Ela ainda nos relatou que nessa ação, o morador da casa autorizou com boa vontade a realização do grafite em seu muro, contando o que disse o morador: “[...] podem grafitar, tem problema não!”. Porém, o muro estava todo chapiscado, então os artistas tiveram que arrumar outro muro:

Daí arrumaram outro muro, mais na frente, mas tem um problema lá, não tinha ninguém morando! Daí alguém falou assim: “Ah tem um morador que vem aqui uma vez por ano, mas acho que não vai ter problema. Ele vai gostar sim”. Então temos este problema, a da autorização dos muros para pintar. Eu passei lá uns dias para trás e o grafite está lá ainda (Roseli Correia).

Assim, a maior dificuldade, segundo Roseli, para realização dos grafites seria a autorização pelos moradores, pois a maioria desconhece sobre a arte do grafite, pensa que é a mesma coisa que pichação e fica receosa no início. Conforme explica o artista Henrick Tsade, o grafite autorizado parte de uma conversa entre o jovem e o morador, mas que mesmo assim não perde sua essência e que continua interagindo com a cidade. Ele afirma: “O grafite autorizado é uma conversa entre o jovem e o morador, e mesmo assim está ali ocupando a casa e participando da cidade” (Henrick Tsade). Nas fotos a seguir mostramos o grafite realizado nessa ação ambiental em outubro de 2018:

Figura 38 – Grafite realizado durante a ação socioambiental de outubro de 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia da Silva.

Figura 39 – Grafiteiro finalizando seu grafite. 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia da Silva.

Figura 40 – Grafiteiro criando seu grafite. 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia da Silva

No dia 15 de dezembro, participamos da última intervenção artística promovida pelo Núcleo Capão no Bairro Piratininga, em Venda Nova. Nesse evento, havia poucos moradores e os alunos da escola não compareceram, pois, segundo

Roseli, essa ação foi um pedido da SLU em parceria com o Núcleo Capão. Segundo Roseli, a SLU primeiro vai aos lugares e realiza a limpeza do local, faz um canteiro com pneus e pinta o muro de branco para feitura dos grafites, e os grafiteiros e o Núcleo Capão realizam as pinturas e a plantação de mudas, como mostra a foto a seguir:

Figura 41 – Criança cuidando do canteiro. 2018.



Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 42 – Voluntários ajudando no plantio de mudas. Dez. 2018.



Fonte: Acervo do pesquisador

Roseli ainda relatou que essa iniciativa da SLU de convidar os grafiteiros a pintarem os lugares nos quais realizam essas ações chamadas de “ponto limpo” surgiu dos bons resultados obtidos em intervenções artísticas feitas anteriormente. Assim, quando perguntamos a Roseli se a arte do grafite pode ou não incentivar a comunidade a cuidar mais do lugar aonde mora, ela respondeu que talvez sim, pois até a SLU tinha percebido esse fato, afirmando que:

Talvez possa ser sim, tanto é que a SLU entendeu. Agora quer fazer os pontos limpos com o grafite. Eu sei que a Rejane que é do Mobiliza, ela me pediu o contato do Henrick e eles estão tentando fazer este link. Então, não sei se foi uma ou duas vezes, tenho que perguntar para o Henrick. Ela nos chamou para fazer uma reunião, foi o Núcleo Capão, associação comunitária

do bairro Lagoa, o Mobiliza SLU e a UMCA¹⁷, que é associação dos moradores daquela região (Roseli Correia).

Nesse dia, havia uma professora da Escola Aduino Lúcio Cardoso que aceitou o convite da Roseli e levou algumas mudas para plantar no canteiro juntamente com outros moradores. Ela nos contou nesse dia que admira o trabalho desenvolvido pela Roseli na escola e que já havia participado com seus alunos de outras ações ambientais que aconteceram na escola. Em relação à aceitação da comunidade sobre o grafite, observamos que a ação foi bem aceita pelos moradores, apesar de que a Roseli não tinha encontrado o dono da casa que iriam grafitar. Ela disse que um outro morador se mostrou bem receptivo e disse que o atual morador gostava de artes e iria gostar da ideia. Como ela nos explicou:

Mas alguém nos falou que “o morador gosta destas coisas de artes, participa de projetos de cultura e da arte, então é capaz dele não achar ruim não”. Mas nós precisamos achar o morador... lá neste lugar é tipo um ponto limpo, que a SLU nos convidou para ir lá fazer esta intervenção artística. Tipo assim, houve uma parceria com a SLU e ela viu que deu certo e agora está querendo incluir o grafite nestas ações de limpeza (Roseli Correia).

Nesse dia, também conversei com uma moradora que estava plantando algumas mudas nos canteiros e ela me disse que trouxe muitas mudas de casa, e que todos os dias ia ao local para molhar as plantas com a ajuda de um comerciante que oferecia a água. Essa ação aconteceu bem às margens do Córrego Capão e essa moradora me mostrou uma parte do Córrego em que a água estava mais limpa e me contou que alguns moradores já tinham até pescado lá. Infelizmente, me esqueci de gravar essa nossa conversa e também não consegui ver os peixes no Córrego, mas tirei algumas fotos do local, como se pode ver a seguir:

Figura 43 – Parte limpa do Córrego Capão. Dez. 2018.



Fonte: Acervo do pesquisador.

¹⁷ União dos moradores do Ribeirão de Abreu.

Nas fotos a seguir mostramos outros momentos que marcaram essa ação ambiental:

Figura 44 – Grafiteiro realizando intervenção nos canteiros. 2018.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Figura 45 – Mural em processo de criação. 2018.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Durante o tempo em que participei dessas ações socioambientais promovidas pelo Núcleo Capão e pela escola, percebi importantes mudanças tanto para os moradores quanto para os artistas e crianças que de certo modo se sentiram influenciados por essa iniciativa. Com base também nas entrevistas, fotos e notas de campo coletadas nesse tempo, observei que realmente aconteceu uma mudança de hábito por parte de alguns moradores, como não jogar mais lixo no local, ou no cuidado com os canteiros de mudas, e no aumento do interesse da comunidade por participar das atividades propostas pelo Núcleo Capão.

Além disso, pude verificar nas falas dos grafiteiros Henrick Tsade (21 anos) e Laris (19 anos), que também são moradores daquela comunidade e assim vivenciam esta realidade desde pequenos, como os grafites que fizeram naquela região influenciaram de modo positivo as suas percepções sobre aquele patrimônio.

Conforme relatou Henrick, quando o perguntei quando ele começou a grafitar os muros nas ações socioambientais do Núcleo Capão, ele respondeu que:

Assim... desde muito pequeno eu passava pelo córrego e nunca tinha observado com amor, assim digamos de alguma maneira. Então, eu passei a observar ele com outros olhos, e eu vi uma beleza incrível nele, que eu acho que poucos veem. E eu acho que ele é muito isso assim... um patrimônio cultural incrível! Uma paisagem maravilhosa! Principalmente, por estar dentro de uma comunidade, é um pedacinho da natureza transitando por esta comunidade (Henrick Tsade).

Retomamos aqui o conceito de paisagem cultural discutido anteriormente, considerando que o Córrego Capão participa da composição da paisagem local, interagindo com os moradores, criando novas formas de sociabilidade e tensões sobre uma possível proposta da prefeitura de canalizar o córrego e transformar toda aquela paisagem em uma grande avenida. Para Ribeiro (2007), o conceito de paisagem cultural, além de representar essas relações sociais/históricas com o seu meio, também é entendido como um modo de criação de novos significados, ou ainda: “[...] como espaço de interação entre os aspectos materiais e os simbólicos” (RIBEIRO, 2007, p. 07).

Para Henrick Tsade, participar dessas ações de intervenção artística utilizando sua arte foi muito gratificante para ele, pois conseguiu contribuir um pouco na preservação da natureza e de toda a sua beleza com sua atitude e mensagem:

Mesmo que a comunidade vem [sic] jogando lixo e poluindo...ele ainda se mantém vivo e bonito assim... mantendo a sua beleza. E participar disto tudo foi muito gratificante para mim, pois eu, como ser integrante desta natureza ajudando ela [sic] a ser mais vista. Tipo eu não tenho poder de limpar o córrego todo, mas eu tenho esse poder de levar uma mensagem, uma beleza que de certa forma também pode fazer parte desta paisagem (Henrick Tsade).

Para a grafiteira Laris, que também é moradora dessa comunidade, essa experiência também foi muito importante. No entanto, notamos em sua fala uma grande tristeza quando se refere à comunidade em que mora, denunciando a falta de consciência de alguns moradores de seu bairro, relatando que:

Assim quando eu conheci a Roseli eu já pintava naquela área, daí eu conheci também o projeto da escola e conheci o Núcleo Capão. Achei muito bacana a interatividade na época por que meu sonho é ser bióloga, então juntava duas coisas que eu adorava que era a arte e a natureza... Eu também sofro, sou moradora do Córrego e sofro com o que vejo todos os dias, sofás jogados e queimados dentro do Córrego, a pessoa joga pneu, lixo e ainda joga terra por cima. E eu sofro vendo tudo aquilo! Não é nem uma questão só humana, eu vejo os miquinhas que estão com fome e vão [sic] na minha janela, eu vejo

os tucanos que voam de manhã...os animais ficam sem abrigo também e sem água limpa (Laris, 19 anos).

Considerando esse triste contexto, Laris cita que muitos moradores ainda ignoram essa realidade e não querem mudar, pois acreditam que o poder público irá fazer algo para resolver os problemas. Segundo ela, o grafite é uma boa alternativa para mostrar à comunidade que aquele lugar pode ser melhor para viver e mais bonito, contando que antes os moradores aproveitavam daquele Córrego para nadar e pescar:

Então o grafite a gente tenta chamar a atenção para isso, eu tentei fazer um trabalho mais feminino, mais natural relacionado à natureza, puxando, sabe, porque eu sempre gostei muito desta área... Aí já ligava muito, a gente já pegava inspiração, o Núcleo Capão vinha com os projetos de plantação né? Das hortinhas, tentando mostrar que aquele ambiente pode ser um ambiente bonito, bacana sabe? É só ter carinho. Por que é um ambiente que dá para morar, só que tá largado pela prefeitura, foi abandonado! Por que antigamente, minha avó foi moradora daquele córrego, mas bem para frente e ela falava que pescava, nadava, lavava roupa... tudo naquele Córrego. Era um Córrego lindo! (Laris, 19 anos).

Em seguida, questionei se ela tinha reparado se os moradores, depois das intervenções artísticas, começaram a perceber o Córrego de outra forma e, assim, se começaram a cuidar mais daqueles espaços antes abandonados por eles. Ela me respondeu:

Eu notei, sim, nos lugares que fizemos tinham pessoas que acham que grafite é vandalismo né? Então não ligaram muito, continuaram jogando lixo da mesma forma, mas teve lugares que chamou muita atenção. Eu, por exemplo, sou moradora e nós pintamos perto do lugar onde moro, e depois que o pessoal do Núcleo foi lá e fez o ponto limpo, plantou mudas e a gente fez os grafites eu percebi uma mudança, sim, com alguns moradores (Laris, 19 anos).

A partir dessas falas desses artistas e moradores que convivem desde pequenos com a triste realidade na qual se encontra o Córrego Capão, onde escutavam seus avós antigamente contando histórias sobre aquele lugar que antes era limpo e preservado, percebi o valor de todas essas mobilizações promovidas pelo Núcleo Capão em parceria com a escola e outros parceiros que atuam efetivamente por uma causa ambiental que utiliza o grafite para sensibilizar os moradores e levar cultura e cidadania para aquela comunidade carente.

Tomando como referência as visitas feitas em campo e com base nas falas da Roseli, dos artistas grafiteiros e de moradores relatadas neste estudo, verifiquei que há muitos moradores que participam das ações ambientais e consideram interessante a proposta de grafitarem os muros, de fazer canteiros de mudas e de

preservarem limpo o local próximo ao córrego. Porém, por outro lado, ainda existe muita resistência por parte de alguns moradores, que além de não ajudarem a cuidar do lugar em que moram, também criticam quem faz alguma coisa para tentar mudar aquela realidade. Segundo Roseli, muitos ainda estão acomodados e esperando pela iniciativa do poder público. Conforme ela explica: “Agora trabalhar com criança é mais fácil, pois elas compram a ideia e tal, mas os pais a gente não vê muitos envolvidos. E tudo eles dizem que a prefeitura irá fazer, daí eu digo: Gente, a prefeitura faz cada vez menos!” (Roseli Correia).

Esta situação me remete aos conceitos de Freire (1989), em que o educador se refere à importância de uma educação para a liberdade, onde o sujeito, através do re(conhecimento) de sua cultura e história, começa a se integrar a sua realidade e, dessa forma, consegue transformá-la para melhor. Então, quando Roseli cita que muitos moradores ainda se sentem acomodados com aquela triste situação, relembro os preceitos de Freire, quando afirma que “O homem acomodado é passivo de mudanças, convertido em um mero expectador de sua Sociedade” (FREIRE, 1989, p. 51).

Mas, em relação à participação dos moradores nas ações socioambientais do projeto, Roseli disse que tem notado um crescimento do interesse da comunidade pela limpeza dos canteiros, manutenção das placas de madeira que colocaram nos canteiros e na melhor recepção das atividades propostas pelo Núcleo Capão, como o grafite. Ela relata, assim, que:

As pessoas, quando tem mobilização, elas vão... nós sempre colocamos uma faixa lá informando sobre a ação que iremos realizar, igual na última que teve no dia 15 de novembro, as pessoas estavam presentes, participaram né? Mas é só isso, vão e participam e eu fico vendo que tem algumas pessoas que entendem a nossa proposta e tentam fazer alguma coisa... E hoje quando a gente vai lá, nós percebemos que alguns moradores adotaram a proposta de novo e colocaram alguns pneus pintados para cercarem os canteiros. O próprio canteiro que nós começamos a revitalizar continua lá, os moradores estão cuidando. Então, neste sentido, os moradores contribuem, mas do outro lado vem carroceiro direto dispensar lixo lá no parque. Mas a gente tem observado que o empenho da comunidade vem aumentando, com cuidado das placas e com a limpeza dos canteiros e jardins (Roseli Correia).

Realmente, nos eventos de que participamos desde 2017, notamos que era um número pequeno de moradores que participavam efetivamente das ações realizadas pelo Núcleo Capão, depois esse número foi aumentando e as tensões entre a comunidade e o Núcleo Capão foram diminuindo. Logo, considerando todo o percurso desde o início quando começamos este trabalho de campo, observamos

uma crescente participação da comunidade nas ações ambientais, como mostra a imagem abaixo:

Figura 46 – Comunidade participando da ação socioambiental em setembro de 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia.

Nesse contexto, podemos considerar que dentro do ambiente urbano de uma cidade, coexistem diferentes pessoas com diferentes referenciais culturais que foram construídos a partir de suas origens sociais e pelo acesso aos meios de expressão artísticos, ou seja, cada sujeito concede uma importância cultural àquela intervenção artística urbana. Desse modo, os grafites têm se apresentado como uma manifestação artística/social contemporânea que carrega em si muitos significados que vão além do seu valor visual e estético. Conforme o autor Ricardo Campos (2009), os grafites também se assumem “como um veículo de comunicação entre pessoas, um sistema de comunicação visual, com as suas convenções pictóricas, técnicas e ferramentas de execução” (CAMPOS, 2009, p.52).

Já para Viana (2015), o artista urbano não usa sua arte apenas para ressignificar os espaços urbanos, mas principalmente consegue promover naquela comunidade articulações que desejam mudar aquela realidade, sugerindo a autora que “Não é o poder público chegando em um lugar e ‘melhorando’. São os principais envolvidos mudando e rompendo com estigmas de certos espaços” (VIANA, 2015 *apud* NOGUEIRA, 2015).

Portanto, ao reconhecer que a arte pública é uma forma de representação dos anseios e aspirações sociais de uma cidade. Silva (2005) conclui que o artista urbano recria acontecimentos antigos ou faz ressurgir antigas memórias coletivas daquele lugar, convocando os cidadãos da cidade a se inquietarem e a repensarem sua relação com a cidade e com o seu tempo. Nessa perspectiva, pensando na cidade

como um organismo vivo, percebemo-la como um lugar em constante mudança, pois a cidade não é construída apenas com formas materiais, mas também com diversos significados e com participação coletiva dos cidadãos. Afirma o geógrafo David Havey (2013, p. 27), quando escreveu sobre direitos que temos à cidade: “O direito à cidade é muito mais que a liberdade individual de ter acesso aos recursos urbanos: é um direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade”.

3.5 O grafite e a Educação

Sobre as atividades propostas dentro do espaço escolar, constatamos que as mesmas diferem um pouco das ações ambientais propostas pelo Núcleo Capão na comunidade local. Segundo Roseli, são dois trabalhos diferentes com o mesmo objetivo, que é a revitalização do Córrego Capão e a preservação ambiental, mas que ela tenta reaplicar as ações do Núcleo Capão na escola e mobilizar os alunos e professores a apoiarem essa luta social.

Desse modo, são propostas diferentes atividades como as caminhadas, mutirões de limpeza, estudo e catalogação das árvores que existem na escola, horta escolar, passarinhadas, entre outras ações que sensibilizem os alunos e os professores a preservarem o meio ambiente e a cuidarem dos espaços em que moram. Roseli relatou que antes, quando atuava dentro da sala de aula, era mais fácil desenvolver as atividades com seus alunos, apesar de serem muitos pequenos. Hoje em dia, como coordenadora da Escola Integrada, disse que consegue trabalhar com a educação ambiental, mas não consegue muita adesão dos alunos às atividades.

Segundo ela, isso acontece porque o grupo de alunos é muito extenso e muitas crianças são infrequentes, ficam um tempo sem ir à Escola Integrada, apontando que: “[...] é meio difícil seguir somente um cronograma. Então, a adesão dos alunos é menor e daí não consigo sensibilizá-los tanto quanto estava na sala de aula” (Roseli Correia).

Em relação à participação dos professores e da direção da escola nas ações ambientais e atividades que envolvem o Projeto Capão, ela pontuou que nunca teve muito apoio da escola, mas que alguns professores acompanhavam o trabalho dos alunos, liberando-os para participarem e indo junto com os alunos nas passeatas ecológicas. Porém, Roseli nos explicou que os professores, apesar disso, não demonstravam tanto interesse assim, pois somente acompanhavam os alunos em

passeatas organizadas por ela: “Quando iria fazer uma mobilização, a gente combinava o horário e elas me acompanhavam... Mas só isso, não participavam, não!”.(Roseli Correia).

Ela também pontuou que ainda que a adesão dos professores seja pequena, ainda há alguns que reconhecem seu trabalho, apoiam e até oferecem uma ajuda, como a professora chamada Márcia. Essa professora não está mais atuando em sala de aula, foi afastada por motivo de saúde, e agora possui a função de elaborar projetos educativos para a escola mandar para a Secretaria Municipal de Educação (SMED). Roseli disse que um dia um professor da escola a instigou a trabalhar com o tema “Os rios nas paisagens” utilizando autores como Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto, mas que ela não conseguiu fazer essa ligação. Então, conversou com a professora Márcia e daí ela gostou muito da ideia e elaborou um projeto chamado “Gota D’água”.

De acordo com ela, somente em agosto de 2018 começaram as atividades na escola, com mostras poéticas e culturais com temas relacionados à água, passarinhadas e o projeto corredor ecológico. Roseli disse ainda que a partir desses projetos os alunos começaram a se interessar mais pelo assunto, pois apresentaram uma mostra cultural no dia 24 de novembro de 2018, além das caminhadas, plantio de árvores e palestras sobre a importância de cuidarmos de nossas águas. Ela relata:

Daí os alunos começaram a interessar mais né: pois vai ter uma mostra cultural e eles vão ter que fazer alguma coisa. Com o turno da manhã nós fizemos um plantio de árvores com eles... Fizemos um gotejador de garrafa pet e cada turma adotou uma árvore. E no turno da tarde acontecem palestras sobre a água, está previsto passar um documentário. A mostra cultural será dia 24 de novembro, assim estas atividades são para combinar com a mostra né? (Roseli Correia).

Nas fotos a seguir, mostramos o plantio de mudas feito com o turno da manhã e o gotejador de garrafa PET feito também por esses alunos:

Figura 47 – Alunos plantando mudas na escola. Nov. 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia.

Figura 48 – Gotejador de garrafa PET. Nov. 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia.

Roseli esclareceu que esse envolvimento dos alunos e professores aumentou somente no ano de 2018 e que, mesmo assim, aconteceu por causa de uma professora que conseguiu fazer uma ponte com a Secretaria de Educação. Porém, ela cita com muita tristeza a falta de apoio da direção da escola: “E na escola eles apesar de todos os esforços e projetos a direção ignora, não quer saber. Eles sabem que existem e que tem projetos, mas é a mesma coisa quando a pessoa não se apropria,

não quer saber”. Por outro lado, também observamos pontos positivos em relação à recepção da escola às intervenções artísticas realizadas pelos grafiteiros e alunos nos muros da mesma.

Para o artista grafiteiro Henrick Tsade, pintar o muro da escola foi uma experiência muito gratificante:

No trabalho que fizemos na escola foi melhor que na rua, pois na rua tivemos apenas o apoio da Roseli e do Fabiano. Mas quando fomos pintar na escola, houve uma boa aceitação, teve uma estrutura legal, com almoço e tudo. A escola nos acolheu de forma positiva, nos deu todo o material que precisávamos e foram muito cordiais com a gente (Henrick Tsade).

Além disso, ele comentou que os professores contribuíram com a sua presença e amizade e que a interação com os alunos foi apenas informal, pois os alunos fizeram um mural à parte com o professor Fabiano, havendo apenas uma troca de ideias entre eles. O Projeto Arte e Vida é uma oficina do Projeto Escola Integrada coordenada pelo professor Fabiano, realizando intervenções artísticas no ambiente escolar e nas proximidades da escola, como nas praças.

Nas visitas de campo que realizamos, pudemos acompanhar algumas aulas desse projeto, e observamos que era um grupo pequeno de três a seis alunos que demonstravam muito interesse por participar das atividades propostas pelo professor. Segundo Fabiano, a seleção dos alunos era feita por ele, considerando dois fatores, o interesse e a habilidade:

Era pelas duas coisas, os que tinham interesse e habilidades. Na verdade, era mais pelos que tinham interesse, porque habilidade sem interesse não adianta muito. Então tem que ter o interesse para desenvolver, e sempre era dividido um grupo de seis, sendo quatro turmas de seis alunos (Fabiano Ramos).

Fabiano prossegue seu relato dizendo que no ano de 2017 conseguiu um grupo permanente de trabalho que se constituiu numa equipe de alunos que pintou os muros da quadra da escola e o muro da escola durante a intervenção artística organizada pelo Núcleo Capão em setembro do mesmo ano. Fabiano explicou que antes de levar seus alunos para pintarem um muro, escolhia um tema com seus alunos ou coordenação o qual seria abordado nas pinturas e, depois, pedia aos alunos para desenharem no papel suas ideias. Segundo ele, o processo artístico acontecia da seguinte forma:

Nós, primeiro, fazíamos no papel e do papel nós passávamos para a tinta guache e depois nós íamos para a pintura da parede. Mas tudo partia de um tema, nós conversávamos entre nós e decidíamos quais os temas iríamos

abordar, como preconceito, racismo, culturas, desenhos, geralmente eu deixava eles escolherem. E daí eles sempre escolhiam temas mais puxados, voltados pro lado do que eles sofrem hoje em dia (Fabiano Ramos).

Nisso, Fabiano nos explicou que na escola trabalha com seus alunos o grafite, mas voltado para a técnica da pintura artística, com o estudo das cores, luz e sombra, contrastes e composição. Para Fabiano, esse processo inicial é importante para que o aluno tenha uma primeira noção sobre pintura, para depois conseguir pintar uma parede com mais facilidade. Ele afirma: “Eu trabalhei com alfabeto do grafite, na verdade, o grafite é arte que te dá a liberdade de você criar o que você quiser, tem uma maior liberdade. Então para os que estão iniciando, é bom ter uma noção de pintura artística né?” (Fabiano Ramos).

Além do grafite, o professor Fabiano também desenvolveu com seus alunos a técnica da pintura em placas de madeira, com temas sobre a preservação do Córrego Capão. A coordenadora Roseli nos disse também, em sua entrevista, que a ideia era fixar essas placas nos lugares que funcionavam os “Pontos Limpos” realizados pela SLU, Núcleo Capão e com a ajuda dos alunos da Escola Integrada. No dia da pintura das placas, os alunos foram divididos em grupos e os alunos do Projeto Arte e Vida eram os monitores, auxiliando os alunos menores na criação e execução das pinturas nas placas. O professor Fabiano explicou-nos como foi esse processo:

A pintura das placas foi da seguinte maneira... eu jogava um tema e eles elaboravam os desenhos. Cada grupo desenvolveu um tema diferente, eu somente dei um suporte e ensinei a técnica e cada um fez a sua placa. Praticamente, não participei, só fiquei monitorando o que estavam fazendo... eles desenvolveram sozinhos. Cada um escolheu aquela placa que teria mais facilidade para pintar (Fabiano Ramos).

Segundo a coordenadora Roseli, após o término da pintura das placas, os alunos fizeram uma caminhada com alguns moradores até os lugares “estratégicos” que, como citado anteriormente, funcionavam os “Pontos Limpos” realizados pela SLU e o Núcleo Capão. A intenção seria chamar a atenção da população para a necessidade de preservarem esses locais limpos, como mostramos nas fotos a seguir:

Figura 49 – Alunos participando da caminhada realizada nesta ação. Nov. 2017.



Fonte: Acervo do pesquisador.

No dia da pintura das placas, os alunos foram divididos em grupos e os alunos do projeto arte e vida eram os monitores e auxiliaram os alunos menores na criação e execução das pinturas nas placas, como mostram as fotos abaixo:

Figura 50 – Alunos do Projeto Arte e Vida ensinando os alunos pequenos. Nov. 2017.



Fonte: Acervo de Roseli Correia.

Figura 51 – Alunos pintando as placas de madeira. Nov. 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia.

No final de 2018, os alunos do Projeto Arte e Vida realizaram uma intervenção artística na praça próxima à escola, a qual estava abandonada há muito tempo pela prefeitura, utilizando a técnica da pintura artística. Juntamente com essa ação, também havia outras atividades culturais como palestras ambientais, poesias e plantio de mudas, como nos conta Roseli:

Neste evento não aconteceram apenas as intervenções artísticas dos alunos, foi planejado um dia de boas ações, daí escolhemos a praça como local. Aí teve plantio de mudas, grafite, declamação de poesias, e outras programações culturais na praça. Tanto que a partir deste dia que fomos neste evento, nós voltamos lá outras vezes, e tem uma turminha aí que está indo quase todos os dias lá aguar as plantas, cuidar das árvores. Depois deste dia, que foi seis de setembro, que houve este evento, eles perceberam que eles podem e que devem se apropriar destes espaços da cidade (Roseli Correia).

Logo, notamos que os alunos tiveram um grande envolvimento com essa ação na praça, além da participação na pintura dos bancos e nas outras atividades, perceberam que aquele espaço também é deles e que podem ocupar e aproveitar mais os espaços públicos da cidade. Como mostram as fotos a seguir:

Figura 52 – Alunos no Sarau de poesias. Out. 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia.

Figura 53 – Alunos pintando os bancos da praça. Out. 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia.

Logo, foi uma experiência muito gratificante para todos que estavam ali envolvidos. Entretanto após dois dias aconteceu um fato muito desagradável com as pinturas feitas pelos alunos: os funcionários da prefeitura foram na praça e pintaram os bancos novamente, com tinta verde e rosa. Veja-se a foto a seguir:

Figura 54– Bancos pintados por funcionários da prefeitura. Out. 2018.



Fonte: Acervo de Roseli Correia.

Segundo Roseli, que entrou em contato com a prefeitura e com a SMED, eles responderam que houve uma falha de comunicação, pois não sabiam que os alunos da escola tinham acabado de pintar aquela praça. Explica Roseli:

Eles disseram que todas as praças são pintadas de tempos em tempos e que a pintura naquela praça já estava no calendário para ser revitalizada. Então nos disseram que foi uma falha de comunicação, pois não sabiam que os alunos da escola que tinham realizado aquela pintura dois dias antes... Se soubessem não tinham pintado tudo de novo (Roseli Correia).

Entretanto, segundo ela, a causa desse conflito está ligada ao poder público, pois a escola tinha a autorização para intervir na praça, pois a proposta municipal que rege o projeto da Escola Integrada cita que a cidade é uma sala de aula e, assim, o ensino não deve se restringir somente ao espaço escolar. Segundo Roseli, a prefeitura prometeu que iria doar as tintas para os alunos refazerem a pintura na praça, mas ainda não retornaram com nenhuma resposta sobre isso. Para Fabiano, isso pode ser visto como uma “jogada política”, pois estava em ano eleitoral e, assim, queriam ganhar votos em cima disso. Como causa, o professor aponta também o preconceito e a ignorância de algumas pessoas em relação à arte do grafite, afirmando que:

Eu vejo que o que as pessoas não conseguem compreender, elas preferem criticar e destruir, só que hoje em dia estes fatos que ocorreram tanto com os grafiteiros quanto com os nossos alunos... é principalmente no caso da pracinha eu vejo que foi uma jogada política porque estava em ano eleitoral e infelizmente eles queriam mostrar serviço e daí mostraram de uma forma errada. Fomos na praça um dia de sol quente, fizemos um trabalho bacana com os meninos e para dois dias depois a prefeitura vir e pintar tudo de verde e rosa... Então infelizmente, em nosso país, a politicagem acaba destruindo muita coisa construtiva (Fabiano Ramos).

Nesse contexto, podemos relacionar esse fato com outro acontecimento que houve recentemente na cidade de São Paulo em que o então Prefeito Dória, naquela época, mandou apagar os grafites e pintar os muros da cidade de cinza. Todos devem lembrar, mas essa ação provocou muita polêmica entre os moradores e artistas urbanos daquela cidade e a partir disso surgiram novas discussões sobre a questão dos grafites poderem ser classificados como uma arte e sobre como proteger esses murais, considerando que a cidade de São Paulo pode ser definida como uma grande galeria urbana com uma diversidade de grafites de todos os estilos.

Em relação aos alunos que participaram da intervenção, o professor Fabiano comentou que os mesmos ficaram muito chateados e com raiva dessa situação, mas percebeu que isso os tornou mais fortes e maduros com o fato e manifestaram-se nas redes sociais divulgando o ocorrido para todos. Fabiano explicou que esse fato negativo abalou os alunos, e como grafiteiro explicou às crianças que a sociedade ainda não reconhece o valor do grafite e que o artista não pode deixar o medo do desconhecido vencê-lo:

Eu expliquei que aquilo que as pessoas não conhecem, elas procuram destruir por medo... mas hoje em dia o grafite vai muito além do que o medo e a falta de respeito e isso abalou os nossos alunos, pois foi a primeira vez que eles passaram, mas também deixaram eles bem mais firmes diante da posição que eles tomaram (Fabiano Ramos).

Para tanto, Fabiano e nós resolvemos fazer uma oficina de criação de estêncil com os alunos que participaram da intervenção na Praça Madona, onde ensinamos, através da técnica do recorte, cada aluno a criar seu próprio estêncil. Foi uma experiência muito produtiva, os alunos adoraram e criaram muitos modelos de estêncil e depois pintaram no papel compondo diferentes desenhos. Ao final da oficina, os alunos realizaram a intervenção nos armários da escola com os estêncis feitos por eles. Como podemos observar na foto abaixo:

Figura 55 – Aluna realizando a pintura de estêncil. Nov. 2018.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Figura 56– Pintura com estêncil nos armários da escola. Nov. 2018.



Fonte: Acervo do pesquisador.

Durante a realização da oficina de estêncil notamos que os alunos estavam animados com a aquela experiência e disseram que gostaram muito de aprender essa nova técnica. Para Roseli, esse fato triste que aconteceu na Praça Madona contribuiu para incentivar o Projeto Escola Integrada a realizar mais ações nas praças. Ela sugeriu que pretendem ocupar esses espaços urbanos com mais frequência, comentando:

Então a gente tem ido lá com mais frequência, estou pretendendo até no ano que vem fazer o projeto 'Vamos Pracear' aqui no Escola Integrada. Ocupar mesmos os espaços da comunidade. E aquela ideia que eu te falei de pintar os postes, não conseguimos fazer este ano, talvez no ano que vem realizamos a pintura nos postes no entorno da escola. Começar já esta coisa de caminhar para a praça né? (Roseli Correia).

Nisso, a partir de nossas observações, notamos que para a escola as intervenções artísticas realizadas pelos alunos do Projeto Arte e Vida foram importantes na medida em que favoreceram não apenas uma expansão do ensino para além dos muros da escola, mas principalmente o crescimento pessoal, artístico e social de cada aluno e do professor envolvido no processo. Desse modo, podemos considerar que as ações ambientais realizadas tanto no ambiente escolar quanto pelas ruas da comunidade juntamente com o Núcleo Capão também foram importantes para esses alunos e professores nessas mudanças de comportamento.

Em relação ao ensino da arte, os alunos mostraram muito interesse em ampliar seus conhecimentos e experiências para além do uso do papel e da tinta, buscando novos conhecimentos artísticos/estéticos através da arte do grafite. Na fala desta aluna que participou em 2017, verificamos esse fato:

A vontade de aprender mais sobre a arte, a pintar, a desenhar... É uma coisa que senti quando estava lembrando e que eu fiquei muito triste! É que o processo que aconteceu no Arte e Vida foi em meu último ano aqui na escola. Estava no 9º ano quando nós pintamos os muros, em 2017 (V.F.S., 15 anos).

Para o professor Fabiano, essas experiências artísticas foram benéficas na vida de cada aluno. Ele relata que alguns alunos com problemas de disciplina e complicados de lidar na sala de aula passaram a ter mais concentração e melhor convívio na sala de aula e com todos na escola, afirmando que:

Eu acho que para os alunos teve um benefício muito grande, acho que foi muito construtivo na vida deles. Por que eu tenho alunos aqui que eram meninos super problemáticos, complicados na sala de aula, e que eu tive a oportunidade de trabalhar isso com eles na oficina do arte e vida. E nós podemos ver, e os professores do regular também falaram que estes alunos tiveram uma melhora significativa, tanto no comportamento, porque pintura requer concentração, organização, controle (Fabiano Ramos).

Segundo Fabiano, participar desse projeto e das ações ambientais promovidas pela escola e pelo Núcleo Capão junto com seus alunos trouxe significados de adesão, união e da certeza que está fazendo o que é certo. Ele, assim, relata:

Então para mim foi uma oportunidade sem igual de estar participando, eu amadureci muito e principalmente com as outras pessoas que fazem aquele trabalho com os sorrisos no rosto, na chuva, no sol... então para nós eu tenho certeza que foi de adesão, de união, de um grande aprendizado e de numa grande alegria (Fabiano Ramos).

Já para Roseli, que participou das intervenções artísticas como professora de apoio, a experiência também ajudou a conhecer muitas coisas positivas no convívio com os grafiteiros, como o respeito, a união, a igualdade e a reciclagem dos materiais:

Eu adorei participar, mesmo como professora de apoio, nas intervenções artísticas, foi muito bom. É uma coisa viciante, os grafiteiros ficavam o dia inteiro, até acabar a tinta e eu os acompanhava também até o fim. Mesmo como apoio, eu gosto muito, pois tem um respeito entre eles e a partilha do material, do que você trouxe para compartilhar... Então os grafiteiros trabalham nesta perspectiva. Daí quando termina tudo, eles compartilham o que sobrou, até as latas de spray eles dividem tudo igual. Isso para mim foi novidade! (Roseli Correia).

Então, ao analisarmos as falas dos professores e os significados que atribuíram a essa experiência, percebemos que também foram bem positivos, pois verificamos os significados de alegria, adesão, coletividade, orgulho, partilha de experiências e de igualdade. Nesse sentido, notamos alguns pontos semelhantes aos significados atribuídos pelos alunos e pelos jovens grafiteiros, como a coletividade, a união, a alegria e o orgulho de ter tido a oportunidade de participar dessa proposta socioambiental através da arte do grafite.

Considerando esse contexto, pontuamos a necessidade das escolas buscar novas formas de aprendizagem que proporcionem a seus alunos ocupar e explorar os espaços públicos da cidade, percebendo-a não apenas como uma simples paisagem arquitetônica, mas como um lugar que produz imagens, histórias e expressões de diferentes grupos culturais. Conforme Viana (2015), a escola, quando proporciona esta oportunidade ao aluno de sair às ruas e vivenciar novas experiências artísticas, favorece uma nova percepção visual. Afirma a autora: “Tendo a cidade como objeto de aprendizado você começa a perceber seu entorno, absorvendo elementos que estão ali no ambiente como cor, forma, espaço, luz, matéria de superfície” (Viana, 2015, online).

Atualmente, muitas escolas estão convidando os artistas grafiteiros a realizarem uma intervenção artística em seus muros, porém de modo isolado, não promovendo uma interação entre grafiteiros e alunos. Além disso, não desenvolvem ações educativas que possibilitem aos alunos e professores ocuparem outros espaços urbanos da comunidade, como está sendo feito na E. M. Adauto Lúcio Cardoso. Desse modo, essa ação se torna artificial e não desenvolve uma formação crítica nos alunos, que segundo a pesquisadora Elenise Cristina Pires de Andrade é um transitar de: “[...]”

entre identidades, diferenças, culturas, imagens e conhecimentos" (ANDRADE, 2015, p. 17).

3.6 O grafite e os jovens

Nesta categoria, serão analisadas as falas coletadas na entrevista com o grupo focal e dos jovens artistas grafiteiros; Henrick Tsade e Laris. Os fatos mais relevantes que observamos neste grupo focal se referem à vontade de aprender, de conhecer novas experiências, no direito à expressão de ideias e sentimentos, na coragem de lutar e na valorização dos espaços através da arte.

Em relação à experiência artística de grafitar no projeto Capão e na escola percebemos, através das falas desses jovens alunos, uma grande vontade de conhecer novas experiências através da arte e de compartilhar esses conhecimentos com outras pessoas. Na fala a seguir, a aluna cita que gostou da experiência de pintar o muro da quadra da escola em 2017:

Quando fomos escolher o tema que iríamos pintar nos muros da quadra da escola, pesquisamos muito sobre a história e também artistas de uma época, acho que foi no século passado, não me lembro. Daí a gente representou a evolução do tempo de 1970 até as décadas passadas... eu achei muito legal porque a gente conheceu coisa que eu nem imaginava, artistas... um colega pintou: "Elvis não morreu". Foi muito bacana (V.F.S., 15 anos).

Outros alunos também compartilham da mesma ideia:

Fiquei muito contente em participar da pintura na parede da casa e quando via o prof. Fabiano pintando com os outros alunos achava muito encorajador... quando você vê uma pessoa pintando, isto te dá mais coragem para pintar também (I.H.E., 13 anos).

[...] os desenhos já estavam ali na parede há mais tempo, então os desenhos estavam um pouco deformados... eu e as meninas estávamos pintando, daí, quando a gente terminou e eu olhei para a pintura, fiquei até com pouco de orgulho. Pois, mesmo que o desenho já estava mais ou menos pronto, para você fazer os traços é muito difícil e o contorno... tem hora que sai muito grosso ou muito fino. E o tanto de tinta que você vai usar? Porque se você colocar muita tinta no pincel quando vai pintar escorre tudo e destrói o desenho todo... Achei muito difícil, foram muitos desafios (G.G.M., 13 anos).

A vontade de aprender mais sobre a arte, a pintar, a desenhar é uma coisa que senti quando estava lembrando e que eu fiquei muito triste... é que o processo que aconteceu no Arte e Vida aconteceu em meu último ano aqui na escola. Estava no 9º ano quando nós pintamos os muros, em 2017 (V.F.S., 15 anos).

Como visto nas falas, estas duas últimas alunas pintaram na parte de dentro da escola, sendo que na primeira fala a aluna teve a experiência de pintar na rua e na escola. No entanto, leva-se em conta que ambas as experiências possuem o mesmo valor, mudando apenas o contexto e o espaço no qual essas intervenções aconteceram. Logo, podemos observar nessas falas o sentimento de alegria, interesse, orgulho, coragem e força de vontade de vencer os desafios que surgiram durante a pintura.

O jovem grafiteiro Henrick Tsade também comentou em uma de suas falas sobre esse fato do grafite ter um poder educativo, citando que através dessa arte ele passou a ter conhecimento do outro e de si mesmo: “Uma identificação, tipo eu encontrar um grafiteiro com o traço dele, com estilo de letra parecido, ou personagem que ele faz. E isto traz um aprendizado muito rico para ensinar a gente mesmo” (Henrick Tsade). Logo, para ele o grafite transmite também um conhecimento que perpassa o sentido estético, as barreiras territoriais, sendo na interação com seus amigos grafiteiros ou com artistas de outros lugares que acontece essa transmissão de conhecimentos:

[...] com o que o outro faz eu consigo enxergar o que eu posso fazer, os meus limites e isso é toda uma comunicação não só na nossa região, mas é uma comunicação mundial, assim... E as mídias também facilitam bastante (Henrick Tsade, 21 anos).

Para a grafiteira Laris, o grafite vai além da sua visualidade, é também um meio de comunicação utilizado pelo artista para mostrar uma realidade:

[...] porque o grafite não é só uma expressão visual, não é só uma forma de protesto, o grafite também é um meio de comunicação. Por que pelo grafite você não passa só sentimento, só emoção, você passa realidade também (Laris, 19 anos).

Para os alunos do grupo focal, notamos em muitas falas a relação do grafite com a ressignificação dos espaços, discutindo sobre os conceitos de beleza, de vida, de alegria. Como relata umas das alunas: “O grafite deu mais vida à escola e o Capão força de vontade de querer mudar o mundo” (G.G.M., 13 anos). A aluna I.D.A. (13 anos) também comentou: “eu acho que a escola ficou mais alegre e colorida”. A aluna Y.T.N. (13 anos) disse: “eu acho que foi bom sim... como na escola, ficou mais alegre”.

Acho que deu mais vida a aquele lugar... igual o muro que está sem vida com pichações, daí a pessoa foi lá e fez um desenho bacana. Acho que o Projeto Arte e Vida deu muito mais vida aos lugares que aconteceram as pinturas (G.G.M., 13 anos).

Outros alunos do grupo acrescentaram que:

Eu acho que os moradores gostaram, como ela disse os lugares ficaram mais alegres... antes era tudo sujo e abandonado. Na pracinha que pintamos aqui perto da escola, foi muito legal porque plantamos mudas, pintamos e depois fizemos um piquenique lá na praça. Tinha algumas pessoas lá, no dia, acho que gostaram (V.F.S., 15 anos).

E daí você quer também fazer aquilo que estão fazendo, é muito legal você dá uma nova vida a aquele muro que estava ali todo sujo, acabado (D.G.A., 13 anos).

Quando você vê a pintura acabada, e vê o muro todo colorido e bonito, dá um orgulho muito grande e eu fiquei muito feliz de estar ali participando daquele momento (V.F.S., 15 anos).

Um significado importante observado nas falas dos jovens entrevistados é o do direito à livre expressão, sendo o grafite uma arte que favorece aos jovens expressar suas ideias, emoções e críticas à sociedade que muitas vezes impõe limites a esse grupo. Logo, quando perguntamos aos alunos do grupo focal se os jovens podem utilizar os espaços públicos da cidade para se expressarem através da arte, uma aluna que era a mais velha do grupo disse: “acho que isso não deveria ser nem permitido, isto deveria ser um direito” (V.F.S., 15 anos).

Outros alunos também concordaram com ela, mas citaram o fato dos jovens picharem os muros da cidade: “eu acho que os jovens como ela disse têm o direito de expressarem, mas não acho certo sair pichando tudo!” (G.G.M., 13 anos).

Eu também não gosto de pichação, mas tenho colegas que já me falaram que picharam seu nome nos muros. Isto é comum para gente. Para mostrar que também temos vez e que existimos! (W.I.F., 12 anos).

Para os alunos é importante que o jovem tenha o direito à livre expressão, citam o respeito a aqueles jovens que picham os muros, mas a maioria prefere o grafite, por considerá-lo uma arte que contém uma história, uma mensagem ou por apenas deixar os espaços mais belos. Os alunos consideram necessário o jovem se expressar nos espaços da cidade, porém alguns questionaram a atitude de colegas que picharam os muros, considerando essa prática errada. Um aluno apenas considerou essa ação normal entre os jovens, sendo uma oportunidade de o jovem mostrar seu valor à sociedade. Por isso, questionamos a eles qual seria a diferença entre grafite e pichação e eles nos responderam que:

A pichação é vandalismo, isto não quer dizer que devemos aceitar, mas respeitar, porque muitas vezes a pessoa quer mostrar que ela está ali, ou

está se expressando... daí você está barrando ela ali naquele momento. E o grafite é uma arte, que tem uma mensagem, história por de trás daquilo tudo (V.F.S., 15 anos).

Eu também acho a pichação muito diferente do grafite, porque para pintar você tem todo um modo de fazer... e o resultado é mais bonito que a pichação. Eu acho que pichar é uma perda de tempo (G.G.M., 13 anos).

Eu acho que a pichação é uma forma do jovem mostrar que esteve ali naquele lugar, e o grafite é uma arte mais bonita, que como ela disse passa uma ideia... sei lá! (W.I.F., 12 anos).

Na visão do artista grafiteiro Henrick, o grafite ganha mais força entre os jovens da periferia quando são limitados ao acesso à arte, sendo a rua o lugar que oferece essa liberdade para se expressarem. Ele relata:

O grafite desde o seu início tem o cunho de não apenas trazer uma arte para o espaço, mas também como uma forma de protesto também, de certa forma ao mesmo tempo que é uma renovação, é uma agressão ao espaço e ao sistema que limita os nossos espaços. Os jovens assim... e nós como artistas jovens periféricos somos bastantes limitados em meio à arte, o seu acesso. Então eu acho que aí que o grafite ganha vida, porque estes limites impõem um distanciamento do jovem para entrar no mundo artístico, e a rua traz esta liberdade que muitas vezes é importante pela gente mesmo (Henrick Tsade, 21 anos).

Segundo ele, o grafite se torna uma agressão ao sistema, que aqui ele define como a cidade, referindo-se a uma agressão à liberdade de expressão do jovem, que também quer participar e deseja ser um ator importante na construção dessa história e, assim, poder mostrar sua voz e participar da cidade:

A cidade mantém o jovem afastado, mas a gente entra para dentro da cidade e participa querendo a cidade ou não, sabe? Por isso que se torna uma agressão, mas não tipo uma agressão violenta mas tipo uma forma da gente querer ter voz sabe? De dizer que eu existo, eu estou aqui e não sou apenas um coadjuvante... sou um protagonista e eu vou participar também. E a cidade não quer que a gente seja este protagonista, pois ela fica o tempo todo silenciando a gente e nós trazemos para o meio da cidade esta voz de forma rasgada assim... tanto quanto o grafite é autorizado quanto não (Henrick Tsade, 21 anos).

Na entrevista, Henrick explica que existem dois tipos diferentes de grafite, o autorizado e o “Vandal”. Segundo ele, o primeiro é um acordo feito entre o morador e o grafiteiro, mas que não perde sua essência, pois o grafiteiro continua participando da cidade, dialogando e ocupando os espaços. E o segundo estilo, o grafite “Vandal”, o grafiteiro tem a intenção de agredir mesmo o sistema, trazendo, segundo ele, a “Voz rasgada” do jovem ante os limites e regras impostas por esse sistema. Porém, este grafite não é mesma coisa que a pichação, pois também é feito por grafiteiros

profissionais que não querem perder o hábito e gostam uma vez ou outra de saírem à noite para realizar essa forma de grafite:

O grafite autorizado é uma conversa entre o jovem e o morador, e mesmo assim está ali ocupando a casa e participando da cidade. E existe também o grafite chamado “*Vandal*” *que* por muitos é visto como o verdadeiro grafite, pois ele traz esta voz, tipo assim... o sistema não me permite ter voz e eu vou burlar este sistema, tipo assim... ele faz referência ao vandalismo e daí ele se faz real né? tem a sua essência, sabe? Então eu acho que é isso, a cidade fica o tempo todo silenciando a voz dos jovens e vira de certa forma uma batalha mesmo. O grafite é uma luta, mas que se dá a partir de uma liberdade (Henrick Tsade, 21 anos).

Perguntamos a ele como ele definia a pichação e se esta também poderia ser considerada uma forma de grafite. Assim ele nos respondeu:

A pichação é um termo à parte do grafite, ao mesmo tempo que ela conversa com o grafite. Apesar que o grafite “Vandal” e a pichação têm significados iguais, mas a diferença é que a pichação está na ação. A escrita ela traz uma identidade ao espaço, traz uma mensagem, a parede passa a ter uma função, deixa de ser apenas uma parede branca e passa a ter uma identidade, carregando uma mensagem. Ela toma a identidade do próprio pichador assim... e daí eu penso que a pichação é para além daquela marca, ela é antes de tudo uma ação que faz com que ela exista, ou seja, não é o traço ou a escrita, mas o ato de se fazer é que define a pichação. Dentro deste ato é que tem toda uma gama de significados que fazem com que a pichação tenha sua função real assim... dentro do meio urbano (Henrick Tsade, 21 anos).

A pichação, segundo ele, é uma ação, que possui seu valor somente através do ato de pichar, e possui muitos significados que a tornam real no espaço urbano. Henrick nos explica que: “A pichação já é um traço, por isso ela é considerada uma ação, uma escrita, uma impressão na cidade, sabe? É a ação de se fazer” (Henrick Tsade). Ele também relaciona a pichação com valores da identidade de cada pessoa que realiza aquela ação, considerando muito mais que uma marca escrita na parede. Já o grafite “Vandal” possui uma ideia semelhante a da pichação, mas nessa ação o jovem já detém um conhecimento de algumas técnicas artísticas, como o uso das cores, de composição, de espaço e preenchimentos.

A autora Célia Maria Antoniaci Ramos (1994) concorda com essa explicação ao caracterizar a pichação como um produto inicial do grafite, gerada a partir de um processo anárquico de expressão, onde seu objetivo é: “[...] transgredir e até agredir, marcar a presença, provocar, chamar atenção sobre si e sobre o suporte” (RAMOS, 1994, p. 49). E o grafite, conforme explica a autora, seria um ato com menor teor de agressividade: “[...] Pois deriva de um ato mais pensado e menos voltado para a força do gesto” (RAMOS, 1994, p. 49).

Segundo Gitahy (1999), o grafite desde o seu surgimento é usado pelo homem para representar seu desejo de liberdade de expressão, apropriando-se da cidade como um todo, preenchendo postes, calçadas, muros e viadutos com imagens muitas vezes repetidas à exaustão, “característica vista por muitos como uma herança da *Pop-Art*” (GITAHY, 1999, p. 10).

Para o autor essa expressão é sempre democrática pelo fato de que acontece de forma livre e descomprometida com os limites estabelecidos pelo espaço ou por uma ideologia. Então percebemos esse fato claramente quando os jovens grafiteiros relatam suas experiências de grafitar nos espaços públicos da cidade.

Em relação aos limites impostos aos jovens de ocuparem os espaços da cidade, Henrick complementa ainda que quando era mais jovem, com treze anos, ele já possuía essa vontade de escrever seu nome pelos espaços com que ele já tinha um contato. No entanto, quando resolveu pichar a sua escola, relatou que foi flagrado e que gerou uma grande confusão na época. Nisso, começou a perceber toda essa questão do jovem não ter esse direito de expressão e mais tarde, já como grafiteiro, presenciou muitas vezes essa situação, e também com seus colegas de grafite, apontando isso na sua fala:

É uma expressão ancestral, desde as nossas raízes. Hoje nós somos reprimidos né? Existe um sistema que padroniza o que é certo e o que é errado, o que pode e o que não pode, o que é bonito e o que é feio. E a sociedade segue estes padrões impostos e daí tudo se organiza desse jeito, né? E eu já tive muitas experiências assim em minha vida de ter uma necessidade de expressão e acabar sendo reprimido por causa disso. Não somente comigo, mas também com meus companheiros de grafite, de saber que a pessoa foi presa por mais de dois anos por causa disso. Mas de certa forma tem o seu porque assim... tem a sua razão porque, como eu disse, é uma agressão né? E a sociedade se incomoda com esta agressão, e muitas vezes o grafiteiro impõe forçadamente a sua autoridade sobre aquele patrimônio, então é uma contradição mesmo (Henrick Tsade, 21 anos).

Para a grafiteira Laris, essa arte consegue impactar a sociedade, mostrando os seus erros, sendo a função do artista mostrar essa realidade através da arte, como crítica social. Ela cita, assim, que:

Os cartuns sempre fazem um tipo de comédia, o grafite não... ele já tenta impactar isso dentro de uma sociedade, ele quer mostrar o que existe ali de errado sabe? Tipo mostrar mesmo onde está o erro, entendeu? Com desenhos mesmos de protestos, às vezes arte abstrata. Isso depende da forma de conhecimento cultural da pessoa, cada um vê de um jeito e o grafite tem várias formas de se vê (Laris, 19 anos).

Para Silva (2005), o artista grafiteiro, com sua atitude, rompe com um padrão linear estabelecido pela organização social da cidade e seguido pelos seus moradores, instaurando, assim, uma nova cena nesse cenário. Afirma o autor:

O grafiteiro modifica a urbe através de uma atitude enunciativa. Instaura a metáfora urbana onde antes só era possível a linearidade, uma vivência metonímica de mover-se no labirinto urbano, sem reconhecer de que matéria a urbe é feita. O grafite não é apenas uma prática comunitária, mas um exercício de cidadania (SILVA, 2005, p. 05).

Um significado importante relatado pelos alunos do grupo focal foi sobre a experiência de grafitar na rua e a interação com os moradores locais durante a ação de pintar/grafitar. Ao serem questionados sobre o que sentiram quando alguém parou para observar a pintura, o que estavam fazendo, responderam: “Algumas pessoas ficaram nos olhando de longe, os meninos que moravam lá perto ficaram perguntando como fazia aquilo e queriam pintar também. Acho que gostaram!” (D.G.A., 13 anos). Outra aluna disse: “Teve gente que estava passando e queria contratar a gente, parou para tirar foto e elogiaram muito” (V.F.S., 15 anos).

Logo, percebemos nessas falas que a grande maioria citou que os moradores gostaram, elogiaram e ficaram curiosos com o que estavam fazendo. Uma aluna citou que, quando teve a experiência de sair da escola e pintar os muros, sentiu-se muito importante, como se já fosse um artista famoso, relatando assim que:

É porque na rua você se sente mais importante. Eu me achava um artista com aquela gente toda me olhando e alguns até tiravam foto e elogiavam... Para mim foi cansativo, mas foi muito mais legal do que pintar só aqui na escola (V.F.S., 15 anos).

Esses alunos também relataram que outros significados valiosos sobre a sua experiência de pintar na escola ou nas ruas também foram importantes e representavam uma expectativa boa e um grande desejo para aqueles alunos que ainda não tinham saído para pintar nas ruas: “Eu nunca pinte na rua, mas eu acho que quando eu for pintar, eu também vou gostar!” (I.D.A., 13 anos). Outra aluna também citou: “Eu ainda não tive oportunidade de pintar na rua. Eu só fiz as pinturas aqui na escola. Mas eu acho que quando eu tiver a oportunidade de ir pintar na rua, eu irei gostar muito” (Y.T.N., 14 anos).

Nisso, percebemos, a partir dessas falas, uma certa alegria e orgulho de estar realizando uma boa ação, trazendo com sua arte a beleza e a alegria novamente para os muros antes abandonados, como vemos nas falas: “Foi assim que eu me descobri, foi o melhor jeito de saber o que eu gostava de verdade” (V.F.S., 15 anos).

Complementa outro aluno: “E daí você quer também fazer aquilo que estão fazendo, é muito legal você dá uma nova vida a aquele muro que estava ali todo sujo, acabado” (D.G.A., 13 anos).

Por outro lado, ouvindo os jovens artistas grafiteiros Henrick Tsade e Laris, que são jovens que possuem uma maior maturidade e experiência com o grafite há mais tempo, os significados de grafitar os muros nas ações ambientais promovidas pelo Núcleo Capão possuem alguns pontos semelhantes com os dos alunos da escola, como a coragem, a liberdade de expressão, a união e a força de vontade de lutar por um objetivo. Além desses aspectos, também pudemos notar nas falas de Henrick Tsade outros significados como a valorização do meio ambiente, o orgulho e a admiração de ter vivenciado essas experiências artística e social:

O que me trouxe de mais valoroso é que por ser em minha comunidade, no bairro em que moro desde que nasci. De certa forma, é também uma valorização do meio ambiente porque no Capão tem todo este trabalho de cuidar das nascentes.

[...]

O córrego e o grafite que está na parede não são coisas distintas, mas sim a natureza acontecendo sabe? E o Núcleo Capão assim... eu admiro muito o trabalho da Roseli, o que a gente anda fazendo... é um trabalho muito vivo assim... o que a gente vem fazendo... esta força de vontade que nós temos de ajudar também uma comunidade que é muito excluída, sabe? (Henrick Tsade, 21 anos).

Nas falas da grafiteira Laris, participar desse projeto ambiental através de sua arte foi muito valioso por se moradora daquela comunidade e também por ter um sonho de ser uma bióloga no futuro, contando-nos que:

Foi uma experiência de vida né? Porque é a arte que eu vivo, é a realidade que vivencio como moradora e como cidadã. E como te disse, é uma expectativa de vida que tenho de querer fazer biologia e defender um algo da vida, algo que está relacionado com aquilo tudo... a arte, a vida e a natureza. E por isso tudo e pela arte, foi experiência maravilhosa para mim (Laris, 19 anos).

Logo, podemos observar nas falas desses dois jovens artistas o fato de também serem moradores daquela comunidade e vivenciarem todos os dias os problemas sofridos pelos moradores e as tensões existentes entre a comunidade e as ações ambientais do Núcleo Capão. Laris demonstrou muito orgulho em contribuir de algum modo, através de sua arte, para a mudança daquela comunidade que vivencia:

Sempre tento fazer a diferença porque quando a gente quer mudar o mundo, a gente não consegue mudar de uma grande forma, nós conseguimos mudar por pequenos gestos, aos poucos, e eu sinto que estou conseguindo fazer a diferença! Estou conseguindo trazer esta mudança com a minha arte, mesmo sendo muito pouco ainda... mas a gente quer trazer esta mudança... e isso já

mostra que nós estamos correndo atrás, e eu quero continuar lutando e passar para os meus filhos o mesmo cuidado com a natureza, demonstrar que aquilo ali é um lugar bom, é só a gente cuidar (Laris, 19 anos).

Logo, a partir da análise desses relatos, os jovens grafiteiros demonstraram que o grafite no Córrego Capão trouxe valores humanos positivos que representam uma grande força de vontade de lutar, de mudar aquela triste realidade e de defender a liberdade de expressão nos espaços urbanos dentro da cidade. Outros aspectos importantes foram que todos demonstraram orgulho de ter ajudado o Núcleo Capão a divulgar suas ações para a comunidade e de estarem cumprindo com o seu papel de cidadão, de informar aos moradores sobre a necessidade de cuidarem do meio ambiente e das águas.

Assim, conclui-se a partir desses resultados que essas intervenções artísticas, além de favorecer uma valorização dos espaços, mobilizando os moradores daquele lugar a limparem o local e criarem canteiros de mudas, também trouxeram significados sociais e históricos valiosos para cada um dos entrevistados. Trata-se, então, de considerar que o grafite possa ser uma manifestação artística acessível e politizada que possui como foco a cidadania, a igualdade e o direito à cidade.

Relembrando os conceitos de Bagnariol (2004, p. 157), “os grafites são, além de tudo, uma arte que representa um forte discurso juvenil, utilizada pelos jovens desde os movimentos revolucionários da década sessenta”. Logo, esse autor esclarece que os jovens se apropriam dessa expressão artística porque a mesma consegue relacionar política com questões socioculturais, considerando os muros como suporte para cultivar a liberdade de expressão.

Ao questionarmos os jovens alunos do grupo focal se eles consideravam o Córrego Capão um patrimônio cultural daquela comunidade, percebemos um certo afastamento desse campo. Isso talvez seja por desconhecerem a definição do que seja um patrimônio ou por pensarem que patrimônio seja somente aquilo que seja material. De acordo com Roseli, a escola não desenvolveu um trabalho mais intenso com os alunos da Escola Integrada sobre essa questão, somente com os alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos). Ela comentou ainda que falava aos alunos que o córrego seria um bem cultural e que deveríamos preservá-lo, porém não houve um trabalho maior de sensibilização patrimonial:

A gente fala com os alunos que o córrego é um patrimônio, um bem cultural e que precisa ser preservado e tal... que todos têm direito à água, mas não

chegamos a fazer uma sensibilização para um olhar diferenciado ao patrimônio (Roseli Correia).

Na entrevista com os jovens do grupo focal, consideramos necessário explicar de forma resumida alguns conceitos e diferenças entre patrimônio material e imaterial, apontando essas diferenças a partir de alguns exemplos simples para que os alunos pudessem compreender mais facilmente. Então, explicamos que o patrimônio não precisa ser algo apenas material, pode ser uma história antiga que sua avó contava, uma receita tradicional que somente a sua família tem ou a cidade faz uma folia de reis e os costumes, as tradições da cultura de um povo. E o patrimônio material era aquele que pertenceu a alguém ou ainda pertence, e que possui um valor que podemos identificar e mensurar.

Após essa breve explanação, perguntamos ao grupo para contarem o que era patrimônio para cada um e somente duas alunas responderam: “A minha casa pode ser um patrimônio?”, disse a aluna G.G.M. (13 anos). Respondemos que sim, era um patrimônio material, pois era um bem que possuía um valor real que podíamos medir. Outra aluna pensou e disse: “Eu não tenho nada para chamar de meu, nem minha casa rsrs...” (I.D.A., 13 anos). Podemos notar que essas alunas ainda relacionavam o patrimônio à materialidade, ao que possuíam de valor.

Por outro lado, outra aluna já teve outra visão, ligando a ideia de patrimônio a um sentimento. Mesmo que também esteja ligado a um pertence material, ela consegue relacionar o patrimônio ao um outro nível, com olhar mais apurado:

Eu considero os meus desenhos, porque tenho muito carinho por eles e quando vou dar para alguém, não sei o que me dá, acho que fico com ciúmes, ou saudades, sei lá! Mas eu gosto de compartilhar meus desenhos com os outros (V.F.S., 15 anos).

Após essa primeira discussão, perguntamos a esse grupo de jovens se consideravam o Córrego Capão um patrimônio daquela comunidade. Somente uma aluna respondeu que sim, relacionando o córrego a fatos históricos contados pela sua avó: “Eu acho que sim, tem uma vizinha amiga de minha mãe que disse que antes eles nadavam, pescavam e tudo no córrego” (V.F.S., 15 anos). Nas outras falas os alunos apenas disseram que conheciam ou já tinham escutado sobre isso na escola: “Eu também já escutei sobre isso!”, complementou a aluna G.G.M. (13 anos). “Acho que foi aqui na escola que escutamos sobre isso. Acho que foi uma palestra que teve aqui e uma moça falou sobre isso”, retrucou a aluna Y.T.N. (13 anos).

Por último, considerando o Córrego Capão um patrimônio cultural da comunidade, questionamos ao grupo se precisávamos guardar o patrimônio apenas para a gente ou se teríamos que preservar e cuidar para que outras pessoas também vissem e aproveitassem. Como resposta, alguns alunos realizaram um gesto com a cabeça afirmando que sim e uma aluna respondeu:

“[...] é bom divulgar porque a pessoa vai ver que você está interessado em fazer aquilo, mas não que seja um desenho qualquer e sim é algo que você quer realmente fazer. É bom curtir lembranças e expor para outras pessoas verem que você realmente quer fazer aquilo” (G.G.M., 13 anos).

Com base nesta fala, notamos que os alunos compreendem que é importante preservarmos aquele patrimônio local para outras pessoas, expondo seu interesse e orgulho de estar realizando algo importante. Porém, a grande parte concordou, mas não conseguiu fazer uma melhor reflexão sobre essa questão. Essa dificuldade demonstra certa fragilidade da escola perante uma maior discussão sobre a ideia de patrimônio cultural, pois segundo Roseli as atividades foram pautadas mais na questão ambiental, na preservação das águas e no direito de todos à água:

Na verdade, o Capão é um território né? É uma bacia... Lógico que eu gostei muito de falar sobre o patrimônio, sobre a questão das águas... Principalmente porque todo mundo tem direito à água. A gente fala com os alunos que o córrego é um patrimônio, um bem cultural e que precisa ser preservado e tal... Que todos têm direito à água, mas não chegamos a fazer uma sensibilização para um olhar diferenciado ao patrimônio (Roseli Correia).

Roseli considera importante desenvolver uma proposta com os alunos pequenos sobre a educação patrimonial no futuro, mas não possui um suporte teórico sobre o tema. Ela comentou sobre sua participação em um projeto cultural em 2001 organizado pela professora Karla Pádua e com a professora Lana, em Venda Nova, e baseada nessa experiência propôs uma discussão em 2018 aos alunos da EJA no período noturno:

Este ano teve uma experiência com a EJA aqui na escola à noite, pensando nesta perspectiva da preservação da memória. A Dona Glória da comunidade veio e participou de uma roda de conversa. [...] mas foi nesta perspectiva do Bio-cultural, dos quintais, da memória. Agora com os alunos menores a gente ainda não teve a oportunidade de fazer esta ponte com o patrimônio, mas seria bem interessante viu? (Roseli Correia).

Para os jovens artistas grafiteiros, a noção de patrimônio cultural fundamenta-se na ideia de cuidar, preservar o que é nosso, pois segundo Henrick Tsade, cuidando da natureza, estaríamos também cuidando de nós mesmos. Ele esclarece:

Eu acho que o Núcleo Capão é um movimento de resistência muito forte, sabe? Mesmo que a sua atuação seja naquele micro, ou seja, naquela pequenina parte do bairro ali, onde tem a sua nascente. Mas eu acho um trabalho de resistência muito forte, sabe? Pelo fato de se ter a vontade de cuidar e de se mover e tirar uma parte do dia para ir lá no córrego e plantar umas mudas e limpar o lugar, fazer um jardim e criar um ponto limpo, sabe? Se a gente não cuida do que é nosso, daí eles roubam e fazem o que fazem... de certa forma não é só cuidar da natureza que está lá, mais cuidar de nós, né? (Henrick Tsade, 21 anos).

O artista também pontua sobre a necessidade de preservarmos o Córrego Capão como um patrimônio importante de sua comunidade, considerando uma alegria poder desfrutar da natureza valiosa que ainda se mantém viva nesse lugar, afirmando:

Ali é a comunidade toda funcionando como se fosse em comunhão, porque se eu estou cuidando desta parte eu também estou cuidando da comunidade de forma geral, sabe? E eu também sou parte desta comunidade e estou cuidando de mim. E se as pessoas tirassem um pedacinho do seu dia apenas para ir lá e observar o córrego e suas plantas ao redor já é uma alegria assim... Porque a gente está em uma época que não temos contato com a natureza profunda... Então só de a gente ter aquele pedacinho ali de natureza já traz uma felicidade e um pouquinho de vida (Henrick Tsade, 21 anos).

A partir desse relato, concluímos que a ideia de patrimônio cultural também pode ser associada ao cuidado com a cidade e com si mesmo, na ocupação consciente dos espaços públicos e com a natureza. Logo, essa forma de cuidar da natureza como um bem cultural, segundo Henrick Tsade, traz significados de muita alegria e vida para todos que participam do processo.

Ao refletirmos sobre uma ausência da escola desenvolver ações patrimoniais nas atividades curriculares, observamos que esse assunto ainda possui muitas fragilidades. Talvez seja pela falta de formação específica dos professores sobre o desenvolvimento desse tema na sala de aula ou pelo fato da escola desconhecer o valor educativo e cultural favorecidos pela educação patrimonial.

Batistin (2007) afirma que quando a escola começa a desenvolver uma sensibilização patrimonial com seus alunos, estes passam a ter um olhar diferenciado ao seu entorno, ampliando sua interação com o patrimônio da cidade. Porém, para que essa rica experiência possa acontecer, a escola deverá “partir do momento presente e trazer contribuições para nossa vida de hoje, além de ser capaz de ampliar nossas concepções de vida” (BATISTIN, 2007, p.15).

3.7 O grafite como uma crítica social

Os grafiteiros buscam na expressão artística do grafite não apenas um espaço para dar visibilidade a sua imagem e voz perante a sociedade, demonstrando a sua identidade e rompendo com fronteiras sociais impostas a eles. A arte urbana provoca um diálogo entre os passantes e o mural realizado por um grafiteiro, considerando que esses artistas urbanos usam temas que não apenas “embelezam” uma parede, mas também propõem à sociedade um pedido de reflexão crítica sobre um acontecimento real, uma ideia ou um fato que tenham uma importância social.

Conforme Orlandi (2004), o grafite é uma expressão que facilita uma aproximação entre os diferentes atores sociais que circulam pelo espaço urbano cotidianamente, sendo influenciados indiretamente com o mural em seu caminho: “O sujeito inscreve e se escreve em suas múltiplas versões” (ORLANDI, 2004, p. 21). Na fala do grafiteiro Henrick Tsade, percebemos esse fato, apontando que essas interações entre artista e público ou do artista com outro artista cria um rico aprendizado:

É tipo uma sociedade, assim, tem suas interações, tipo... suas semelhanças, tipo um diálogo mesmo... tem as suas igualdades. Uma identificação, tipo eu encontrar um grafiteiro com o traço dele, com estilo de letra parecido, ou personagem que ele faz. E isto traz um aprendizado muito rico para ensinar a gente mesmo, tipo eu aprendo com o grafite do outro quem sou eu... e com o meu próprio grafite também (Henrick Tsade).

Nesse contexto, identificamos que as interações que acontecem entre o encontro de um artista e outro artista, ou o artista e seu público são ricas de significados artísticos, sociais e culturais, favorecendo diferentes sensações e um olhar crítico de cada pessoa sobre uma realidade ou fato real. Segundo Silva (2005, p. 44), o artista quando utiliza os espaços urbanos da cidade também consegue trabalhar com a emoção e com o pensamento crítico, rompendo com uma “monotonia cotidiana” presente nas cidades, pois: “[...] provoca as mudanças e o crescimento humano, definindo o projeto público de arte”.

Nas entrevistas realizadas com o grupo focal observamos esses conceitos na prática, pois entre os alunos havia uma aluna que era mais velha e madura que os outros do grupo. Esta aluna se destacou por demonstrar que possui uma visão diferenciada em relação à arte e sobre a importância do artista ao representar sua arte e inserir também uma crítica social sobre um determinado assunto ou fato real. De

certa forma, suas falas incentivaram alguns alunos a refletirem sobre essa questão. Mesmo sendo poucos, pudemos notar que esses alunos possuem um olhar mais sensível e apurado sobre algumas questões artísticas e estéticas importantes. Logo, quando perguntamos quais foram os significados que ficaram para eles da experiência de grafitar os muros da escola e no Projeto Capão, a aluna V.F.S. (15 anos) respondeu:

Porque daí você pode chamar a atenção para a causa que você está lutando, e é importante você levar em consideração a causa de cada um. Então eu acho que a arte ajuda muito este lado, porque a pessoa pode colocar o que ela sente ali, a crítica dela ou uma frase que ela pensa (V.F.S., 15 anos).

Nessa discussão, houve outras falas que surgiram a partir dessa reflexão:

Quando desenhamos a gente quer pensar e quer passar aquela crítica, mas na maioria das vezes a gente pensa que as pessoas que estão vendo não vão conseguir ver a crítica que a gente quer passar (C.J.M., 13 anos).

Além de citarem esse papel da arte de representar uma crítica ou um pensamento, os alunos também refletiram sobre as diferentes interpretações que um único desenho pode ter para cada pessoa:

Você quer fazer um desenho, e pensa: Ah eu quero fazer isso... mas a pessoa que passa na rua pode entender o desenho de várias maneiras. Eu acho que a frase, ou o desenho que dá para entender de duas formas, é mais elaborado (C.J.M., 13 anos).

Em outro momento, no final da entrevista, quando mostramos algumas fotos sobre a intervenção artística que aconteceu em 2017, onde os alunos criaram um painel coletivo com a pintura das mãos de muitas crianças que estavam no dia da intervenção, a aluna V.F.S. comentou:

Eu acho que esta ideia representa uma crítica, não sei... talvez. Mas esta foi uma ação direta e indireta ao mesmo tempo porque estava dizendo que com todas as mãos, juntos a gente salva o planeta, e a natureza, as árvores (V.F.S., 15 anos).

Para a grafiteira Laris, o grafite é considerado uma manifestação que possui significados que vão além da expressão visual ou do sentimento, mas é um meio de comunicação e reflexão, citando:

[...] o grafite também é um meio de comunicação. Porque pelo grafite você não passa só sentimento, só emoção, você passa realidade também! A gente tenta mostrar alguma coisa, fazer alguma reflexão na pessoa que está passando ali na rua (Laris, 19 anos).

Através da análise desses dados percebemos que o grafite é caracterizado como uma arte que possui uma função que vai além da expressão visual, pois também transmite uma mensagem, uma crítica sobre uma realidade social, como verificamos na fala do grafiteiro Henrick Tsade: “O córrego e o grafite que está na parede não são coisas distintas, mas sim a natureza acontecendo sabe?” (Henrick Tsade). Como também na fala da aluna C.J.M: “Quando desenhamos a gente quer pensar e quer passar aquela crítica, mas na maioria das vezes a gente pensa que as pessoas que estão vendo não vão conseguir ver a crítica que a gente quer passar” (C.J.M, 13 anos).

Nesse sentido, é no espaço urbano que o artista busca ser ouvido e também deseja transmitir sua mensagem ao público, ao mesmo tempo em que ele promove um diálogo entre o público e a paisagem urbana. É nessa troca de experiências, ideias e sentimentos que ressurgem novos olhares sobre uma realidade social, seus erros e dilemas, trazendo uma melhor compreensão crítica daquela comunidade sobre a necessidade de mudarem seu comportamento, como percebemos na fala da grafiteira Laris:

Então, elas acham mais bonito e começam a cuidar mais daquele lugar... Elas começam a ficar mais acordadas com aquela realidade que está acontecendo, não completamente, mas visualmente elas percebem esta diferença, e que pode ser diferente, que podem mudar aquela realidade (Laris, 19 anos).

Além disso, essa artista ainda cita o poder da sua arte em “despertar” a população sobre sua realidade. Segundo ela: “É Como se estivessem com os olhos vendados, literalmente alienados e acomodados com aquela realidade” (Laris, 19 anos). Em relação aos jovens alunos do grupo focal, verificamos que a arte do grafite para estes jovens está mais relacionada ao cuidado com a cidade na participação das Ações “Ponto limpo” realizado pela SLU, E.M. Adauto Lúcio Cardoso e Núcleo Capão em que os alunos plantaram mudas e cuidaram dos canteiros regando e limpando o local. Podemos verificar este fato na fala desta aluna: “Eu acho que os moradores gostaram, como ela disse os lugares ficaram mais alegres... antes era tudo sujo e abandonado” (aluna V.F. S, 15 anos)

Através da modificação estética da paisagem, como exemplo: “Acho que deu mais vida a aquele lugar... igual o muro que está sem vida com pichações, daí a pessoa foi lá e fez um desenho bacana (...)” (G.G.M, 13 anos). No direito á livre expressão dos jovens: “(...) acho que isso não deveria ser nem permitido, isto deveria

ser um direito” (V.F.S, 15 anos). Então, estas poucas evidências demonstram a riqueza de significados que estes jovens alunos atribuíram a respeito da experiência de participarem de um projeto socioambiental que se apropria das expressões do grafite, promovendo assim, novas relações entre eles, a cidade, o rio e à paisagem.

Além disso, os jovens alunos também falaram sobre a função do artista como formador de opinião e ator cumpridor de seu papel de cidadão, sensibilizando a população sobre sua realidade social apontando uma visão crítica e indícios de que vivenciaram algo. Para Cerqueira (2005), compreendemos por cidadão um agente sociopolítico crítico, construtivo, que lutam e agem diretamente em seu cotidiano por uma melhor sociedade. Por fim, em relação aos significados apontados nas falas dos alunos do grupo focal, também constatamos significados semelhantes aos atribuídos pelos jovens grafiteiros, como a ideia do grafite possuir um valor maior do que apenas sua expressão visual e estética e que o artista deve transmitir uma mensagem, ideia ou crítica para o seu público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As manifestações artísticas no espaço urbano das cidades possibilitam aos passantes uma nova forma de fruição estética e um rico diálogo com a cultura e a história daquele local. Nesse sentido, podemos dizer que essa arte que desafia as normas sociais, os padrões arquitetônicos planejados e as sensibilidades dominantes de um determinado lugar também propõe um melhor questionamento sobre a noção de espaço urbano, arte e patrimônio cultural, contribuindo, assim, para um "alargamento" do horizonte histórico-social e para a eliminação de possíveis barreiras que persistem em separar a arte da vida.

A arte do grafite surgiu no contexto investigado nesta pesquisa aliada a um movimento de luta social criado por uma professora de uma escola pública de Belo Horizonte, em prol da revitalização ambiental do Córrego Capão, como uma importante ferramenta capaz de sensibilizar, mobilizar e desenvolver nos alunos, professores e moradores daquela comunidade um novo olhar sobre o lugar onde moram. Durante o tempo em que participamos das ações ambientais realizadas por esse projeto socioambiental e a partir dos dados coletados pudemos comprovar algumas mudanças significativas nos moradores e na escola. Assim, notamos que as intervenções artísticas influenciaram de modo positivo todos que delas participaram, mesmo que indiretamente, a cuidarem do lugar em que vivem plantando mudas, limpando e preservando os locais em que aconteceram as intervenções.

Como relatou a coordenadora Roseli, no início o grafite não era bem aceito pelos moradores pelo fato de associarem essa expressão ao ato de vandalismo e pichação ou por acharem uma perda de tempo por considerarem que o córrego deveria ser canalizado e transformado em uma avenida. Atualmente, muitos moradores ainda possuem essa visão e continuam resistentes às ações ambientais e às intervenções artísticas, mas, segundo Roseli, esse número vem diminuindo, pois nas últimas ações realizadas houve um maior envolvimento da comunidade em participar das atividades propostas pelo projeto.

Nas entrevistas realizadas com os grafiteiros Henrick Tsade e Laris, que também são moradores daquela comunidade desde a infância, observamos que houveram alguns conflitos entre eles e moradores durante as intervenções artísticas realizadas por eles, mas foram casos isolados e os mesmos consideram que na

maioria das vezes o grafite foi bem aceito pela comunidade. Como moradores, afirmam em suas falas que perceberam, sim, algumas mudanças no comportamento dos moradores daquela comunidade, como o cuidado com os canteiros e na preservação da limpeza do local, denunciando os moradores que jogam lixo nas margens do Córrego Capão.

Quanto à feitura dos grafites, esses jovens artistas pontuaram que foi uma experiência muito rica de significados, demonstrando muito orgulho de poderem contribuir de algum modo para a revitalização do córrego pelo fato de morarem naquele local e vivenciarem aquela triste realidade todos os dias. Então, para os grafiteiros Henrick Tsade e Laris esse projeto trouxe primeiramente um sentimento de cidadania e alegria, pois através da arte do grafite puderam ajudar a mudar um pouco aquela realidade e influenciar outros moradores a também se conscientizarem da importância de também cuidarem daquele lugar.

Em relação à escola e à interação com os alunos, os grafiteiros relataram que foi uma interação harmônica, de conhecimento e de amizade. Apesar da interação não ter acontecido de forma intensa e direta, Henrick Tsade afirmou que a simples presença do grafite já influenciou aquelas pessoas que estão naquele espaço. Assim, ele acredita, assim, que os professores e os alunos daquela escola foram sensibilizados de forma positiva pela sua arte, mesmo que indiretamente. Já para a grafiteira Laris, a arte do grafite conseguiu incentivar um interesse nos alunos sobre a arte, em participar das pinturas e na criação de desenhos pelo fato dessa arte proporcionar mais liberdade de expressão e não possuir um padrão certo para seguir.

Realmente, notamos esse fato durante a entrevista que realizamos com os alunos da referida escola, pois estes se referiram ao grafite como uma liberdade de expressão, afirmando que os jovens possuem o direito de ocuparem os espaços urbanos da cidade. Além disso, os alunos também citaram que o grafite estaria relacionado à ideia de ressignificação da paisagem, no aprendizado, alegria, beleza e crítica social, enquanto a pichação seria um ato de vandalismo, apesar de que alguns deles pontuaram que a pichação era uma forma do jovem mostrar sua identidade e valor para a sociedade.

Então, podemos concluir que a relação entre o jovem e a arte do grafite é constituída de uma necessidade de expressão muito forte, que encontra nos espaços urbanos o suporte para manifestar esse desejo de mostrar sua voz e ultrapassar os limites impostos por uma organização política ou social da cidade em que moram.

Outro significado que merece nossa atenção é a curiosidade e o desejo de vivenciar novas experiências artísticas fora do ambiente escolar, relatando os alunos sobre os desafios e conhecimento que enfrentaram durante a feitura dos grafites. Logo, percebemos que o grafite aumentou o interesse dos alunos que participaram das intervenções artísticas, tanto na escola quanto nas ruas, no sentido de aprender mais sobre a arte, mostrando uma alegria e orgulho de terem participado do Projeto Capão.

Uma aluna desse grupo também falou sobre a necessidade do artista transmitir uma mensagem, seja uma crítica social, seja um sentimento, através de sua arte, relacionando a arte ao seu papel social de sensibilizar a população sobre a realidade social que vivenciam. Para essa aluna, a arte possui valores que vão além do estético e que todos os artistas deveriam colocar uma crítica social afirmando: “Acho que o artista deve ir além do desenho e que deve colocar uma crítica também” (V.F.S., 15 anos). Então, podemos concluir que os principais significados atribuídos pelos alunos e jovens artistas foram de alegria, beleza, orgulho, coragem, aprendizado, livre expressão, participação, de união e de crítica social.

Em relação aos professores, observamos alguns significados semelhantes como a adesão, a união, o aprendizado e a alegria de estar participando de uma causa ambiental importante, que é a revitalização do Córrego Capão. Para a coordenadora Roseli, foi uma experiência muito gratificante acompanhar todo o processo artístico da feitura dos grafites. Ela cita que aprendeu através do convívio com os grafiteiros o respeito, a igualdade, a partilha de materiais que sobravam e que depois os grafiteiros dividiam igualmente entre si.

Um ponto interessante que Roseli abordou e que ninguém relatou foi a reciclagem de materiais que os grafiteiros fazem durante as intervenções artísticas, citando Roseli que ficou admirada com isso: “A questão da reciclagem, de reaproveitar o material... então tudo isso eu observei dentro do coletivo de grafiteiros. Então fiquei impressionada com essa ideia de coletivo e de união entre eles” (Roseli Correia).

Podemos perceber que apesar de todas as tensões que aconteceram tanto na escola quanto nas ruas – como o caso que aconteceu na Praça Madona, no qual a prefeitura apagou os grafites dos alunos, pintando tudo de verde e rosa – houve um crescimento pessoal e social dos alunos e dos professores, como afirma o professor Fabiano: “[...] mas hoje em dia o grafite vai muito além do que o medo e a falta de respeito e isso abalou os nossos alunos, pois foi a primeira vez que eles passaram, mas também deixaram eles bem mais firmes diante da posição que eles tomaram”.

Entretanto, em relação à ideia de considerarem o córrego como patrimônio cultural daquela região, somente os jovens grafiteiros e alguns alunos demonstraram isso em suas falas. Para o grafiteiro Henrick Tsade, o patrimônio estaria relacionado à ideia de cuidar, preservar o que é nosso, pois, segundo ele, “cuidando da natureza, estaríamos também cuidando de nós mesmos”. Já para os alunos, a ideia de patrimônio cultural está muito ligada às coisas materiais de valor que possuem, porém consideram importante compartilharmos o nosso patrimônio para que outras pessoas também possam desfrutar no futuro, como percebemos na fala desta aluna: “(...) é bom divulgar porque a pessoa vai ver que você está interessado em fazer aquilo, mas não que seja um desenho qualquer e sim é algo que você quer realmente fazer” (G.G.M., 13 anos).

Segundo Roseli, isto se deve ao fato da escola não ter desenvolvido um trabalho de sensibilização patrimonial com os alunos pequenos, sendo este trabalho realizado apenas com os alunos do EJA, no período noturno. Porém disse que falava aos alunos que o Córrego Capão era um patrimônio e sobre a importância de preservá-lo para as gerações futuras. Roseli demonstrou um grande interesse em realizar uma melhor sensibilização patrimonial com os alunos futuramente. No entanto, arriscamos a dizer que a perspectiva da educação patrimonial esteve presente na medida em que a questão ambiental foi pautada na necessidade de preservação das águas e no direito de todos à água.

Ao refletirmos sobre a ausência da escola incluir em suas atividades uma melhor sensibilização sobre o patrimônio cultural e seus principais conceitos, constatamos que este assunto ainda possui muitas fragilidades, talvez seja pela falta de formação específica dos professores no desenvolvimento deste tema na sala de aula, ou pelo fato da escola desconhecer o valor educativo e cultural favorecidos pela educação patrimonial. Por fim, nossa pesquisa pode demonstrar que os jovens e os artistas urbanos buscam nas paredes das grandes cidades expressar um desejo de serem ouvidos através da arte do grafite, e inclusive, desejam transmitir uma mensagem de protesto ou uma crítica sobre uma realidade atual ao público que passam por aqueles locais. É nessa troca de experiências, encontros, sentimentos e desejos que ressurgem novos olhares sobre um fato social ou histórico de uma comunidade, seus erros e conflitos vivenciados por aqueles moradores.

Portanto, concluímos que as intervenções artísticas realizadas durante as ações ambientais promovidas pela E.M. Adauto Lúcio Cardoso, Núcleo Capão e entre

outros parceiros, criou oportunidades para a emergência de uma nova perspectiva socioambiental na comunidade do Bairro Lagoa, influenciando moradores locais, artistas, alunos e professores a mudarem seu comportamento em relação ao local em que vivem, pois esses vêm se engajando no fazer artístico e no trabalho de limpar, plantar mudas e preservar limpas as margens do Córrego Capão, como verificamos na fala da grafiteira Laris (19 anos): “Então, elas acham mais bonito e começam a cuidar mais daquele lugar (...).”

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Elenise Cristina Pires de. **(Ar)riscar muros Atravessando Cidades E(m) Cores**. 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt24-4202.pdf>. Acesso em: 11 de jul. de 2018.
- BAGNARIOL, Piero. **Guia Ilustrado de Grafitti e Quadrinhos**. Belo Horizonte: PBH, 2004. p.155-185.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Max Limonad, 2002.
- BATISTIN, Fabíola. **Arte pública**: um olhar investigativo à educação patrimonial. Dissertação mestrado - Instituto de Artes - Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo, 2007.
- BRENSON, Michael. Perspectivas da Arte Pública. *In Arte pública*. Trabalhos apresentados nos Seminários de Arte Pública realizados pelo SESC e pelo USIS. São Paulo: SESC, 1998.
- CAMPOS, Ricardo. **Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invisibilidade no graffiti**. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/etn/v13n1/v13n1a09.pdf>. Acesso em: 22 de out. de 2018.
- CERQUEIRA, Fabio Vergara. **Patrimônio cultural, escola, cidadania e desenvolvimento sustentável**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v.9, n.1, p.91-109, 2005.
- CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**: evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação, vol. 16, núm. 2. Universidade do Minho Braga, Portugal. 2003, p. 221-236.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.
- FREIRE, Paulo. Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados - Cortez, 1989.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Cultura popular na antiguidade clássica**. São Paulo: Contexto, 1989.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MACHADO, Afonso. **Do Grafite ao muralismo Mexicano**. 2015. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Do-Grafite-ao-Muralismo-mexicano>. Acesso em: 12 de abr. de 2018.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O Campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas**. 2009. Disponível em: portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/4%20-%20MENESES.pdf. Acesso em: 24 de set. de 2018.

MOLL, Jaqueline. **Cidade e Territórios Educativos: elementos para pensar a educação na contemporaneidade**. 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/jmoll-anped-2015.pdf>. Acesso em: 13 de set. de 2018.

MORGAN, David L. *Focus group as a qualitative research*. Qualitative Research Methods Series. 16. London: Sage Publications, 1987 *apud* BUNCHAFI, Alexandra Flávio; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais na investigação qualitativa da identidade organizacional: exemplo de aplicação**. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v21n2/a05v21n2.pdf>. Acesso em: 07 jan. de 2019.

NASCIMENTO, Flávia Brito; SCIFONI, Simone. **A paisagem cultural como novo paradigma para a proteção do patrimônio cultural: a experiência do Vale do Ribeira- SP**. Revista CPC, São Paulo, nº. 10, p. 29-48, maio/out 2010.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Metáforas da letra: Escrita, Grafismo. *In: Cidade dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

PALLAMIN, Vera. **Arte Urbana - São Paulo: Região Central (1945 - 1998): obras de caráter temporário e permanente**. 2000. Disponível em: http://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/09/arte_urbana_livro.pdf. Acesso em: 15 de fev. de 2018.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo**. 2010. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Do-Grafite-ao-Muralismo-mexicano>. Acesso em: 19 de jul. de 2018.

PEREIRA, Fabrício Andrade. Sobre a memória e a linguagem e suas relações com a Arte/educação. In: PEREIRA, Fabrício Andrade. **Arte/educação: paradigmas do séc. XXI**. São Paulo: Ana Blume. 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf>. Acesso em: 22 de mar. de 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**. 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/229>. Acesso em: 20 de mar. de 2019.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite, pichação & cia**. São Paulo: Annablume, 1994.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34 / EXO experimental, 2005.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Paisagem e Geografia**. Lisboa, Portugal: Finis terra, 2001, pp.37-53.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SILVA, Fernando Pedro da. **Arte Pública-Diálogos com as Comunidades**. Belo Horizonte: C/Arte, 2005.

TOLENTINO, Átila. O que é Patrimônio Cultural para você? In: **Educação patrimonial**: reflexões e práticas. 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialReflexoesEPraTicas_ct1_m.pdf. Acesso em: 23 de set. de 2018.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Educação ambiental**: natureza, razão e história. Campinas: Autores Associados, 2004.

VALENTE, Catarina Martins Carvalho Lourenço. **A Street Art no feminino. O lugar da mulher na Arte Pública**. Dissertação de mestrado – Faculdade de letras – Universidade de Lisboa. Lisboa, 2016. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/24558/1/ulfl216725_tm.pdf. Acesso em: 22 de out. de 2018.

VALIENGO, Guilherme. Cidade cinza. 2017 *apud* ALESSI, Gil. **A ‘maré cinza’ de Doria toma São Paulo e revolta grafiteiros e artistas**. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/24/politica/1485280199_418307.html. Acesso em: 15 de fev. de 2019.

VASCONCELOS, Marcela Correia de Araújo. **As fragilidades e potencialidades da chancela da paisagem cultural brasileira**. Revista CPC, São Paulo, n.13, p. 51-73, nov. 2011/abr. 2012.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. **Caligrafias e escrituras: Diálogo e intertexto no processo escritural nas artes no século XX**. Belo Horizonte: C/Arte, 2012.

VIANA, Maria Luiza Dias. **Dissidência e subordinação**: um estudo dos grafites como fenômeno estético/cultural e seus desdobramentos. Dissertação de mestrado- Faculdade de educação- Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VPQZ-73GR8Z?mode=full>. Acesso em: 22 de ago. de 2018.

VIANA, Maria Luiza. Entrevista ao portal aprendiz *apud* NOGUEIRA, Pedro Ribeiro. **Arte urbana é uma ferramenta poderosa de articulação entre escola e comunidade, defende pesquisadora**. 2007. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/06/16/arte-urbana-e-uma-ferramenta-poderosa-de-articulacao-entre-escola-e-comunidade-defende-pesquisadora/>. Acesso em: 15 de fev. de 2019.

VIANA, Maria Luiza. História Recente do Graffiti. *In*: BAGNARIOL, Piero. **Guia Ilustrado de Grafitti e Quadrinhos**. Belo Horizonte: PBH, 2004. p.155-185.
YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXOS

Anexo A - Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos

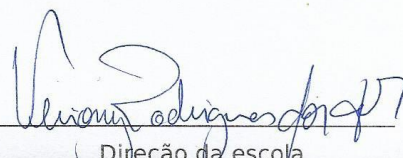
 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: ARTE PÚBLICA EM AÇÕES EDUCATIVAS PATRIMONIAIS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 10			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 6. Ciências Sociais Aplicadas, Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: GRAZIELA GONCALVES DE MIRANDA			
6. CPF: 051.493.066-73		7. Endereço (Rua, n.º): IBITURUNA VILA PEROLA casa CONTAGEM MINAS GERAIS 32115340	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 31991759165	10. Outro Telefone:
		11. Email: grazzimiranda@yahoo.com.br	
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: 14, 07, 2018		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG		13. CNPJ:	14. Unidade/Órgão: Faculdade de Educação - FaE
15. Telefone: (31) 3239-5900		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: 		CPF: 720 250 776 - 53	
Cargo/Função: Vice-Diretor			
Data: 13, 07, 2018		 Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

Anexo B- Termo de anuência da escola participante

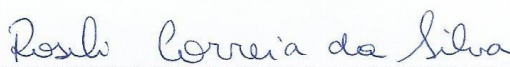
TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais", sob a coordenação e a responsabilidade do (a) Prof (a). Dr(a) Lana Mara Castro Siman do Departamento de Pós-Graduação da Faculdade de Educação(FaE) da Universidade do Estado de Minas Gerais, o qual terá o apoio desta Instituição.

Belo Horizonte, 02 de junho de 2018


Direção da escola

Verony Rodrigues dos Santos - BM 43.98
Diretor de Estabelecimento de Ens
Nomeação DOM 30/12/2017


Coordenadora do Projeto Escola Integrada

93744.9

E.M.ADAUTO LÚCIO CARDOSO - 1º GRAU
Dec. de Criação nº 2901 de 06/07/76
Aut. de Funcionamento Portaria nº174
de 05/04/77 e 373/82 de 15-06-82
Rua Ernesto Gazzolli, s/nº
Bairro Céu Azul CEP 31.580-160
TELEFONE: (31) 3277-7303
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

E.M.ADAUTO LÚCIO CARDOSO - 1º GRAU
Dec. de Criação nº 2901 de 06/07/76
Aut. de Funcionamento Portaria nº174
de 05/04/77 e 373/82 de 15-06-82
Rua Ernesto Gazzolli, s/nº
Bairro Céu Azul CEP 31.580-160
TELEFONE: (31) 3277-7303
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

APÊNDICES

Apêndice A – Termos de assentimento/consentimento e autorização de uso de imagem

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - adultos

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: Ações socioambientais e a arte urbana: Possíveis diálogos entre os jovens, a paisagem cultural e o grafite. Nesta pesquisa pretendemos estudar o potencial que a expressão do grafite, envolvendo o campo de manifestações artísticas em espaços urbanos, a memória e a preservação patrimonial, apresentada para os professores e para os jovens educandos. Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): entrevistas semiestruturadas, anotações de campo, registros de áudio e vídeos.

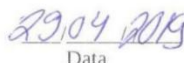
Para participar desta pesquisa, você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a). O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem na possibilidade de exposição da identidade dos participantes, seja por imagem, fotografias e vídeos.

A pesquisa contribuirá para Contextualizar a feitura do grafite no contexto das ações educativas patrimoniais que são realizadas dentro e fora do espaço escolar pela Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, FABIANO RAMOS FIGUEIREDO, portador (a) do documento de Identidade M-14.677. 474 SSP-MG (se já tiver documento), fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.



Assinatura do Voluntário



Data



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

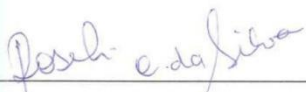
Eu, Roseli Correia da Silva, Coordenadora do Programa Escola Integrada da Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso, portador do documento de Identidade nº:M-6.125.083 SSP-MG, inscrito (a) no CPF sob o nº 980.176.916-53 residente na Rua Professora Liberalina Santana nº 73 Bairro: Enseada das Garças, da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, AUTORIZO o uso das imagens dos alunos que participaram das ações ambientais realizadas no espaço escolar e nas ruas da comunidade local, com fins específicos para o uso de pesquisa científica, sem nenhuma divulgação em meios de comunicação ou artigos científicos.

A presente autorização é concedida a Pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda, aluna do curso do Mestrado em Educação e Formação Humana ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) a incluir fotos dos alunos desta instituição escolar somente para ilustrar o estudo de campo que a estudante realizou sobre o Projeto Socioambiental de Revitalização do Córrego Capão.

Certifico aqui que a utilização destas imagens serão apenas para a presente pesquisa, sem nenhum prejuízo moral, financeiro ou social para esta instituição de ensino ou para seus alunos e professores.

Sem mais, este documento não autoriza a pesquisadora a utilizar as imagens para outros fins que não sejam científicos.

Belo horizonte, 16 de Abril do ano de 2019.



(Assinatura da Coordenação do PEI)


Fábio Alexandre Lopes Silva - BM 072.169-6
Vice-diretor de Escola Municipal
Nomeação no DOM: 30/12/2017

Fábio Alexandre Lopes Silva - BM 072.169-6
Vice-diretor de Escola Municipal
Nomeação no DOM: 30/12/2017

(Assinatura da Direção)

(Assinatura da pesquisadora)

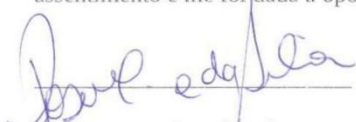
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - adultos

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: Ações socioambientais e a arte urbana: Possíveis diálogos entre os jovens, a paisagem cultural e o grafite. Nesta pesquisa pretendemos estudar o potencial que a expressão do grafite, envolvendo o campo de manifestações artísticas em espaços urbanos, a memória e a preservação patrimonial, apresentada para os professores e para os jovens educandos. Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): entrevistas semiestruturadas, anotações de campo, registros de áudio e vídeos.

Para participar desta pesquisa, você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a). O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem na possibilidade de exposição da identidade dos participantes, seja por imagem, fotografias e vídeos.

A pesquisa contribuirá para Contextualizar a feitura do grafite no contexto das ações educativas patrimoniais que são realizadas dentro e fora do espaço escolar pela Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, ROSELI CORREIA DA SILVA, portador (a) do documento de Identidade M-6.125.083 SSP-MG (se já tiver documento), fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.


Assinatura do Voluntário

29 / 04 / 2019
Data

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (aluno)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: "Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais." Nesta pesquisa estudaremos o poder que a arte do grafite nos espaços urbanos, a preservação patrimonial e a cultura são apresentadas para os professores, alunos e comunidade escolar da Escola Municipal Adaauto Lúcio Cardoso. A pesquisa contribuirá para contextualizar as pinturas com a técnica do grafite realizadas pela proposta de revitalização do Córrego Capão juntamente com a comunidade local.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): questionários, rodas de conversas e registros de fotos.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer dúvida que tiver e estará livre recusar-se a participar. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo (segredo), atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Você não será identificado em nenhuma publicação feita por este pesquisador. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem na possibilidade da exposição oral de ideias ou opiniões culturais / estéticas sobre o tema pesquisado, além de registros de fotografias ou vídeos realizados pelo próprio pesquisador. Estes registros servirão somente para ilustrarem a pesquisa escrita pelo pesquisador, e não serão doados ou expostos em nenhum veículo de comunicação da Faculdade. Serão apenas usados para coleta e análise de dados para esta pesquisa. O nome da criança ou o material que indique a participação da mesma não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Por gentileza pais ou responsável, preencha os espaços abaixo:

Eu, Adriana Almeida, portador (a) do documento de Identidade nº: M. 6. 6751843 Responsável pelo aluno: Rui Jussara Tamyre fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e poderei modificar a decisão de não permitir a participação de meu filho (a) se assim o desejar. Por fim, declaro que concordo em participar dessa pesquisa realizada na Escola Municipal Adaauto Lucio Cardoso pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda.

Adriana Almeida
Assinatura do responsável pela criança

23/08/2018
data



Universidade do estado de minas gerais
Faculdade de educação- FAE
Mestrado em educação e formação humana

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Ristina Jamal Edin, CPF 00.9.562.476/4 RG MG-7.61.881 responsável pelo aluno(a) Satarim Jamal Mader autorizo o uso das imagens e depoimentos realizados pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda e Lana Mara Castro Siman (prof. Orientadora) do projeto de pesquisa: "Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais" O objetivo deste estudo é investigar ações educativas patrimoniais que se utilizam da arte do grafite para desenvolver nos jovens alunos novas sensibilidades em relação ao seu patrimônio cultural e, principalmente no reconhecimento de sua cultura e história local. Esta pesquisa não oferece nenhum risco ou dano a criança e também não haverá nenhuma forma de gratificação pela sua participação.

Então conhecendo os propósitos desta pesquisa libero a utilização das fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides) em favor dos pesquisadores da pesquisa acima, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990).

Belo horizonte 22 de 08 de 2018

Satarim Jamal Mader
Participante da pesquisa
(nome do aluno)

Ristina Jamal Edin de Jesus
assinatura do responsável pelo aluno

Coordenador responsável pelo projeto na E.M. Adauto Lúcio Cardoso

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (aluno)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: "Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais." Nesta pesquisa estudaremos o poder que a arte do grafite nos espaços urbanos, a preservação patrimonial e a cultura são apresentadas para os professores, alunos e comunidade escolar da Escola Municipal Adaauto Lúcio Cardoso. A pesquisa contribuirá para contextualizar as pinturas com a técnica do grafite realizadas pela proposta de revitalização do Córrego Capão juntamente com a comunidade local.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): questionários, rodas de conversas e registros de fotos.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer dúvida que tiver e estará livre recusar-se a participar. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo (segredo), atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Você não será identificado em nenhuma publicação feita por este pesquisador. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem na possibilidade da exposição oral de ideias ou opiniões culturais / estéticas sobre o tema pesquisado, além de registros de fotografias ou vídeos realizados pelo próprio pesquisador. Estes registros servirão somente para ilustrarem a pesquisa escrita pelo pesquisador, e não serão doados ou expostos em nenhum veículo de comunicação da Faculdade. Serão apenas usados para coleta e análise de dados para esta pesquisa. O nome da criança ou o material que indique a participação da mesma não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Por gentileza pais ou responsável, preencha os espaços abaixo:

Eu, Andressa Bandis Cardoso, portador (a) do documento de Identidade nº: 45066528 Responsável pelo aluno: Yeda Bandis Nunes fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e poderei modificar a decisão de não permitir a participação de meu filho (a) se assim o desejar. Por fim, declaro que concordo em participar dessa pesquisa realizada na Escola Municipal Adaauto Lucio Cardoso pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda.

Andressa Bandis Cardoso
Assinatura do responsável pela criança

13/07/18
data



Universidade do estado de minas gerais
Faculdade de educação- FAE
Mestrado em educação e formação humana

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Lucineia de F. S. CPF 054053176-1 RG mg 10136901 responsável pelo aluno(a) Isabela Hadassa G. Silva, autorizo o uso das imagens e depoimentos realizados pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda e Lana Mara Castro Siman (prof. Orientadora) do projeto de pesquisa: **"Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais"** O objetivo deste estudo é investigar ações educativas patrimoniais que se utilizam da arte do grafite para desenvolver nos jovens alunos novas sensibilidades em relação ao seu patrimônio cultural e, principalmente no reconhecimento de sua cultura e história local. Esta pesquisa não oferece nenhum risco ou dano a criança e também não haverá nenhuma forma de gratificação pela sua participação.

Então conhecendo os propósitos desta pesquisa libero a utilização das fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides) em favor dos pesquisadores da pesquisa acima, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990).

Belo horizonte 13 de 7 de 2018

Participante da pesquisa
(nome do aluno)



assinatura do responsável pelo aluno

Coordenador responsável pelo projeto na E.M. Adauto Lúcio Cardoso

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (aluno)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: "Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais." Nesta pesquisa estudaremos o poder que a arte do grafite nos espaços urbanos, a preservação patrimonial e a cultura são apresentadas para os professores, alunos e comunidade escolar da Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso. A pesquisa contribuirá para contextualizar as pinturas com a técnica do grafite realizadas pela proposta de revitalização do Córrego Capão juntamente com a comunidade local.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): questionários, rodas de conversas e registros de fotos.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer dúvida que tiver e estará livre recusar-se a participar. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo (segredo), atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Você não será identificado em nenhuma publicação feita por este pesquisador. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem na possibilidade da exposição oral de ideias ou opiniões culturais / estéticas sobre o tema pesquisado, além de registros de fotografias ou vídeos realizados pelo próprio pesquisador. Estes registros servirão somente para ilustrarem a pesquisa escrita pelo pesquisador, e não serão doados ou expostos em nenhum veículo de comunicação da Faculdade. Serão apenas usados para coleta e análise de dados para esta pesquisa. O nome da criança ou o material que indique a participação da mesma não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Por gentileza pais ou responsável, preencha os espaços abaixo:

Eu, Luciana F. G. da Silva, portador (a) do documento de Identidade nº: mg 16326 Responsável pelo aluno: Isabella Rodalva fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e poderei modificar a decisão de não permitir a participação de meu filho (a) se assim o desejar. Por fim, declaro que concordo em participar dessa pesquisa realizada na Escola Municipal Adauto Lucio Cardoso pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda.

[Assinatura]
Assinatura do responsável pela criança

13/04/2018
data



Universidade do estado de minas gerais
Faculdade de educação- FAE
Mestrado em educação e formação humana

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Lana Mara Castro, CPF 79268650606 RG 5066528, responsável pelo aluno(a) yeda Bandin Nunes, autorizo o uso das imagens e depoimentos realizados pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda e Lana Mara Castro Siman (prof. Orientadora) do projeto de pesquisa: "Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais". O objetivo deste estudo é investigar ações educativas patrimoniais que se utilizam da arte do grafite para desenvolver nos jovens alunos novas sensibilidades em relação ao seu patrimônio cultural e, principalmente no reconhecimento de sua cultura e história local. Esta pesquisa não oferece nenhum risco ou dano a criança e também não haverá nenhuma forma de gratificação pela sua participação.

Então conhecendo os propósitos desta pesquisa libero a utilização das fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides) em favor dos pesquisadores da pesquisa acima, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990).

Belo horizonte 13 de 07 de 2018

yeda Bandin Nunes

Participante da pesquisa
(nome do aluno)

Lana Mara Castro

assinatura do responsável pelo aluno

Coordenador responsável pelo projeto na E.M. Adauto Lúcio Cardoso



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PROJETO PESQUISA:

Para o desenvolvimento da pesquisa serão realizadas: observação das rotinas da escola e das turmas, análise de documentos, entrevistas e conversas informais com as professoras. Por isso, pedimos a sua autorização para gravar as entrevistas. Todos os dados serão utilizados EXCLUSIVAMENTE para fins de pesquisa. Portanto, sua imagem, sua identidade e suas informações serão utilizadas com padrões profissionais de sigilo e não serão utilizados para qualquer outro fim. Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto e a qualquer momento que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou ônus. Pedimos apenas que você nos informe, em caso de desistência, por meio do telefone _____ pelo e-mail HenrickTsidea@gmail.com.

Os resultados da pesquisa serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado - da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGE/UEMG) e outra será fornecida a você.

Caso você concorde com a realização desta pesquisa e o uso dos dados EXCLUSIVAMENTE para fins de pesquisa neste projeto, preencha a seguir:

Eu, Henrique Alves de Oliveira declaro ter sido, suficientemente, informada sobre a pesquisa e concordo em participar de sua realização. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e rever a minha decisão, se assim o desejar.

Fui cientificada de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais e de que não há ônus algum nessa participação. Em caso de dúvidas poderei contatar a pesquisadora, estudante do curso de Mestrado da UEMG, Graziele Gonçalves de Miranda, cujos contatos me foram disponibilizados.



Universidade do estado de minas gerais
Faculdade de educação- FAE
Mestrado em educação e formação humana

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Henrique Alves de Oliveira, CPF 018.510.196-85 RG 14.493.029

_____, autorizo o uso das imagens e depoimentos realizados pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda e Lana Mara Castro Siman (prof. Orientadora) do projeto de pesquisa: **"Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais"** O objetivo deste estudo é investigar ações educativas patrimoniais que se utilizam da arte do grafite para desenvolver nos jovens alunos novas sensibilidades em relação ao seu patrimônio cultural e, principalmente no reconhecimento de sua cultura e história local. Esta pesquisa não oferece nenhum risco ou dano e também não haverá nenhuma forma de gratificação pela sua participação.

Então conhecendo os propósitos desta pesquisa libero a utilização das fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides) em favor dos pesquisadores da pesquisa acima.

Belo horizonte 17 de 07 de 2018



Participante da pesquisa

assinatura

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (aluno)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: "Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais." Nesta pesquisa estudaremos o poder que a arte do grafite nos espaços urbanos, a preservação patrimonial e a cultura são apresentadas para os professores, alunos e comunidade escolar da Escola Municipal Adaauto Lúcio Cardoso. A pesquisa contribuirá para contextualizar as pinturas com a técnica do grafite realizadas pela proposta de revitalização do Córrego Capão juntamente com a comunidade local.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): questionários, rodas de conversas e registros de fotos.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer dúvida que tiver e estará livre recusar-se a participar. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo (segredo), atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Você não será identificado em nenhuma publicação feita por este pesquisador. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem na possibilidade da exposição oral de ideias ou opiniões culturais / estéticas sobre o tema pesquisado, além de registros de fotografias ou vídeos realizados pelo próprio pesquisador. Estes registros servirão somente para ilustrarem a pesquisa escrita pelo pesquisador, e não serão doados ou expostos em nenhum veículo de comunicação da Faculdade. Serão apenas usados para coleta e análise de dados para esta pesquisa. O nome da criança ou o material que indique a participação da mesma não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Por gentileza pais ou responsável, preencha os espaços abaixo:

Eu, Debora Homagth portador (a) do documento de Identidade nº: M. 6. 6751843 Responsável pelo aluno: Titania FERNANDES SIMÕES fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e poderei modificar a decisão de não permitir a participação de meu filho (a) se assim o desejar. Por fim, declaro que concordo em participar dessa pesquisa realizada na Escola Municipal Adaauto Lucio Cardoso pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda.

[Assinatura]

Assinatura do responsável pela criança

23/08/2018
data

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (aluno)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: "Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais." Nesta pesquisa estudaremos o poder que a arte do grafite nos espaços urbanos, a preservação patrimonial e a cultura são apresentadas para os professores, alunos e comunidade escolar da Escola Municipal Adaauto Lúcio Cardoso. A pesquisa contribuirá para contextualizar as pinturas com a técnica do grafite realizadas pela proposta de revitalização do Córrego Capão juntamente com a comunidade local.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): questionários, rodas de conversas e registros de fotos.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer dúvida que tiver e estará livre recusar-se a participar. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo (segredo), atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Você não será identificado em nenhuma publicação feita por este pesquisador. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem na possibilidade da exposição oral de ideias ou opiniões culturais / estéticas sobre o tema pesquisado, além de registros de fotografias ou vídeos realizados pelo próprio pesquisador. Estes registros servirão somente para ilustrarem a pesquisa escrita pelo pesquisador, e não serão doados ou expostos em nenhum veículo de comunicação da Faculdade. Serão apenas usados para coleta e análise de dados para esta pesquisa. O nome da criança ou o material que indique a participação da mesma não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Por gentileza pais ou responsável, preencha os espaços abaixo:

Eu, M^{te} da Conceição G. M^{te} de Souza, portador (a) do documento de Identidade nº: 416.649.374 Responsável pelo aluno: Douglas E. Alves fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e poderei modificar a decisão de não permitir a participação de meu filho (a) se assim o desejar. Por fim, declaro que concordo em participar dessa pesquisa realizada na Escola Municipal Adaauto Lucio Cardoso pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda.

M^{te} da Conceição G. M^{te} de Souza
Assinatura do responsável pela criança

13/07/2018
data



Universidade do estado de minas gerais
Faculdade de educação- FAE
Mestrado em educação e formação humana

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Larissa Alves de Oliveira CPF 051493.066-73 RG MG-12435.510

_____, autorizo o uso das imagens e depoimentos realizados pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda e Lana Mara Castro Siman (prof. Orientadora) do projeto de pesquisa: "Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais" O objetivo deste estudo é investigar ações educativas patrimoniais que se utilizam da arte do grafite para desenvolver nos jovens alunos novas sensibilidades em relação ao seu patrimônio cultural e, principalmente no reconhecimento de sua cultura e história local. Esta pesquisa não oferece nenhum risco ou dano e também não haverá nenhuma forma de gratificação pela sua participação.

Então conhecendo os propósitos desta pesquisa libero a utilização das fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides) em favor dos pesquisadores da pesquisa acima.

Belo horizonte 17 de 07 de 2018

Larissa Alves de Oliveira

Participante da pesquisa

assinatura



Universidade do estado de minas gerais
Faculdade de educação- FAE
Mestrado em educação e formação humana

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Helma Domingos CPF 02.267.346.006, RG MG. 6751843, responsável pelo aluno(a) Vitória Fernandes Simões, autorizo o uso das imagens e depoimentos realizados pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda e Lana Mara Castro Siman (prof. Orientadora) do projeto de pesquisa: "Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais" O objetivo deste estudo é investigar ações educativas patrimoniais que se utilizam da arte do grafite para desenvolver nos jovens alunos novas sensibilidades em relação ao seu patrimônio cultural e, principalmente no reconhecimento de sua cultura e história local. Esta pesquisa não oferece nenhum risco ou dano a criança e também não haverá nenhuma forma de gratificação pela sua participação.

Então conhecendo os propósitos desta pesquisa libero a utilização das fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides) em favor dos pesquisadores da pesquisa acima, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990).

Belo horizonte 23 de 08 de 2018

Vitória Fernandes Simões

Participante da pesquisa
(nome do aluno)

Helma Domingos

assinatura do responsável pelo aluno

Coordenador responsável pelo projeto na E.M. Adauto Lúcio Cardoso



Universidade do estado de minas gerais
Faculdade de educação- FAE
Mestrado em educação e formação humana

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Lucineia de F. S. CPF 05405314674 RG mg 10136901 responsável pelo aluno(a) _____, autorizo o uso das imagens e depoimentos realizados pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda e Lana Mara Castro Siman (prof. Orientadora) do projeto de pesquisa: **"Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais"** O objetivo deste estudo é investigar ações educativas patrimoniais que se utilizam da arte do grafite para desenvolver nos jovens alunos novas sensibilidades em relação ao seu patrimônio cultural e, principalmente no reconhecimento de sua cultura e história local. Esta pesquisa não oferece nenhum risco ou dano a criança e também não haverá nenhuma forma de gratificação pela sua participação.

Então conhecendo os propósitos desta pesquisa libero a utilização das fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides) em favor dos pesquisadores da pesquisa acima, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990).

Belo horizonte 13 de 4 de 2018

Graziela Gabrielly de Menezes Lima

Participante da pesquisa
(nome do aluno)

assinatura do responsável pelo aluno

Coordenador responsável pelo projeto na E.M. Adauto Lúcio Cardoso

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (aluno)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: "Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais." Nesta pesquisa estudaremos o poder que a arte do grafite nos espaços urbanos, a preservação patrimonial e a cultura são apresentadas para os professores, alunos e comunidade escolar da Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso. A pesquisa contribuirá para contextualizar as pinturas com a técnica do grafite realizadas pela proposta de revitalização do Córrego Capão juntamente com a comunidade local.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): questionários, rodas de conversas e registros de fotos.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer dúvida que tiver e estará livre recusar-se a participar. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo (segredo), atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Você não será identificado em nenhuma publicação feita por este pesquisador. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem na possibilidade da exposição oral de ideias ou opiniões culturais / estéticas sobre o tema pesquisado, além de registros de fotografias ou vídeos realizados pelo próprio pesquisador. Estes registros servirão somente para ilustrarem a pesquisa escrita pelo pesquisador, e não serão doados ou expostos em nenhum veículo de comunicação da Faculdade. Serão apenas usados para coleta e análise de dados para esta pesquisa. O nome da criança ou o material que indique a participação da mesma não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Por gentileza pais ou responsável, preencha os espaços abaixo:

Eu, Luciana F. G. da Silva, portador (a) do documento de Identidade nº: mg 162261 Responsável pelo aluno: Paula Gabrielly de Menezes da fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e entendida e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e poderei modificar a decisão de não permitir a participação de meu filho (a) se assim o desejar. Por fim, declaro que concordo em participar dessa pesquisa realizada na Escola Municipal Adauto Lucio Cardoso pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda.

[Assinatura]
Assinatura do responsável pela criança

13/04/2018
data



Universidade do estado de minas gerais
Faculdade de educação- FAE
Mestrado em educação e formação humana

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Lucineia de F. S. CPF 054053146-4 RG mg 10136961 responsável
pelo aluno(a) _____, autorizo o uso das imagens e
depoimentos realizados pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda e Lana Mara Castro
Siman (prof. Orientadora) do projeto de pesquisa: **"Arte Pública em ações educativas
patrimoniais no Ensino de Artes Visuais"** O objetivo deste estudo é investigar ações educativas
patrimoniais que se utilizam da arte do grafite para desenvolver nos jovens alunos novas
sensibilidades em relação ao seu patrimônio cultural e, principalmente no reconhecimento de
sua cultura e história local. Esta pesquisa não oferece nenhum risco ou dano a criança e
também não haverá nenhuma forma de gratificação pela sua participação.

Então conhecendo os propósitos desta pesquisa libero a utilização das fotos e/ou depoimentos
para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides) em favor dos pesquisadores da pesquisa
acima, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e
adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990).

Belo horizonte 13 de 7 de 2018

Graziela Gabrielly de Menezes Lima

Participante da pesquisa
(nome do aluno)

assinatura do responsável pelo aluno

Coordenador responsável pelo projeto na E.M. Adauto Lúcio Cardoso



Universidade do estado de minas gerais
Faculdade de educação- FAE
Mestrado em educação e formação humana

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Jucineia de F. S. CPF 054053146-4 RG mg 10136961 responsável pelo aluno(a) _____, autorizo o uso das imagens e depoimentos realizados pela pesquisadora Graziela Gonçalves de Miranda e Lana Mara Castro Siman (prof. Orientadora) do projeto de pesquisa: "Arte Pública em ações educativas patrimoniais no Ensino de Artes Visuais" O objetivo deste estudo é investigar ações educativas patrimoniais que se utilizam da arte do grafite para desenvolver nos jovens alunos novas sensibilidades em relação ao seu patrimônio cultural e, principalmente no reconhecimento de sua cultura e história local. Esta pesquisa não oferece nenhum risco ou dano a criança e também não haverá nenhuma forma de gratificação pela sua participação.

Então conhecendo os propósitos desta pesquisa libero a utilização das fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides) em favor dos pesquisadores da pesquisa acima, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990).

Belo horizonte 13 de 4 de 2018

Graziela Gabrielly de Moraes Lima

Participante da pesquisa
(nome do aluno)

assinatura do responsável pelo aluno

Coordenador responsável pelo projeto na E.M. Adauto Lúcio Cardoso



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PROJETO PESQUISA:

Para o desenvolvimento da pesquisa serão realizadas: observação das rotinas da escola e das turmas, análise de documentos, entrevistas e conversas informais com as professoras. Por isso, pedimos a sua autorização para gravar as entrevistas. Todos os dados serão utilizados EXCLUSIVAMENTE para fins de pesquisa. Portanto, sua imagem, sua identidade e suas informações serão utilizadas com padrões profissionais de sigilo e não serão utilizados para qualquer outro fim. Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto e a qualquer momento que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou ônus. Pedimos apenas que você nos informe, em caso de desistência, por meio do telefone _____ pelo e-mail lavinia@uemg.br.

Os resultados da pesquisa serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado - da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGE/UEMG) e outra será fornecida a você.

Caso você concorde com a realização desta pesquisa e o uso dos dados EXCLUSIVAMENTE para fins de pesquisa neste projeto, preencha a seguir:

Eu, Larissa Maria de Oliveira, declaro ter sido, suficientemente, informada sobre a pesquisa e concordo em participar de sua realização. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e rever a minha decisão, se assim o desejar.

Fui cientificada de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais e de que não há ônus algum nessa participação. Em caso de dúvidas poderei contatar a pesquisadora,

estudante do curso de Mestrado da UEMG, Priscila Oliveira de Miranda, cujos contatos me foram disponibilizados.

Apêndice B – Entrevistas realizadas

1.0 - Entrevista com o grupo focal de alunos:

A entrevista com um grupo focal foi composto de sete alunos da E. M. Adauto Lúcio Cardoso que participaram da pintura nos muros da escola em 2018 e 2017, sendo que três alunos participaram da intervenção artística em setembro de 2017 e 4 alunas começaram a participar do projeto somente este ano, em 2018. Isto aconteceu pelo motivo de que os alunos que participaram ano passado eram do 9º ano e foram para outra escola este ano, então decidimos reunir os alunos que pintaram nas intervenções artísticas em 2017 com os alunos que se sentiram de alguma forma influenciados por estas pinturas e assim começaram também a participar. No dia da entrevista, reunimos os alunos em uma sala e primeiramente eu e a coordenadora Roseli explicamos para os alunos como seria a entrevista e sobre alguns objetivos da minha pesquisa. Após a conversa, coloquei um vídeo sobre a intervenção artística que aconteceu em setembro de 2017 no qual demonstrava parte do processo de construção das pinturas pelos alunos e grafiteiros. Na sequência eu comecei a fazer as perguntas:

Primeiramente eu perguntei aos alunos como foi a experiência de realizar as pinturas nos muros da escola e também fora da escola, nas ruas. E pedi para que contassem quais foram os significados que ficaram depois desta experiência estética e cultural:

A aluna G.G.M, 13 anos comentou: “Tive uma sensação boa e que dá o direito de se expressar, sendo legal você descobrir outras formas na arte e também de poder melhorar a aparência do muro que está sem vida”. Outra aluna V.F.S (15 anos) acrescentou: “Porque daí você pode chamar a atenção para a causa que você está lutando, e é importante você levar em consideração a causa de cada um. Então eu acho que a arte ajuda muito este lado, porque a pessoa pode colocar o que ela sente ali, a crítica dela ou uma frase que ela pensa.”

Isso que você V.F.S (15 anos) disse é muito interessante. Alguém mais quer comentar sobre sua história, como se sentiu quando estava participando das pinturas?

“Fiquei muito contente em participar da pintura na parede da casa e quando via o prof. Fabiano pintando com os outros alunos achava muito encorajador... quando você vê uma pessoa pintando, isto te dá mais coragem para pintar também.” comentou a aluna I.H.E, (13 anos).

O aluno: D.G.A (13 anos) acrescentou: “E daí você quer também fazer aquilo que estão fazendo, é muito legal você dá uma nova vida a aquele muro que estava ali todo sujo, acabado.” A aluna V.F.S(15 anos) respondeu: “Quando você vê a pintura acabada, e vê o muro todo colorido e bonito, dá um orgulho muito grande e eu fiquei muito feliz de estar ali participando daquele momento.”

Em seguida perguntei se a experiência de grafitar os muros dentro da proposta socioambiental do Córrego Capão contribuiu de algum modo para a formação de cada um, seja no campo do conhecimento, da sensibilidade ou pessoal:

A aluna V.F.S. (15 anos) respondeu: “Quando fomos escolher o tema que iríamos pintar nos muros da quadra da escola, pesquisamos muito sobre a história e também artistas de uma época, acho que foi no séc. passado, não me lembro. Daí a gente representou a evolução do tempo de 1970 até as décadas passadas... eu achei muito legal porque a gente conheceu coisa que eu nem imaginava, artistas... um colega pintou: ‘Elvis não morreu’. Foi muito bacana.”

A aluna G.G.M (13 anos) comentou que participou apenas este ano, da pintura na parede da casa onde funciona as oficinas do Escola Integrada. Ela nos contou que: “(...) os desenhos já estavam ali na parede há mais tempo, então os desenhos estavam um pouco deformados... eu e as meninas estávamos pintando, daí, quando a gente terminou e eu olhei para a pintura, fiquei até com pouco de orgulho. Pois, mesmo que o desenho já estava mais ou menos pronto, para você fazer os traços é muito difícil e o contorno... tem hora que sai muito grosso ou muito fino. E o tanto de tinta que você vai usar? Porque se você colocar muita tinta no pincel quando vai pintar escorre tudo e destrói o desenho todo... achei muito difícil, foram muitos desafios.”

V.F.S. (15 anos) complementou: “A vontade de aprender mais sobre a arte, a pintar, a desenhar (...).” e uma coisa que sentir quando estava lembrando e que eu fiquei

muito triste... é que o processo que aconteceu no Arte e Vida aconteceu em meu último ano aqui na escola. Estava no 9º ano quando nós pintamos os muros, em 2017. Então na escola que estou hoje não tem isso, este tipo de oficina, mas tem uns grafites do lado de fora. A escola é Maria Andrade, sabe? Só tem as pinturas do lado de fora, mas não tem a expressão de arte. Lá é um lugar muito morto, sem vida.

Eu comentei: Infelizmente, nas escolas estaduais a verba para educação é bem menor do que nas escolas municipais, por isso não tem tantos projetos que você tinha aqui. Mas você não pode desistir de continuar aprendendo e buscar novos conhecimentos na área de arte. Você gosta mais de desenhar ou de pintar?

A aluna V.F.S. (15 anos) respondeu: eu gosto muito de ficar desenhando...meu namorado desenha mais que eu, daí eu vou aprendendo com ele. Eu gostei muito de pintar também, é mais difícil e demorado, mas eu gostei do resultado que nós conseguimos. Cada um tem a sua opinião, quando você faz um desenho, a pessoa tem o direito de opinar, mas ela não pode interferir nele. O importante é que você deu o melhor de si naquele desenho.”

Na terceira pergunta que fiz para os alunos eu limitei para os três alunos que participaram da intervenção artística realizada em setembro de 2017, nisto, eu perguntei: Quando vocês estavam pintando na rua, alguém parou para observar ou comentou alguma coisa com vocês? Conte-nos o que sentiram quando isso aconteceu?

O aluno D.G.A (13 anos) comentou: “ Algumas pessoas ficaram nos olhando de longe, os meninos que moravam lá perto ficaram perguntando como fazia aquilo e queriam pintar também.” Acho que gostaram!”

A Aluna V.F.S. (15 anos) disse: “Teve gente que estava passando e queria contratar a gente, parou para tirar foto e elogiaram muito.”

A aluna G.G.M,(13 anos) complementou: “(...) cada um tem uma interpretação, a pessoa pode entender de uma maneira boa ou de uma maneira ruim o desenho”.

Eu acrescentei: Sim você tem razão, e por estar exposto nas ruas, o grafite sofre muito mais, pois tem interferências também da natureza, do poder público e dos milhares de pessoas que passam ali todos os dias. Então, o artista de rua tem que pensar nisto tudo, e também se conformar se sua arte não permanecer por

muito tempo ali naquele lugar. O que fica é a experiência e a expressão de sua mensagem.

Agora, fiz a mesma pergunta para os alunos que pintaram dentro da escola, modificando apenas o lugar de onde aconteceu a intervenção: E com vocês que participaram da pintura nos muros da parte de dentro da escola, algum colega, ou professor, ou pai comentou alguma coisa com vocês?

A aluna G.G.M (13 anos) respondeu: “ Não só do professor Fabiano”.

Aluna C.J.M (13 anos) também comentou que: “Alguns colegas me disseram que gostaram(...).”

Eu os indaguei outra vez: Além do professor Fabiano, outro professor comentou com alguma coisa com vocês?

A aluna G.G.M (13 anos) respondeu: “eu não escutei nada não, talvez falaram entre eles(...).

Após a fala desta aluna, a Coordenadora Roseli, comentou com estes alunos que apesar dos professores não comentarem diretamente com eles, disse que todos do escola integrada ficaram encantados com a pintura do painel feitos na casa da Escola. Roseli, também os lembrou de uma Placa de madeira que pintaram este ano, com os dizeres” Abrace o Capão”. Houve uma ação em que alunos juntamente com alguns moradores fizeram uma caminhada com cartazes até um ponto perto do Córrego Capão, e lá realizaram uma limpeza e o plantio de mudas. Nesta ação colocaram esta placa pintada por estes alunos. A Roseli, então disse a eles que muita gente também elogiou sobre a pintura desta placa de madeira.

Após esta pequena intervenção da Roseli eu enfatizei aos alunos que pintaram apenas dentro do espaço da escola, que as suas experiências não são menores dos alunos que pintaram os muros nas ruas. Possuem o mesmo valor, só que a dinâmica é diferente, pois na rua tem outros desafios, como a circulação de pessoas, de carros, tem o sol quente, a chuva...

A aluna V.F.S (15 anos), comentou: “Nós pintamos a quadra de esportes foi mais fácil porque não tinha sol, né? Quando fomos para a rua, foi muito legal, mas foi muito mais cansativo.”

Vocês gostaram mais de pintar na escola? Ou na rua?

A aluna V.F.S (15 anos) respondeu: “eu gostei dos dois, mas como nunca tinha pintado um muro na rua... eu gostei mais ainda.”

A aluna I.D.A (13 anos) acrescentou: “eu nunca pinte na rua, mas eu acho que quando eu for pintar, eu também vou gostar...”

O aluno D.G.A (13 anos) também disse: “Eu gostei muito de pintar na rua!”

A aluna V.F.S (15 anos) respondeu: “é porque na rua você se sente mais importante. Eu me achava um artista com aquela gente toda me olhando e alguns até tiravam foto e elogiavam... Para mim foi cansativo, mas foi muito mais legal do que pintar só aqui na escola.”

A aluna Y.T.N, (14 anos) também comentou: “Eu ainda não tive oportunidade de pintar na rua. Eu só fiz as pinturas aqui na escola. Mas eu acho que quando eu tiver a oportunidade de ir pintar na rua, eu irei gostar muito.”

Então todo mundo gostou de pintar/grafitar no projeto arte e vida?

A maioria dos alunos fizeram um gesto concordando que sim.

Perguntei a eles se achavam que as suas pinturas contribuíram de alguma forma para a sua escola?

A aluna G.G.M (13 anos) nos contou que: “O grafite deu mais vida a escola e o Capão força de vontade de querer mudar o mundo.”

A aluna V.F. S (15 anos) também respondeu que: “Influenciar outros alunos que não estão participando do grafite e até criar um interesse neles em fazer também.”

A aluna I.D.A (13 anos) também comentou: “eu acho que a escola ficou mais alegre e colorida.”

A aluna C.J. M (13 anos) acrescentou: “eu também achei isso!”

Não sei se vocês sabem, mas a escola integrada tem também como objetivo de levar o ensino para a fora dos muros escolares, promovendo novos saberes e interagindo melhor com a comunidade aqui perto. Refletindo sobre isso, vocês acham que o Projeto do Córrego Capão através da arte também conseguiu contribuir de alguma forma para os moradores que moram perto dos lugares que vocês fizeram os grafites?

A aluna G.G.M (13 anos) disse: “Acho que deu mais vida a aquele lugar... igual o muro que está sem vida com pichações, daí a pessoa foi lá e fez um desenho bacana. Acho que o Projeto Arte e Vida deu muito mais vida aos lugares que aconteceram as pinturas.”

A aluna Y.T.N (13 anos)disse “ eu acho que foi bom sim... como na escola, ficou mais alegre.”

A aluna V.F. S (15 anos) acrescentou: “eu acho que os moradores gostaram, como ela disse os lugares ficaram mais alegres... antes era tudo sujo e abandonado. Na pracinha que pintamos aqui perto da escola, foi muito legal porque plantamos mudas, pintamos e depois fizemos um piquenique lá na praça. Tinha alguns pessoas lá, no dia, acho que gostaram...”

Vocês acham que os jovens podem utilizar os espaços públicos da cidade para se expressarem através da arte:

A aluna V.F.S (15 anos) disse; “(...) acho que isso não deveria ser nem permitido, isto deveria ser um direito.”

A aluna G.G.M (13 anos) acrescentou: “ eu acho que os jovens como ela disse tem o direito de expressarem, mas não acho certo sair pichando tudo!”

Outro aluno comentou: “eu também não gosto de pichação, mas tenho colegas que já me falaram que picharam seu nome nos muros. Isto é comum para gente. Para mostrar que também temos vez e que existimos!” (W.I.F , 12 anos)

Quem poderia explicar sobre as diferença entre grafite e pichação?

A aluna V.F.S (15 anos) respondeu: A pichação é vandalismo...isto não quer dizer que devemos aceitar mais respeitar, porque muitas vezes a pessoa quer mostrar que ela esta ali, ou esta se expressando... daí você esta barrando ela ali naquele momento. E o grafite é uma arte, que tem uma mensagem, história por de trás daquilo tudo.”

A aluna G.G.M (13 anos), complementou: “Eu também acho a pichação muito diferente do grafite, porque para pintar você tem todo um modo de fazer ...e o resultado é mais bonito que a pichação. Eu acho que pichar é uma perda de tempo.”

“O aluno (W.I.F , 12 anos) respondeu: eu acho que a pichação é uma forma do jovem mostrar que esteve ali naquele lugar, e o grafite é uma arte mais bonita, que como ela disse passa uma ideia...sei lá’!”

Em relação ao patrimônio, eu expliquei antes sobre o significado da palavra patrimônio e em seguida perguntei ao grupo para contarem o que era patrimônio para cada um:

G.G.M (13 anos) disse: “A minha casa pode ser um patrimônio”?

Eu respondi: sim, é um patrimônio material, que seu pai e sua mãe compraram e pertence somente a vocês. O patrimônio Imaterial é aquele que não pertence a ninguém, são os costumes, as tradições da cultura de um povo.

A aluna G.G.M (13 anos) respondeu: “então é a minha casa”.

A outra aluna, V.F.S (15 anos), pensou e disse: “eu considero os meus desenhos, porque tenho muito carinho por eles e quando vou dar para alguém, não sei o que me dá, acho que fico com ciúmes, ou saudades, sei lá!” Mas eu gosto de compartilhar meus desenhos com os outros.”

A aluna I.D.A (13 anos) também disse: “eu não tenho nada para chamar de meu, nem minha casa rsrs...”

Eu acrescentei que patrimônio não precisa ser algo apenas material, pode ser uma história antiga que sua avó contava, uma receita tradicional que somente a sua família ou cidade faz, uma folia de reis. Então tudo que pertence a nossa história, memória e cultura. Este patrimônio nós chamamos de imaterial. Então pensando nisto podemos considerar o córrego capão como um patrimônio cultural desta região?

A outra aluna, V.F.S (15 anos) disse: “Eu acho que sim, tem uma vizinha amiga de minha mãe que disse que antes eles nadavam, pescavam e tudo no córrego.”

A aluna G.G.M (13 anos) disse: “eu também já escutei sobre isso!”

A aluna Y.T.N (13 anos) disse: foi aqui na escola que escutamos sobre isso. Acho que foi uma palestra que teve aqui e uma moça falou sobre isso.”

Perguntei sobre o que eles pensavam sobre este fato, se nós precisamos guardar o patrimônio apenas para a gente, ou se teríamos que preservar e cuidar para que outras pessoas também vejam e aproveitem ?

A maioria dos alunos responderam que sim, e duas alunas comentaram:

A aluna G.G.M (13 anos) contou que: “(...) é bom divulgar porque a pessoa vai ver que você está interessado em fazer aquilo, mas não que seja um desenho qualquer e sim

é algo que você quer realmente fazer. E é bom curtir lembranças e expor para outras pessoas verem que você realmente quer fazer aquilo.

Pensando na questão de guardar o patrimônio para as gerações futuras e também pensando no presente, porque nós também podemos usufruir deste patrimônio. Então refletindo sobre isso, vocês acham que de alguma forma estão construindo o presente e contribuindo para o futuro?

A aluna V.F.S,(15 anos) comentou que: “ Acho que o artista deve ir além do desenho e que deve colocar uma crítica também.”

A aluna C.J.M, (13 anos) disse: “Quando desenhamos a gente quer pensar e quer passar aquela crítica, mas na maioria das vezes a gente pensa que as pessoas que estão vendo não vão conseguir ver a critica que a gente quer passar.”

A aluna V.F.S,(15 anos) disse: “ È sempre assim...as pessoas não entende quando você esta triste os traços ficam diferente de quando você esta feliz. Dá para vê que a pessoa estava feliz.. Quando a pessoa fica com raiva, o desenho parece que fica diferente, com mais atrito. Mesmo estando triste ou com raiva o importante é você dá tudo de si.

A aluna G.G.M,(13 anos)também disse:” Você quer fazer um desenho, e pensa: Ah eu quero fazer isso.. mas a pessoa que passa na rua pode entender o desenho de várias maneiras. Eu acho que a frase, ou o desenho que dá para entender de duas formas, é mais elaborado.”

A aluna V.F.S,(15 anos) disse: Eu acho que o desenho tem que fazer uma referencia direta, tipo colocar para os moradores, tipo... a encanação do esgoto deles vai direto para o Capão, daí pega e faz um desenho de uma torneira descendo um monte de coisa e por exemplo alguém tacar uma massa e tampar esta torneira, ou fazer um desvio...várias são as ideias para mostrar a comunidade a Poluição do Capão.

Em seguida a coordenadora Roseli, trouxe umas fotos sobre o projeto socioambiental do Capão, incluindo as caminhadas, encontros e fotos sobre a intervenção artística que aconteceu em Setembro de 2017. Entre as fotos tinha a do mural feito pelos alunos, este mural foi chamado de “Arvores das Mãos.” Eu expliquei para os alunos que não participaram deste evento, que esta pintura foi uma ação coletiva, pois além dos alunos da escola integrada que foram na caminhada, também houve a participação das crianças da comunidade local.

Então mostrei a fotos que tirei no dia do evento. Achei muito interessante o que a Aluna V.F.S, (15 anos) comentou sobre as pinturas:

“Eu acho que esta ideia representa uma critica, não sei... talvez. Mas esta foi uma ação direta e indireta ao mesmo tempo porque estava dizendo que com todas as mãos, juntos a gente salva o planeta, e a natureza, as árvores.”

Para finalizar eu perguntei se todos gostaram de participar do projeto socioambiental do córrego capão através da arte?

A maioria dos alunos disse confirmou que sim.

A aluna V.F.S, (15 anos) disse que: “Foi assim que eu me descobri, foi o melhor jeito de saber o que eu gostava de verdade”.

E assim, terminei esta entrevista com o grupo focal de alunos da E.M Adauto Lúcio Cardoso, e considero que a experiência foi muito rica para ambos os lados mesmo com a timidez de alguns alunos que não quiseram falar. Mas, foi recompensada com a fala dos outros alunos do grupo.

2.0 Entrevistas semiestruturadas com os professores e grafiteiros:

A Entrevista com o artista Henrick Tsade, 21 anos. Henrique se considera um artista urbano e atualmente está estudando pintura na Escola livre de Artes (antiga Arena da Cultura) patrocinado pela Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

Quais foram os significados que você atribuiu a aquela ação que realizou durante a intervenção artística em setembro de 2017 pelo projeto socioambiental do Córrego Capão?

O que me trouxe de mais valoroso é que por ser em minha comunidade, no bairro em que moro desde que nasci. De certa forma, é também uma valorização do meio ambiente porque no Capão tem todo este trabalho de cuidar das nascentes. E aquela região onde a gente grafitou é um lugar de beira as nascentes e isto trouxe não só uma questão de valorização do muro ou do espaço, mas do ambiente também. O grafite ele traz vida, uma renovação do espaço, igual à natureza que tem a função de trazer a beleza, o grafite também traz esta beleza novamente para os espaços. Como se um agregasse ao a outro, como um complemento, a natureza conversando com a arte e vice-versa.

Como foi a interação com os alunos da E. M. Adauto Lúcio Cardoso durante a intervenção artística nos muros da escola e também na rua?

A interação foi mais de conversar, né? Foi mais informal. Agora na arte mesmo em si não houve muita interação. Os alunos fizeram um mural a parte com o professor Fabiano, e apenas conversamos.

Você acha que os alunos sentiram influenciados pela ação que vocês estavam realizando, ou seja, pelo modo que vocês estavam pintando?

Sim, eu acredito que só a presença do grafite já influenciou, por estarem no mesmo espaço com a gente interagindo com o mesmo trabalho, de certa forma já influenciou um pouco. Não só eles, mas tipo os professores também que estavam ali, as pessoas que estavam passando na rua e a própria comunidade. Tudo influencia no trabalho final.

Então você acha que para os professores também houve alguma contribuição?

Eles (os professores) influenciaram com a sua presença, com a amizade, como o sentimento. Em relação ao trabalho que fizemos com o Núcleo Capão, não foi um trabalho vinculado totalmente à escola. A professora Roseli por fazer parte do Núcleo Capão fez esta ponte entre a escola com o Capão e o grafite. Então tudo virou uma grande rede, foi uma junção da escola com o a comunidade, com o núcleo Capão e a arte.

E a escola abriu de forma aberta para que vocês realizassem a pintura no muro? Como foi esta recepção, houve algum obstáculo?

No trabalho que fizemos na escola foi melhor que na rua, pois na rua tivemos apenas o apoio da Roseli e do Fabiano da escola. Mas quando fomos pintar na escola, houve uma boa aceitação, teve uma estrutura legal, com almoço e tudo. A escola nos acolheu de forma positiva, nos deu todo o material que precisávamos e foram muito cordiais com a gente. Eu já participo de eventos com o grafite há mais tempo... E já participei de trabalhos em outras escolas também. Daí a gente foi muito bem recebido e foi uma experiência bacana. Esta interação que o grafite tem assim... É bem recebido pelas escolas... É uma contribuição da nossa parte e da parte deles, é uma bela troca realmente.

Pensando nisto, você acha que a arte do grafite tem um poder educativo, quer dizer, propõem uma ação educativa?

Sim, eu acho que não só pelo ato, o grafite já é algo educativo, né? Também porque o grafite traz uma relação de processos, não é uma coisa assim de você chegar e ir fazendo. Tem todo um processo artístico de criação do desenho. Então todo este processo já traz um aprendizado e um ensinamento também em relação à vivência que o grafite traz a rua, os irmãos grafiteiros se encontrando... Neste tempo que estou trabalho com o grafite eu aprendi muita coisa, tanto com as relações sociais, quanto de identidade. O poder de intervenção no espaço, às vezes só a minha presença já influencia, e com o grafite também... Só a sua presença já modifica o lugar. Eu acho que o grafite já tende a mostrar isto na prática mesmo, na vivência, na participação. É tipo uma sociedade assim, tem suas interações, tipo... Suas semelhanças, tipo um diálogo mesmo. Tem as suas igualdades, uma identificação. Se eu encontrar um grafiteiro com o traço dele, com estilo de letra parecido, ou personagem que ele faz isto traz um aprendizado muito rico para ensinar a gente mesmo... Tipo eu aprendo com o grafite do outro quem sou eu. E com o meu próprio grafite também... E isso traz um aprendizado muito rico para ensinar a gente mesmo. Ou seja, com o que o outro faz eu consigo enxergar o que eu posso fazer, os meus limites e isso é toda uma comunicação não só na nossa região, mas é uma comunicação mundial, assim....e as mídias também facilitam bastante.

Não é só no local que aconteceu a intervenção artística?

Não. Porque tem um grafiteiro lá da Espanha que faz uma arte lá e ele se torna popular por conta da qualidade do trabalho dele e eu aqui no Brasil vou conhecer o trabalho dele. Isso gera toda uma comunicação, ou seja, uma unificação. É uma interação mundial assim...

Esta questão que você falou do grafite dialogar com os espaços. Considerando o diálogo que o jovem faz com a cidade e seus espaços, como você percebe esta interação deles com os espaços urbanos?

O grafite desde o seu início tem o cunho de não apenas trazer uma arte para o espaço, mas também como uma forma de protesto também, de certa forma ao mesmo tempo em que é uma renovação. É uma agressão ao espaço e ao sistema que limita os nossos espaços. Os jovens assim... E, nós como artistas jovens periféricos somos

bastantes limitados em meio a arte, ao seu acesso. Então eu acho que aí que o grafite ganha vida, porque estes limites impõem um distanciamento do jovem para entrar no mundo artístico, e a rua traz esta liberdade que muitas vezes é imposta pela gente mesmo. A cidade mantém o jovem afastado, mas a gente entra para dentro da cidade e participa querendo a cidade ou não, sabe? Por isso que se torna uma agressão, mas não tipo uma agressão violenta, mas tipo uma forma da gente querer ter voz sabe? De dizer que eu existo, eu estou aqui e não sou apenas um coadjuvante... Sou um protagonista e eu vou participar também. E a cidade não quer que a gente seja este protagonista, pois ela fica o tempo todo silenciando a gente. E nós trazemos para o meio da cidade esta voz de forma rasgada assim... Tanto quanto o grafite é autorizado quanto não.

O grafite autorizado é uma conversa entre o jovem e o morador, e mesmo assim está ali ocupando a casa e participando da cidade. E existe também o grafite chamado “*Vandal*” que por muitos é visto como o verdadeiro grafite, pois ele traz esta voz, tipo assim: o sistema não me permite ter voz e eu vou burlar este sistema... Ele faz referencia ao vandalismo e daí ele se faz real né? Tem a sua essência, sabe? Então eu acho que é isso, a cidade fica o tempo todo tentando silenciar a voz dos jovens e vira de certa forma uma batalha mesmo. O grafite é uma luta, mas que se dá a partir de uma liberdade.

Mas quando você se refere ao grafite “Vandal”, você está incluindo a pichação? Ou só o grafite?

A pichação é um termo a parte do grafite, ao mesmo tempo em que ela conversa com o grafite. Apesar de que o grafite “Vandal” e a pichação têm significados iguais, mas a diferença é que a pichação esta na ação. A escrita ela traz uma identidade ao espaço, traz uma mensagem... A parede passa a ter uma função, deixa de ser apenas uma parede branca e passa a ter uma identidade, carregando uma mensagem. Ela toma a identidade do próprio pichador assim... E daí eu penso que a pichação é para além daquela maraca, ela é antes de tudo uma ação que faz com que ela exista, ou seja, não é o traço ou a escrita, mas o ato de se fazer é que define a pichação. Dentro deste ato é que tem toda uma gama de significados que fazem com que a pichação tenha sua função real assim... Dentro do meio urbano. O grafite “Vandal” e a pichação eles conversam muito, mas tem uma diferença muito pequena porque o grafite

“Vandal” trabalha com cores, com preenchimentos, com os elementos da arte. Então tem toda uma intelectualidade assim... É mais bem elaborado. A pichação já é um traço, por isso ela é considerada uma ação, uma escrita, uma impressão na cidade, sabe? É a ação de se fazer. Ela traz um vínculo maior com a caligrafia, utilizando ela como base para se ter esta ação, mas tem muitos que fazem personagens.

Você acha que esta questão do jovem ocupar os espaços, sejam ele públicos ou privados com desejo de romper com os limites impostos pela Sociedade começa desde a escola? Como foi com você quando começou a trabalhar com o Grafite?

Na verdade, eu comecei com o grafite quando eu tinha quando tinha uns treze anos e eu não estava com a frequência do grafite no sentido de ir para rua mesmo e tal... E nisso eu comecei a buscar escrever meu nome pelos espaços que eu tinha uns contatos, sabe? Daí eu resolvi pichar a escola e deu o maior B.O porque descobriram rsrs... Daí chamaram a guarda municipal e foi a maior confusão, tipo assim. .. Daí eu comecei a ver o que era a questão toda, essa prisão que fazem pois você não pode se expressar, não pode escrever seu nome, vai ser preso. Mas, isso é só uma expressão que o ser humano faz desde seus primórdios, ou seja desde o começo da humanidade o homem tenta se comunicar com outro através do grafite. E eu acho que a pichação e o grafite é só um deslocar disto tudo né? É uma expressão ancestral, desde as nossas raízes. Hoje nós somos reprimidos né? Existe um sistema que padroniza o que é certo e o que é errado, o que pode e o que não pode, o que é bonito e o que é feio. E a Sociedade segue estes padrões impostos e daí tudo se organiza desde jeito, né? E eu já tive muitas experiências assim em minha vida, de ter uma necessidade de expressão e acabar sendo reprimido por causa disso. Não somente comigo, mas também com meus companheiros de grafite, de saber que a pessoa foi presa por mais de dois anos por causa disso. Mas de certa forma tem o seu porque assim... Tem a sua razão porque como eu disse é uma agressão né? E a Sociedade se incomoda com esta agressão, e muitas vezes o grafiteiro impõe forçadamente a sua autoridade sobre aquele patrimônio, então é uma contradição mesmo. Isto se torna um jogo, pois o pichador não está certo nem está errado, e nem a lei está certa também... São só duas partes de uma mesma coisa, ditando o que quer e o que não quer... Daí o pichador briga com a cidade, e a cidade implica com o pichador. O

pichador apaga a cidade se escrevendo nela, e a cidade apaga o pichador pintando os grafites nos muros. A cidade tenta apagar os pichadores rsrs...

Como você disse, sobre o pichador intervir no patrimônio com a sua expressão. Segundo o IPHAN as paisagens naturais também são um patrimônio cultural, através da implantação da Chancela da Paisagem cultural. Então pensando no Córrego Capão como uma Paisagem Cultural, eu queria saber se você o considera um patrimônio importante para a sua comunidade? E nos conte qual foi o sentido que você atribui quando lembra da sua participação nas pinturas feitas no Córrego Capão?

Assim... Desde muito pequeno eu passava pelo córrego e nunca tinha o observado com amor, assim... Digamos de alguma maneira. Então eu passei a observar ele com outros olhos e eu vi uma beleza incrível nele, que eu acho que poucos veem... E eu acho que ele é muito isso assim... Um patrimônio cultural incrível, ou seja uma paisagem maravilhosa. Principalmente por estar dentro de uma comunidade, é um pedacinho da natureza transitando por esta comunidade. Antigamente tinha também uma lagoa bem grande que foi apagada... E este pedacinho de natureza resistindo em meio a comunidade é de uma beleza incrível! Mesmo que a comunidade vem jogando lixo, e poluindo... Ele ainda se mantém vivo e bonito assim... Mantendo a sua beleza. E participar disto tudo foi muito gratificante para mim, pois eu como ser integrante desta natureza ajudando ela a ser mais vista. Tipo eu não tenho poder de limpar o córrego todo, mas eu tenho esse poder de levar uma mensagem, uma beleza que de certa forma também pode fazer parte desta paisagem. De certa forma, agrega-se a paisagem toda e tudo se torna uma coisa só, entende?

O Córrego e o grafite que está na parede não são coisas distintas, mas sim a natureza acontecendo sabe? E o Núcleo Capão assim... Eu admiro muito o trabalho da Roseli e o que a gente anda fazendo... É um trabalho muito vivo assim... O que a gente vem fazendo... Esta força de vontade que a nós temos de ajudar também uma comunidade que é muito excluída, sabe? É uma região muito pobre e ao falar de Núcleo Capão lá na comunidade, muitos diziam: “nossa tem que canalizar o córrego”. Então eu acho que isso é um grande crime encaixotar o córrego e tapar ele... A cidade toda é praticamente assim... Tudo foi para debaixo da terra... O rio arrudas todo tampado debaixo do asfalto. Tantos rios que foram tampados e não sabemos. Eu fico

imaginando isso antigamente como era... Então no meio disso tudo, eu fico imaginando o monte de nascentes que haviam no meio da cidades e que foram apagadas e excluídas assim... Eu acho que o Núcleo Capão é um movimento de resistência muito forte sabe? Mesmo que a sua atuação seja naquele micro, ou seja, naquela pequenina parte do bairro ali, onde tem a sua nascente. Mas eu acho um trabalho de resistência muito forte, pelo fato de se ter a vontade de cuidar e de se mover e tirar uma parte do dia para ir lá ao Córrego e plantar umas mudas e limpar o lugar, fazer um jardim e criar um ponto limpo, sabe? Se a gente não cuida do que é nosso, daí eles roubam e fazem o que fazem... De certa forma não é só cuidar da natureza que esta lá mais cuidar de nós mesmo, né? Ali é a comunidade toda funcionando como se fossem em comunhão, porque se eu estou cuidando desta parte, eu também estou cuidando da comunidade de forma geral, sabe? E eu também sou parte desta comunidade e estou cuidando de mim. E se as pessoas tirassem um pedacinho do seu dia apenas para ir lá e observar o Córrego e suas plantas ao redor já é uma alegria assim... Porque a gente está em uma época que não temos contato com a natureza profunda... Então só de a gente ter aquele pedacinho ali de natureza já traz uma felicidade e um pouquinho de vida.

Entrevista com a artista grafiteira Laris:

A artista Larissa possui 19 anos e se considera autônoma e artista urbana. Possui o sonho de estudar Biologia.

Quando você começou a participar das intervenções artísticas realizadas pelo projeto de revitalização do Córrego Capão?

È que quando eu comecei a pintar no projeto, eu já grafitava os muros daquela região... eu, o Shark e o Henrick Tsade e várias pessoas já pintavam no córrego, porque o Córrego é uma área de ninguém, tipo a pessoa não importa se vai pintar o muro dela. Por que já é no córrego, então a pessoa considera aquela área um visual da casa dela... então elas não se importavam em grafitar os muros daquela área. Assim quando eu conheci a Roseli eu já pintava naquela área, daí eu conheci também o projeto da escola e conheci o núcleo capão. Achei muito bacana a interatividade na época por que meu sonho é ser bióloga, então juntava duas coisas que eu adorava, que era a arte e a natureza.

Eu também sofro, sou moradora do córrego e sofro com o que vejo todos os dias... sofás jogados e queimados dentro do córrego, a pessoa joga pneu, lixo... e ainda joga terra por cima. E eu sofro vendo tudo aquilo! Não é nem uma questão só humana, eu vejo os miquinhos que estão com fome e vão à minha janela, eu vejo os tucanos que voam de manhã... os animais ficam sem abrigo também sem água limpa. Já vi um rato também em pleno córrego nadando! Pra mim chegou a ser engraçado! Por que até um rato tá entrando em uma água que possivelmente seria suja, seria esgoto, mas não é porque tem uma água pura ali...tem alguma agua limpa ali. Então o grafite a gente tenta chamar a atenção pra isso, eu tentei fazer um trabalho mais feminino, mais natural relacionada à natureza, puxando sabe por eu sempre gostei muito desta área... Aí já ligava muito, a gente já pegava inspiração, o núcleo do capão vinha com os projetos de plantação né? Das hortinhas.. tentando mostrar que aquele ambiente pode ser um ambiente bonito, bacana sabe? é só ter carinho. Por que é um ambiente que dá para morar, só que tá largado pela prefeitura, foi abandonado! Por que antigamente, minha avó foi moradora daquele córrego, mas bem para frente e ela falava que pescava, nadava, lavava roupa... tudo naquele córrego. Era um córrego lindo! Só que com a grande população da área, né? Com o aglomeramento muito grande de pessoa ao redor do córrego, acabou o poluindo muito!.

Você considera que a sua arte é somente uma forma de expressão artística ou você vê o grafite possui um valor maior, ou seja, um significado que vai além da expressão visual?

Eu acho que pode sim, porque o grafite não é só uma expressão visual, não é só uma forma de protesto, o grafite também é um meio de comunicação. Por que pelo grafite você não passa só sentimento, só emoção, você passa realidade também. Muitos grafiteiros ficaram famosos porque passaram uma realidade que não era como os Cartuns que também se baseiam em um questionamento, numa critica aos tabus ou polêmicas do momento. Os cartuns sempre fazem um tipo de comédia, o grafite não... ele já tenta impactar isso dentro de uma sociedade, ele quer mostrar o existe ali de errado sabe? Tipo mostrar mesmo onde está o erro, entendeu? Com desenhos mesmos de protestos, às vezes arte abstrata... isso depende da forma de conhecimento cultural da pessoa, cada um vê de um jeito e o grafite tem várias formas

de se vê. E eu acho bacana porque o grafite pode ser também uma ideia ou emoção que a pessoa está sentindo na hora. Você pode não conhece a pessoa, mas você entende a realidade que ela passou... por exemplo muitos grafiteiros já representaram a barragem de Mariana, e agora estão representando a de Brumadinho, mais recente. Muitos dos familiares que estão sofrendo, quando veem as imagens conseguem entender o sentimento e também a realidade. Por que a gente mostra o sentimento e a realidade, não é só um desenho que está ali na parede... a gente tenta mostrar alguma coisa, fazer alguma reflexão na pessoa que está passando ali na rua.

Quando vocês estavam pintando nos diferentes eventos que foram promovidos pelo Projeto Capão, você percebia como que as pessoas reagiram, os moradores ou até mesmo o pessoal que passava na rua naquele momento? Eles comentavam ou criticavam ou até mesmo queriam ajudar?

Foram muitas etapas, muito diferentes... a maioria de aprovação graças a Deus, muitas pessoas chegavam e apoiavam a ideia, gostavam que estávamos pintando aquela área para revitalizar o córrego né? Por que estava realmente devastada, abandonada e coisa e tal...já outros acham que desperdício e dizem: “vocês estão pintando isto aqui pra quê? Daqui a pouco vai ter uma rua aí e não vai ter mais nada! Isto tudo fede... este córrego fede! Mas fede por nossa causa, por causa da gente mesmo que acaba infelizmente jogando nossos detritos no córrego. A culpa não é dele, é nossa ! As pessoas precisam tentar mudar e conscientizar sobre o que elas estão fazendo, ele não vai feder mais. Pode ter vida, pode ter peixe, tem até um Cágado! Você acredita! Um dia fui na Pampulha e vi um jacaré lá! Fiquei impressionada! E ele está vivendo já há muito tempo! Mesmo que já tenha poluído bastante, eu acho que é possível ter vida nestes lugares... mesmo que já tenha poluído bastante, ainda dá para recuperar muita coisa.

Quando estava grafitando, as pessoas chegavam e olhavam o córrego e depois o grafite, elas achavam mais atraente do que antes olhando os muros mal pintados e aquele córrego sujo. Então elas começam a ver mais vida ali! Elas começam a reparar um passarinho que tá na árvore... um bicho que tá dentro do córrego. E quando a gente pinta, temos a mania de vigiar se as pessoas estão jogando lixo, entulho, para depois fazer denúncia. A pessoa vai jogar , a gente diz: não, não pode! E explicamos

por que estamos fazendo aquilo, por que motivo estamos fazendo aquele grafite, sabe? tipo para conscientizar as pessoas sobre o projeto. A nossa ideia é chamar a atenção da Sociedade para aquilo que esta acontecendo e os moradores reagem de diferentes formas , uns que apoiam e outros que são totalmente contra, acham que grafite é pichação, é vandalismo. E não tem nada a ver com a arte, não é visual mesmo sendo no córrego entendeu? Mas são pessoas né? Cada um tem sua reação.

No ano de 2017, que aconteceu aquela intervenção artística no qual sua pintura foi censurada pela moradora de uma casa e provocou uma polêmica. E logo depois ,acabou que o morador vendeu a casa e atual comprador apagou os grafites. Então, pensando nisto, eu queria saber de você o que achou desta experiência, ou seja, qual a impressão ficou para você depois desta polêmica?

Ahh, a gente fica chateada com a situação né? Que pena que não foi valorizada. Por que nós não pedimos material, foi todo de doação e estávamos fazendo a arte tranquilo e de bom grado e foi muito triste. É uma coisa chata né, você ser censurado, não é legal. Não vou dizer que é bom... mas é uma coisa de uma pessoa de um pensamento vazio, com uma mente fechada mesmo. Por que eu estava desenhando um corpo feminino e a moradora era uma mulher e sabe que o corpo feminino não tem nada de mais. E era um desenho, não era nem uma coisa realista para passar alguma sensualização, não! Eu tento fazer meus desenhos sem nenhuma sensualidade, e a mulher achou ruim e ficou incomodada com aquela situação e queria que eu tampasse os seios da fada. Daí eu disse que não, que era minha arte e eu não vou mudar porque não te agradou! A arte pode agradar muitos e também pode desagradar muitos... então não vou mudar minha arte! Ela é assim. Daí ela foi lá e chegou tinta e falou que não iria ficar assim... e ela nem era moradora da casa, ela ex-mulher do morador da casa e arrumou confusão. Da mesma forma, eu não mudei e deixei o desenho do jeito que estava. Depois de algum tempo, a casa foi vendida e nosso grafite foi apagado. Ficamos muito chateados, pelo atual morador ter preferido apagar nosso grafite. Mas isso acontece! Eu fiquei com a sensação que fiz minha parte, por que eu tentei chamar a atenção para uma causa importante, por que o desenho que tinha feito era uma fada mergulhada em uma agua suja de córrego para tentar passar uma realidade que também poderia estar nascendo vida alí e ninguém estava percebendo. E ela não ligou para esta realidade.

Tem certos moradores que não ligam para a situação que estão vivendo! Só querem que canalizem o córrego e ali vire uma rua ou avenida, e querem que acabem o odor e o aparecimento de bichos. Mas é tudo vida humana e eles não ligam para esta realidade. Mas eles não percebem que o lixo que jogam no córrego é que causam este sofrimento todo... e eles não percebem isto! Querem um lugar mais bonito, plante flores, plantem mudas! Mas preferem apenas criticar e destruir ainda mais o córrego. Ali pode ser um lugar maravilhoso!

Depois que vocês fizeram estas intervenções artísticas nas margens do Córrego, você percebeu se alguns moradores conseguiram mudar esta perspectiva, ou seja, começaram a cuidar mais dos espaços onde moram? Eu queria saber se você observou algum impacto positivo depois que vocês foram lá pintar?

Eu notei, sim... nos lugares que fizemos tinham pessoas que acham que grafite é vandalismo né? Então não ligaram muito, continuaram jogando lixo da mesma forma, mas teve lugares que chamou muita atenção, eu por exemplo sou moradora e nós pintamos perto do lugar onde moro, e depois que o pessoal foi lá do núcleo e fez o ponto limpo, plantou mudas e a gente fez os grafites eu percebi uma mudança sim com alguns moradores. Pois, o lugar fica mais bonito né? E as pessoas começam a ter mais prazer de morar naquele lugar. Então, elas acham mais bonito e começam a cuidar mais daquele lugar. Algumas deixam de jogar lixo, outras começam a levar mudas para os canteiros, então elas começam a achar aquilo ali como o jardim delas mesmo e não o córrego que está abandonado. Elas começam a ficar mais acordadas com aquela realidade que está acontecendo, não completamente, mas visualmente elas percebem esta diferença, e que pode ser diferente, que podem mudar aquela realidade. Infelizmente ainda tem muito morador que não cuida né? Mas é assim mesmo!

Agora queria te perguntar sobre a experiência de grafitar na Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso, por que vocês pintaram o muro da escola. Então queria saber como foi a interação dos vocês grafiteiros com os alunos e professores de forma geral, como foi esta experiência?

Bom, esta interação de aluno professor e grafiteiro, vamos dizer assim... é muito bacana! Por que para o aluno você tenta passar a questão da arte, do visual, porque o grafite não tem preconceito, nunca um grafite vai ser feio ou vai ser pior que o outro... cada um tem sua arte dentro de si, entendeu? Cada um enxerga a arte de uma forma, então os grafiteiros tentam fazer uma união, uma dança na parede, como se fosse...daí você tenta passar isto para a criança. Que ela não está fazendo errado, ela só tem que praticar muito para fazer o que ela quer, entendeu? Se ela quer fazer um desenho de protesto, ela pode fazer, mas vai ter que correr atrás daquilo. A gente tenta passar esta diversidade de desenhos, de diferentes artes e estilos para a criança também. E a interação entre grafiteiro e professor também é ótima por que o professor passa muita coisa importante para a gente, muita coisa que a gente não sabe, e a gente tenta passar nossa realidade para o professor também, das ruas. Então é meio que é uma conversa de realidades, entendeu?

Você acha sua arte influenciou de alguma forma os alunos do Adatao?

O bacana é que eu gosto muito de criança, particularmente falando...e os alunos quando te encontram na rua, eles te veem como um super herói e dizem: "Olha! É aquele grafiteiro que pintou minha escola! Que legal!" Então eu acho que eles ficam meio inspirados sim, e começam a desenhar e te mostra o desenho. E eles ficam muito animados e querem pintar também com a gente e expressarem o que sentiram também. Muitas crianças desenhavam dentro de casa, gostam de desenhar, sabe? Gostam de desenhar mas sentem reprimidos porque às vezes os coleguinha acha o desenho feio ou o pai diz que não é parecido com o real, né? O rosto fica meio torto e o pai diz que não é assim... é sim é do jeito que ele quiser, do jeito que ele imaginar. Então, eu acho que o nosso grafite influencia sim as crianças, por que o grafite não tem preconceito, e eles se encaixam neste padrão. No grafite todos os padrões são aceitos. Então a criança tem mais liberdade e ficam mais empolgadas. As crianças e as pessoas idosas se impactam com aquilo, com o grafite. E isso é uma coisa muito bacana, pois a criança é uma coisa gostosa porque mexe com a imaginação dela né?

Na última pergunta, para resumir tudo que você disse, eu queria saber quais os significados que ficaram para você sobre estas experiências que vivenciou

durante as sua participação nas intervenções artísticas do projeto de revitalização do Córrego Capão?

Foi uma experiência de vida né? por que é a arte que eu vivo, é a realidade que vivencio como moradora e como cidadã. E como te disse, é uma expectativa de vida que tenho de querer fazer biologia e defender um algo da vida, algo que está relacionado com aquilo tudo... a arte, a vida e a natureza. E por isso tudo e pela arte, foi experiência maravilhosa para mim. Eu sempre tento fazer a diferença por que quando a gente quer mudar o mundo, a gente não consegue mudar de uma grande forma, nós conseguimos mudar por pequenos gestos, aos poucos, e eu sinto que estou conseguindo fazer a diferença! Estou conseguindo trazer esta mudança com a minha arte, mesmo sendo muito pouco ainda... mas a gente quer trazer esta mudança... e isso já mostra que nós estamos correndo atrás, e eu quero continuar lutando e passar para os meu filhos o mesmo cuidado com a natureza, demonstrar que aquilo ali é um lugar bom, é só a gente cuidar. Muita gente paga caro para ir visitar cachoeiras, em minas d'água para vê água limpa, mas a água que tem na porta da sua casa está toda suja porque ela não cuida, entendeu? Então eu passo esta realidade, para as pessoas terem mais cuidado com o lugar que moram e não abandonarem do jeito que está abandonado. Alertar aquela pessoa sobre a realidade que está na cara delas e elas simplesmente não querem ver! É Como se estivessem com os olhos vendados, literalmente alienados e acomodados com aquela realidade.

Entrevista com a professora e coordenadora Roseli Correia:

Roseli atualmente é coordenadora do Programa Escola Integrada da E.M. Adauto Lúcio Cardoso e coordenadora do Projeto Núcleo Capão.

1) Como que surgiu esta ideia da escola participar junto com o núcleo capão na proposta sócio ambiental de revitalização do Córrego Capão?

Roseli: Na verdade, desde 2006 que comecei a trabalhar com os primeiros anos do ensino fundamental que na prefeitura é o primeiro ciclo, mas o pessoal chama de fundamental I. Então sempre trabalhei com geografia, história e ciências (...) Então

uma vez conheci uma revista do Programa Semeando que a escola recebeu naquela época. Achei muito interessante uma reportagem sobre às águas e nascentes. Daí a primeira pergunta que tinha lá era assim: Você conhece algum córrego perto da sua escola ou da sua casa? E fiz esta pergunta para os alunos e os meninos disseram que não! Não conheciam. Isso me intrigou muito, daí eles falaram que tinha era um esgoto (...) mas não tinham certeza. Eu comecei a pesquisar e a partir desta informação, descobrimos que não era esgoto e sim um córrego, mas não sabíamos o seu nome.

Então, foi a partir desta problematização que começamos a fazer um levantamento histórico e com a comunidade. Uns afirmavam que o córrego chamava-se Capão, outros diziam que era Avenida dos Navegantes. E assim, fomos atrás da comunidade até começar a ver que tinha toda uma história por trás deste córrego, e assim, descobrimos que era um córrego mesmo e a avenida dos navegantes é a parte que está canalizada, a cabeceira dele. E a partir daí começamos a fazer um trabalho mais sistematizado com alunos, priorizei a educação ambiental na escola, mas sempre tentando atrelar os conteúdos geografia e ciências, baseado na perspectiva do professor Fernando Hernández, pois eu trabalhava com os seus textos, e até hoje trabalho né? E na época que comecei a desenvolver estas ações na escola, ainda era a escola plural, então tínhamos muita abertura para desenvolvermos novas ideias e sairmos da escola, estas coisas da escola baseada na ideia de cidade educadora. Então tinha muito esta pegada.

Hoje continua, apesar de que diminuiu um pouco por causa dos horários diferenciados, e porque hoje eles pedem mais conteúdo(...)É claro que o conteúdo está atrelado as propostas de projetos e tudo mais, mas eu não consigo fazer tantas coisas quanto fazia antes. Eu ainda consigo trabalhar com a educação ambiental, mas é um pouco mais difícil (...)Parece que fechou mais para a gente ensinar. Em 2006, tinha uma prima que morava em Santa Luzia e a partir de uma conversa que tivemos descobri que a escola dela (...) não vou me lembrar agora do nome. Então, esta escola trabalhava com a mesma revista “O Semeando” só que o rio de lá era outro né? O nosso endereço hidrológico é o Capão e os deles é o Rio das Velhas, sendo que a escola fica às margens do Rio das velhas. E daí minha prima ficou empolgadíssima com a ideia e assim surgiu a proposta de fazer um intercâmbio entre as duas escolas e foi muito legal! Nós fomos á escola deles e apresentamos uma peça

de teatro com a ajuda de uma professora que tínhamos aqui na escola: A professora Maria Vieira e ela era fantástica! Ela era formada em letras, mas tinha uma experiência teatral incrível! Ela tinha um olhar a frente do tempo e uma visão artística surpreendente (...) Ela trabalhava com o teatro em movimento. Daí nós fomos lá e apresentamos o teatro na escola, e fizemos um levantamento histórico, explicamos sobre o Córrego Capão, o que era, e que antigamente as crianças podiam nadar, pescar e as mulheres lavavam roupas e depois no final sobre como o córrego estava hoje.

Então foi uma experiência muito gratificante para os alunos das duas escolas. Logo depois a minha prima Dagmar veio a escola em contribuição ao intercâmbio né? E eles apresentaram também, e foi muito lindo! Neste mesmo evento fizemos uma passeata até o Córrego Capão, e foi muito gratificante para todos os que participaram. Depois disso, demos uma parada, pois eu tinha que fazer a educação ambiental (...) Mas, não sabia ainda como mobilizar a comunidade, como hoje eu sei. Nesta época, nós fazíamos mais uma sensibilização sobre a educação ambiental, não tínhamos esta pegada de mobilizar a comunidade e tal. Em 2012, nós resolvemos repetir esta caminhada continuar o projeto, porque em 2009 na escola teve uma audiência pública, foi um chamamento que veio para cá para falar sobre o Córrego Capão, pois eles iam passar o interceptor de esgoto no Córrego, e daí tinham aquelas indenizações todas(...) aquelas coisas todas né?

Então, eles chamaram a comunidade para reunir na escola, e foi a partir disto que eu comecei a interessar ainda mais pelo assunto, por que veio o pessoal do Comitê de Bacias do Ribeirão do Onça, gente da COPASA, e entre outras pessoas (...) Daí eu conheci o José Messias, um morador daqui do bairro, nós conversamos e eu disse a ele que era professora e que tinha muito interesse em participar do projeto e tal... Depois o Messias sumiu por um tempo, por que ele é meio político (...) tipo partidário sabe? Em 2011, ele me procurou, pois teve outra audiência pública e me disse: “Professora a senhora poderia fazer um trabalho aqui no córrego né? Porque a gente precisa olhar a história deste lugar”. Daí eu respondi: “Pode deixar eu vou tentar.”

Desta conversa surgiu o projeto mais esquematizado chamado de: “As escolas nas Bacias” que discutia a história do Córrego Capão e a cultura local. Eu já tinha uma

experiência com o Projeto Labepeh ¹⁸, pois participei indiretamente deste projeto em 2009, na Escola municipal Antônio Gomes Horta. Depois desta experiência lá no Labepeh eu reapliquei aqui né? E daí eu fui atrás de parceiros que pudessem me ajudar, levei para o Projeto Manuelzão ¹⁹ e apresentei a proposta para eles e expliquei que estava querendo desenvolver a proposta na escola e tal. Mas a gente não tinha um mapa, tinha feito uma busca por informações, mas não tinha muita experiência. Eu falei com eles que eu tinha uma demanda aqui na escola, e que precisava de um mapeamento. Daí eu perguntei se tinha alguma oficina que nos ajudassem a crescer e aprender mais sobre o assunto.

Neste ano de 2012, o Projeto Manuelzão nos ajudou com um mapeamento e com uma oficina chamada de “Biomonitoriamento Participativo” e quem dá esta oficina até hoje é a monitora Juliana, ela é do ICB²⁰. Naquela época havia uma parceria entre o ICB e o Laboratório NUVELHAS²¹ (...) não sei se a parceria acabou. A Juliana veio na escola, uma palestrante maravilhosa e falou da experiência dela, da coleta da água e nos ensinou a fazer o plano de gestão. Foi aí que eu comecei a entender como criar estes planos, as ações de mobilizações e entre outras. Foi um aprendizado muito bom, não que hoje eu faço igual a eles fazem, cem por cento, como dividir as tarefas sem sobrecarregar uma pessoa só (...)A gente ainda não conseguiu isto aqui ainda. Pois a maioria das demandas que surgem em relação ao córrego capão sou eu que resolvo, então eu ainda não consegui descentralizar isto ainda.

Em 2012, a gente fez o projeto e na época a Dilma estava na coordenação do Projeto Manuelzão, e foi um aprendizado muito grande porque foi a primeira vez que eu estava na coordenação de um projeto. Então teve muita coisa positiva, teve algumas falhas também (...) Mas, foi bom para o crescimento. E aí no final deste projeto teve um concurso de desenho, poemas, canções e aconteceu no Centro Cultural Venda Nova foi neste evento que nós ganhamos um desenho maravilhoso, que hoje representa o

¹⁸ Laboratório de estudos e pesquisa em ensino de história da faculdade de educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

¹⁹ Programa de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais que concilia o trabalho científico com a mobilização social de empresas, governos e sociedade civil.

²⁰ Instituto de ciências biológicas da UFMG.

²¹ Núcleo transdisciplinar e transinstitucional para a Revitalização da Bacia do Rio das Velhas.

Córrego Capão no *facebook*, foi uma artista plástica que fez. E nós precisávamos de uma logo, uma marca que representasse o nosso projeto.

A partir de um trabalho de campo que fizemos em 2011, no qual fizemos todo um trabalho de campo para que em 2012 pudéssemos iniciar a nossa proposta, nós conseguimos uma verba da prefeitura destinada para projetos, o PAP²². Então, conseguimos ampliar um pouco a atuação do nosso projeto, em 2012, foi muito bom porque convidamos cinco escolas para participar, quatro escolas representavam a bacia do capão e uma escola representava a bacia do rio das velhas. Foi neste ano que aconteceu o concurso de desenho e de poemas, o aluno que ganhou como melhor poesia tinha quatorze anos e era da Escola Municipal Ondina Nobre, mas a produção dele foi maravilhosa!! Eu lembro um pedaço do poema, começa assim: “Capão de grande coração, foi destruído por nossas mãos (...)”. Nós ainda usamos esta produção nas cartilhas que distribuimos nas caminhadas e nas reuniões que fazemos. A partir desta experiência muito bem sucedida a Alice Godinho do Projeto Manuelzão, nos chamou e disse: “Vamos formar um grupo? Capão juntamente com o Projeto Manuelzão?” Daí eu respondi: “Vamos, mas como é que faz?” Ela me informou o passo a passo e nos disponibilizou uma estagiária para nos acompanhar.

Esta estagiária nos mostrou as melhores metodologias para ensinar sobre a educação ambiental, os caminhos que deveríamos buscar. Se podíamos buscar apoio do poder público ou não. Esta coisa da mobilidade, da sensibilização. Então, foi muito esclarecedor para todos nós! O Projeto Manuelzão é mais voltado para a educação ambiental, para o diálogo com a população e não espera muito do poder público. Eles perguntam aos moradores o que está acontecendo, e assim, começam a se organizar e mobilizar ações para tentar resolver aquele problema. O poder público é muito omissivo, né? Você os chama para conversar, e eles sabem o que tem que fazer e não se mobilizam e nem retornam com algum interesse e vão protelando (...). E a população também é muito alienada! Não sabemos quem é o pior! São poucos que participam efetivamente, e lutam pelos seus direitos. Nesta caminhada nossa, que já tem cinco anos de atuação, já quis desistir muitas vezes (...) Pois, nós convocávamos reuniões e apareciam somente umas três pessoas.

²² Projeto de Ação Pedagógica.

Atualmente o grupo está mais fortalecido, sendo que de 2016 para cá a gente começou a focar mais no Parque do Córrego do Capão do Conjunto Habitacional do Lagoa. É uma pequena área verde e que possui muitas nascentes do Córrego Capão. Já realizamos dois eventos lá, com os grafiteiros e com a participação da Ong Social Cristã Padre Gualhaic. Ela é nosso parceiro já de alguns anos, direto nós fazemos ações pontuais lá, por que este parque existe (...) e a gente tem feito de tudo para chamar a atenção para o parque, e sua regularização junto a prefeitura. Nesta área existem dez nascentes e a gente coloca o grafite para chamar a atenção, para vê se sensibiliza a população, e também conseguimos mobilizar mais moradores a lutar conosco. A nossa estratégia é focar na legalização do parque, pois se o parque sai, o resto também vai caminhando, pois é uma zona de proteção ambiental.

Na segunda pergunta, queria saber com os alunos interagem com as atividades propostas aqui na escola pelo Programa da Escola Integrada e também pelas ações elaboradas em conjunto com o Núcleo Capão?

Na verdade são dois trabalhos diferentes né? Então eu tento fazer a mesma coisa que faço no núcleo capão, na escola, na sala de aula. Quando eu estava atuando em sala de aula o que me impedia de fazer mais coisas era o fato dos meninos serem muitos pequenos e o deslocamento era muito difícil. Agora que estou como coordenadora do Escola Integrada, eu já não tenho este problema, mas não consigo mobilizar os alunos tanto como na época que estava na sala de aula. Temos um monitor de meio ambiente aqui na escola, mas ele está de licença deste abril de 2018. Então, fica difícil coordenar as ações porque o grupo é muito extenso e tem alguns alunos que faltam a semana toda ou saem do projeto e depois retornam de novo. Então, é meio difícil seguir somente um cronograma. A adesão dos alunos é menor e, daí não consigo sensibilizá-los tanto quanto estava na sala de aula!

Como nós temos uma parceria com o Projeto Manuelzão, a nossa atuação é mais ambiental, o que a gente faz são ações voltadas para a sensibilização, mobilização e conscientização da comunidade e das crianças. Nós pegamos a ideia de mutirão foi com o pessoal do COMUPRA. Então, nós percebemos que o pessoal que participavam das reuniões, moradores da comunidade, os mais ativos né? Eles diziam

nas reuniões: “Ahh!! eu estou cansado de ficar só ficar discutindo, tudo isso eu já sei e quero fazer!”. Só que era muito complicado fazer esta “pegada” com o Manuelzão. Daí, eu comecei a participar de outras reuniões de Comitê de Bacias, a nossa aqui é a Bacia do Onça. E assim, percebi que eles tinham muita coisa diferente. Comecei a participar dos mutirões o primeiro que fui, foi o do COMUPRA²³, do Baixo Onça. Eles possuem uma atuação muito mais espalhada né? Por que as ações são muito maiores que fazemos aqui.

O poder público é muito omissos né? Ainda mais com este governo neoliberal e a comunidade às vezes é um pouco alheia aos seus direitos. Então fica mais difícil! Teve uma época que tinha uma pessoa participando das reuniões e sugeriu a ideia de nos tornarmos uma OCIP²⁴. Daí esta pessoa me perguntou: “Eu ajudo vocês a captar recursos!” Ela levou uma papelada para assinar (...). A nossa forma de angariar recursos é tudo através da venda de camisetas, rifas e tal, mas, cada um põe do seu bolso. Eu fui pesquisar mais sobre isso que ela falou de virarmos uma OCIP, e descobri que nosso lance não é este. O nosso foco é o movimento social, terceiro setor, com ações voltadas para mobilizar a população sobre a importância da revitalização do Córrego Capão.

Nós catalogamos as nascentes, hoje nós descobrimos que só no Capão existem umas cinquenta nascentes, então tem tudo isso: tem a nascente do Vilarinho, do Izidória e do Baixo Onça. Destas cinquenta, dez estão na área do parque que eu te falei, no bairro da Lagoa. Por isso, estamos forçando a necessidade de preservar esta área tão importante! Então, quando se fala sobre o que a gente está fazendo hoje no Núcleo assim, estamos bebendo destes vários movimentos que já existem da sociedade civil para além da educação formal, e da escola.

Você tinha dito anteriormente para mim que os professores não gostavam muito de liberar os alunos. Então, no início eles tiveram dificuldade de aderirem às propostas do projeto?

²³ Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu.

²⁴ Organização da Sociedade Civil de Interesse Público.

Na verdade, a escola nunca apoiou. Eu sempre trabalhei sozinha! Ela aderiu de uma certa forma, porque eu trabalhava sempre em trio com as professoras. Daí, quando íamos fazer o trabalho de campo nós combinávamos o horário e as professoras me acompanhavam. Mas era só isso, não participavam, não! Este ano agora tem uma professora chamada Márcia na escola que não está mais em sala de aula, está em desvio de função. Ela ficou encarregada de elaborar projetos para a escola, pois a prefeitura tem as demandas de projetos e ela está sendo uma ponte entre a SMED²⁵ e a escola. Mas, ela sempre acompanhou meu trabalho de longe e me disse uma vez: “Um dia eu quero te ajudar! Daí, eu provoqueei ela neste ano e disse: “Tem uma demanda que é o seguinte: Um professor de geografia me provocou e me fez uma proposta de trabalhar os rios na paisagem, utilizando Guimarães Rosa e, entre outros autores, e eu contei a ela que não dei conta de fazer isso.” Daí ela gostou da ideia e montou um projeto chamado de “Gota D’ água” e assim, nós montamos este projeto, mas demoramos muito para colocar em prática na escola.

Este ano de 2018, em agosto, começamos a informar os professores e a mobilizar os alunos. Nós fizemos algumas atividades na escola, como mostras poéticas, com poesias relacionadas à água e estamos fazendo passarinhada com os alunos de manhã, observando a quantidade de passarinho que tem na escola. Também tem o projeto de corredor ecológico. Nós estamos fazendo algumas ações assim, para dar ferramentas para os professores e alunos sensibilizarem por esta causa. Mas foi neste ano! Esta mobilização não foi por causa da direção, foi por causa dos professores, em específico pelo interesse desta professora que fez o link entre a escola e a SMED. Daí, os alunos começaram a interessar mais, pois vai ter uma mostra cultural e eles terão que fazer alguma coisa.

Com o turno da manhã nós fizemos um plantio de árvores com eles, e fizemos um gotejador de garrafa pet e cada turma adotou uma árvore. E no turno da tarde acontecem palestras sobre a água, está previsto passar um documentário. A mostra cultural será dia 24 de novembro, assim estas atividades são para combinar com a mostra né?

²⁵ Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

A terceira pergunta que eu vou te fazer, envolve toda a comunidade escolar, envolvendo também os moradores. Pensando no que você disse que consegue mobilizar a comunidade, mas não tanto como você queria, eu quero que você me conte desde o início como a comunidade recebeu estas propostas de realizarem as intervenções artísticas nos muros? Inclusive, também se referindo as ações ambientais propostas pelo Núcleo Capão?

A gente tem um problema assim, igual uma companheira nossa sempre diz: “O nosso trabalho é de formiguinha mesmo, a gente fala, fala, fala (...) e a comunidade não entende!” Por que na cabeça delas (dos moradores) está previsto que aquela área do parque do bairro lagoa, onde estamos lutamos para tornar uma área de preservação ambiental irá se tornar uma avenida com a canalização do córrego. Tem o orçamento participativo, desde 1998, muito antigo, falando que o OP (Orçamento Participativo) a verba era destinada para fazer este projeto, ficava em milhões! Só o projeto! E é Faraônico com implantação do Rodoanel, um corta caminho né? Iria ligar Santa Luzia até Betim, passando por aqui no Céu Azul. Então, tipo assim se o projeto fosse aprovado mesmo, pegaria tudo! Dalí do supermercado Epa e chegaria até a escola (...). Seria uma enorme linha para ônibus, igual tem agora na Av. Antônio Carlos, com amplas pistas para atravessar e o Rodoanel. Teve uma audiência pública em 2016 e 2017, e assim que o Kalil assumiu a prefeitura, a SUDECAP²⁶ disse: “Este projeto não tem como fazer, vai custar muito caro!” Daí eles suspenderam e pediram outra proposta para ficar no lugar, mas nós ainda não tivemos retorno. Nosso medo é que eles já tenham outra proposta de encaixotar o Córrego e a gente ainda não conseguiu apresentar nossa proposta formalmente para a prefeitura.

Por que existem duas propostas alternativas de parque e temos medos que a SUDECAP faça alguma loucura, e sem ouvir a comunidade aprove uma proposta pior para todos. A comunidade colocou na cabeça que tem que ser avenida, e é muito difícil! Eles não pensam que vai ter enchente, que o cheiro do esgoto vai subir (...) Eles querem que coloquem a rua, mas também não pensam que eles terão que sair dali por que estão morando na beirada do córrego! Mas é esta a realidade! Muitas

²⁶ Superintendência de Desenvolvimento da Capital

casas ali, você passa e vê que a casa não tem rua, mas tem portão de garagem. Eles querem saída para o carro. Então assim, é muito difícil mudar a mentalidade deles. Agora trabalhar com criança é mais fácil, pois elas compram a ideia e tal, mas os pais a gente não vê muitos envolvidos. E tudo eles dizem que a prefeitura irá fazer (...) daí eu digo: “Gente a prefeitura faz cada menos!”

Em outro dia você me disse que vocês escolheram a arte do grafite pela ideia do grafiteiro Henrick Tsade que também é um integrante do Núcleo Capão. Você disse que esta proposta de intervir nos muros com o grafite é para chamar a atenção da comunidade para a importância de lutar por esta causa socioambiental. Logo, eu quero saber se tem um outro motivo por que vocês optaram pela arte do grafite, além da ideia de promover uma maior visibilidade das ações do projeto?

Não. Não parei para pensar nisto ainda! Conversando com o Henrick, ele me falou uma vez que ele queria revitalizar os muros lá perto do Capão, ele me disse: “Tem tanto muro naquela região: são quase dois quilômetros de muro! Então, ele me falou que tinham vontade de revitalizar aqueles espaços através da arte. E daí eu peguei e comprei a ideia dele! Perguntei ao Henrick o que nós poderíamos fazer para potencializar esta ação? Ele respondeu: “É só vocês entrarem com a tinta e levarem os alunos para conhecerem.” Mas, era para potencializar o que o Henrick já fazia com os seus colegas grafiteiros, o de revitalizar os territórios através da sua arte. Quando acontecem as intervenções artísticas, a sociedade possui ainda muita resistência com a arte do grafite, pois muitos a confundem com uma ação de vandalismo. No Capão vocês passaram por algumas experiências ruins, envolvendo não apenas os grafiteiros, mas também a pintura feita pelos alunos na praça localizada perto da escola. Conte-nos como foram estas experiências?

No evento que fizemos em 2017, no conjunto habitacional do Bairro Lagoa, tivemos uma primeira experiência ruim, na casa que fizemos a intervenção com o grafite o senhor da casa autorizou e a ex-mulher dele que morava na parte de cima da casa, não autorizou. Daí ela não gostou do desenho de uma fada com os seios à mostra e pediu para a grafiteira apagar. A Laris não quis ceder, daí ela pegou uma massa de cimento e jogou em cima do desenho, tampando-os. Nós não sabíamos que o casal

era separado, e que o proprietário não tinha conversado com a ex-mulher sobre o a pintura no muro.

Então, foi uma confusão porque dois meses depois, eles venderam a casa e o novo proprietário mandou pintar a casa e apagaram o grafite. As pessoas quando tem mobilização, elas vão, nós sempre colocamos uma faixa lá informando sobre a ação que iremos realizar igual na última que teve no dia 15 de novembro. As pessoas estavam presentes, participaram né? Mas é só isso, vão e participam. Eu fico vendo que tem algumas pessoas que entendem a nossa proposta e tentam fazer alguma coisa, como exemplo a questão do plantio de árvores e jardins não foi ideia nossa! Neste lugar, lá no Conjunto Lagoa, os moradores falaram que tinham muuuuito entulho e estava dando muito escorpião. Daí por conta própria, eles resolveram chamar a caçamba para tirar o entulho. Eles começaram a plantar os jardins e assim diminuiu a quantidade de escorpiões, só que lá é tudo aberto né? Disseram que os cavalos vinham e atrapalhavam o jardim e por isso as moradoras ficaram desmotivadas e pararam de cuidar. Isso aconteceu em 2014, depois nós recomeçamos com a ideia em 2016 e revitalizamos os jardins para os moradores voltarem a plantar de novo, e assim diminuir os entulhos.

E hoje quando a gente vai lá, nós percebemos que alguns moradores adotaram a proposta de novo e colocaram alguns pneus pintados para cercarem os canteiros. O próprio canteiro que nós começamos a revitalizar continua lá, os moradores estão cuidando. Então, neste sentido os moradores contribuem, mas do outro lado vem carroceiro direto dispensar lixo lá no parque, mas a gente tem observado que o empenho da comunidade vem aumentando, com o cuidado das placas e com a limpeza dos canteiros e jardins. Temos também um parceiro forte que é o Projeto Social Cristão Vida Padre Galhaic, são uma Ong religiosa que prestam serviços sociais para a comunidade local. Então, tem alunos que participam desse projeto e moram neste conjunto, no Bairro Lagoa. Com o projeto vida é mais suave a gente consegui entrar lá e mobilizar os moradores. No último mutirão, eles fizeram umas placas muito bonitas para colocar nos jardins, e nenhum morador mexeu! Estão lá ainda!

Então, na última intervenção artística que teve em 15 de novembro vocês tiveram mais participação do que no ano passado, em setembro de 2017?

Sim, teve mais participação, mas foi mais da comunidade. Ano passado foi mais os alunos, porque fizemos uma caminhada com os alunos do Escola Integrada até o lugar que estava acontecendo as intervenções. Neste último evento, conseguimos convidar pessoas de outras regiões que se uniram para apoiar um ao outro, e tinham muita gente da comunidade desta vez.

Desta vez a comunidade aceitou melhor o grafite do que da outras vezes?

No caso lá teve um senhor que disse: “Não, pode grafitar, tem problema não!” Este muro estava bom para grafitar, mas o outro muro que os rapazes conseguiram era todo chapiscado! Então ficou difícil para fazer o grafite né? Daí eles arrumaram outro muro, mais na frente, mas tem um problema, não tem ninguém morando lá! Daí alguém falou assim: “Ahh tem um morador que vem aqui uma vez por ano, mas acho que não vai ter problema. Ele vai gostar sim,” Logo, temos este problema, a da autorização dos muros para pintar. Eu passei lá uns dias para trás e o grafite está lá ainda. Agora o próximo que nós iremos fazer na Rua Barra Pedra Bonita no bairro Piratininga, a SLU fez a limpeza lá e pintou o muro de branco. Nós estamos indo atrás do morador e não estamos encontrando (...) Mas, alguém nos falou que: “O morador gosta destas coisas de artes, participa de projetos de cultura e da arte, então é capaz dele não achar ruim não!”.

Mas nós precisamos achar o morador, lá neste lugar é tipo um ponto limpo que a SLU nos convidou para ir lá fazer esta intervenção artística. Tipo assim, houve uma parceria com a SLU e ela viu que deu certo e agora está querendo incluir o grafite nestas ações de limpeza. A SLU vai lá e faz a limpeza do lugar, coloca a proteção de pneus nos canteiros, faz o plantio de mudas e depois chama os grafiteiros para intervir nos muros. No caso, ela convida os grafiteiros mesmos, o Henrick tem um grupo e daí fez este link com a SLU. Mas é o seguinte, eu falei com o Henrick que eu iria conseguir as tintas e pedi para ele grafitar a imagem que representa a Mãe D água. Então eu pedi para ele dá um destaque para os temas ambientais, para chamar a atenção da população sobre a poluição do Córrego Capão.

Como eu venho acompanhando os eventos promovidos pelo Projeto Capão e as intervenções artísticas desde 2017, tenho percebido estes pontos de tensões, não apenas nas ações que envolve a luta social dos moradores, mas principalmente nas intervenções com o grafite. Como da última vez, que os alunos realizaram a pintura na Praça Madonna e dois dias depois a prefeitura veio e pintou tudo de verde e rosa. Então você poderia me contar sobre as causas destas tensões, ou seja, como você percebeu estes pontos de conflitos entre os moradores, os grafiteiros e a escola?

A da praça eu posso dizer que é o poder público né? Eles disseram que todas as praças são pintadas de tempo em tempos e que a pintura naquela Praça já estava no calendário para ser revitalizada. Então, nos disseram que foi uma falha de comunicação, pois, não sabiam que os alunos da escola que tinham realizado aquela pintura dois dias antes. Se soubessem não tinha pintado tudo de novo. Mas, tem uma Praça no Alexandrina, que é perto do Joaquim e do Córrego Olhos D'água que não sofreu esta intervenção da prefeitura de ser pintada de verde e rosa. Então assim (...) não sei se é jogada política e não sei se devemos olhar para este lado. Mas, envolve o poder público! Nós tínhamos autorização para intervir na Praça, pois a Escola Integrada é uma sala de aula, e tínhamos este aval para ocupar os espaços da comunidade. Tanto é que a Ana Maria ficou de fazer esta mediação para a gente sobre o que realmente aconteceu por trás disto, e ela me disse que conseguiu falar com alguém da manutenção, e que disseram que iriam até doar as tintas para que os alunos pudessem repintar a praça novamente. Mas até agora não veio nenhuma resposta por parte da prefeitura.

A gente percebe que tem um preconceito muito grande, igual quando eu fui pela primeira vez acompanhar junto com o Núcleo Capão os grafites dos meninos (grafiteiros). Nós fomos pedir a autorização para grafitar um muro de um lugar chamado escadaria, que é uma loja que vende autopeças, para oficinas não sei. (...) Daí perguntamos ao rapaz dono de lá e falamos que tínhamos a ideia de fazer um grafite, e o rapaz respondeu: "não, vai ficar muito sujo!" Daí nós explicamos que a proposta não é essa, que não era pichar e que era outra proposta, que tem a ver com a arte, e que vai revitalizar o espaço e coisa tal. Aí ele concordou em deixar fazer o

grafite. Daí no dia da ação, do evento, quando ele viu o grafite quase pronto disse: “Nooooosa ficou legal demais esta pintura!” E até falou assim depois: “você podiam agora plantar um jardim aqui que até eu ajudou a cuidar.” E era na beirada do córrego, lugar de bota-fora, e ele disse que ajudava a olhar o jardim e a cuidar para ninguém jogar entulho mais.

Desde 2017, nós ainda não conseguimos fazer lá este ponto limpo, ainda está em aberto, a SLU propôs, mas nós não conseguimos fazer ainda. Talvez venha pela vigilância sanitária, porque a água do córrego está beeem mais limpa! Tem uns moradores que dizem: “(...) não é história de pescador, tem peixe lá agora!” Só que não conseguiram tirar foto, daí eles falaram que vão filmar. Mas a vigilância sanitária tá de cima para acontecer! Agora é o ministério público, eles entraram com uma ação e depois de três anos que veio a resposta de que pode multar. Então, se a pessoa se negar a fazer a ligação com a rede de esgoto, ela vai ser multada. A vigilância sanitária está indo lá estes dias, e a gente vem percebendo que a água está mais clara e que muitos moradores tem contado que tem visto peixes e tal (...) mas, que tem um lado que ainda tá muito poluído, um horror! Mas, do lado que a vigilância tem atuado, a gente percebe sim que já houve uma diferença.

Como me contou um dia destes, você participou como uma pessoa de apoio durante a realização das intervenções artísticas, Então, havia alguma movimentação dos moradores em relação a feitura dos grafites? Comentavam? Mudou alguma coisa no cotidiano e na qualidade de vida da comunidade?

Não muito pouco, não percebi isto não. Muitas pessoas gostam, acham bonito, elogiam (...) alguns poucos aceitam animam a cuidar dos jardins e trazer mudas.

Mas você acha que a arte do grafite pode ou não incentivar a comunidade a cuidar mais do lugar onde moram? Usufruindo mais daqueles espaços antes abandonados?

Talvez possa ser sim, tanto é que a SLU entendeu. Agora quer fazer os pontos limpos com o grafite. Eu sei que a Rejane que é do Mobiliza SLU me pediu o contato do grafiteiro Henrick, e eles estão tentando fazer este link. Não sei se foi uma ou duas

vezes(...) tenho que perguntar para o Henrick. Ela nos chamou para fazer uma reunião, com o grupo Capão, Associação Comunitária do Bairro Lagoa, o Mobiliza SLU e a UNCA que é Associação dos Moradores daquela região. A UNCA trabalha junto com o vereador Cláudio Duarte, foi em junho deste ano, nós acordamos que iríamos realizar três pontos limpos nas proximidades do Córrego Capão. O primeiro seria no Bairro Maria Gertrudes e o outro seria perto do Ondina Nobre, na nascente dele, na cabeceira(...). E o outro seria perto dos ciganos. Mas com a questão política falou mais alto e este ano é ano eleitoral né? Eu escrevi uma carta para o candidato a Deputado Cláudio Duarte para que ele não usasse o nome do Capão nas campanhas dele. Ele não me respondeu e nem ajudou mais em nada. Então, não caminhou esta proposta.

E na Praça Madonna que os alunos do Aداuto pintaram o que você observou? Os alunos se envolveram mais, tiveram outra percepção sobre a importância de ocuparem outros espaços, além da escola?

Com certeza! Os maiores e os menores. O Fabiano chegou a pintar dois bancos com os maiores e um banco com os menores. Então, foi um envolvimento total dos alunos! Neste evento não aconteceu apenas a intervenção artística dos alunos, foi planejado um dia de boas ações, daí escolhemos a praça como local, teve plantio de mudas, grafite, declamação de poesias, e outras programações culturais na Praça. A partir deste dia que fomos neste evento, nós voltamos lá outras vezes e tem uma turminha aí (alunos) que está indo quase todos os dias lá, aguar as plantas e cuidar das árvores. Depois deste dia que houve este evento, eles perceberam que eles podem e que devem apropriar destes espaços da cidade. A gente tem ido lá com mais frequência, estou pretendendo até no ano que vem fazer o projeto “Vamos Pracear” aqui na Escola Integrada. Ocupar mesmos os espaços da comunidade! E aquela ideia que eu te falei de pintar os postes, não conseguimos fazer este ano, talvez no ano que vem realizamos a pintura nos postes, no entorno da escola. Começar já esta coisa de caminhar para a praça né?

E sobre o patrimônio, porque o Córrego Capão de acordo com o IPHAN é uma Paisagem Cultural, seja através da interação entre o homem e o seu meio ambiente surgem histórias valiosas que precisam ser preservadas e conhecidas

pelas novas gerações. Então, não podemos deixar de discutir esta questão. Eu queria que você me contasse se na escola teve algum trabalho de sensibilização patrimonial com os alunos? Como vocês lidam com esta questão do Córrego ser um patrimônio que deve ser preservado por todos?

Na verdade, o Capão é um território né? É uma bacia, lógico que eu gostei muito de falar sobre o patrimônio, sobre a questão das águas. Principalmente por que todo mundo tem direito á agua! A gente fala com os alunos que o Córrego é um patrimônio, um bem cultural e que precisa ser preservado e tal (...) que todos têm direito a água, mas não chegamos a fazer uma sensibilização para um olhar diferenciado ao patrimônio. Apesar que em 2001 no trabalho que nós participamos junto com a prof. Karla e com a Prof. Lana em Venda Nova, eu fiquei mais com o eixo ambiental, trabalhei mais perto da Karla Pádua, né? A gente sabe que não tem esta diferenciação entre bem cultural e natural, mas o projeto fez isso para ficar mais fácil de trabalhar. E com a Karla o foco foi mais nos quintais, então assim (...) A gente tem tentado ver a questão dos quintais, inclusive aqui no Córrego do Capão, é importante em relação da permeabilidade do solo. Eu fiz isso quando a Karla estava aqui, então a gente tem tentado fazer este link com os quintais do ponto de vista Bio-cultural. Este ano teve uma experiência com o EJA aqui na escola a noite, pensando nesta perspectiva da preservação da memória. A dona Glória da comunidade veio e participou de uma roda de conversa.

Então aconteceu alguma ação aqui na escola sobre a memória e o patrimônio, mas com o pessoal da noite, com o EJA?

Sim, mas foi nesta perspectiva do Bio-cultural, dos quintais, da memória. Agora com os alunos menores a gente ainda não teve a oportunidade de fazer esta ponte com o patrimônio, mas seria bem interessante viu?

E para você como professora e coordenadora do Escola Integrada, quais foram os significados que você atribuiu ou ainda atribui ao participar como um agente presente e mobilizador de novas propostas realizadas na escola e no Núcleo Capão?

Eu adorei participar, mesmo como professora de apoio nas intervenções artísticas, foi muito bom! É uma coisa viciante, os grafiteiros ficavam o dia inteiro, até acabar a tinta e eu os acompanhava também até o fim. Mesmo como apoio, eu gostei muito, pois tem um respeito entre eles e a partilha do material, do que você trouxe para compartilhar(...) Então os grafiteiros trabalham nesta perspectiva, daí quando termina tudo, eles compartilham o que sobrou, até as latas de spray eles dividem tudo igual! Isso para mim foi novidade! É muito a questão do valor, é lógico que eles precisam trabalhar, precisam sobreviver. O valor da tinta e da qualidade da tinta, e do trabalho que resultará desta ou daquela lata de tinta é muito interessante. A questão da reciclagem, de reaproveitar o material (...). Então, tudo isso eu observei dentro do coletivo de grafiteiros. Eu fiquei impressionada com essa ideia de coletivo e de união entre eles. E também com a questão do respeito, vai para além da questão do território, dos bairros, das cidades e do mundo (...).

E você acha que o Projeto Arte e Vida conseguiu trabalhar com esta questão da união entre os grafiteiros?

O Professor Fabiano consegue sim! Quando ele tinha um grupo de trabalho permanente ele conseguia sim trabalhar esta união na equipe. Ele conversa muito com os meninos, faz a arte dele e eles reúnem em grupo. A dinâmica dele é o trabalho em grupo, um ajudando o outro, tipo coletivo mesmo.

Atualmente, o que você acha que precisa para vencerem as dificuldades, os pontos de tensões que ocorreram e ainda surgem durante a realização das ações ambientais realizadas pelo Núcleo Capão e inclusive, aqui no espaço escolar?

Na escola começou com uma oficina ambiental que desde que começou já existia, mas era colocada como uma opção. Para a educação é importante e eles vêm o grafite com importância. Agora para o poder público, ainda faltam muitas ações públicas né? Teve no início do ano com o prefeito Kalil um edital que até foi tranquilo de participar que é o Projeto Gentileza, tem feito um caminho que eu acho que é novo né? Na outra gestão não percebi isso! Então, é caminhar junto, e cada vez mais dando visibilidade para este Projeto. Ainda tem muita coisa para fazer(...)

E no Córrego Capão? Ainda tem muitas dificuldades e conflitos a serem vencidos?

Ahh, tem vários, sim como não! O pessoal têm muita resistência até de jogar lixo na lixeira! De tirar o esgoto do Córrego! E na escola, apesar de todos os esforços e projetos a direção ignora, não quer saber (...) Eles sabem que existem e que tem projetos, mas é a a mesma coisa quando a pessoa não se apropria, não quer saber? Uma professora só que citei: a Márcia, que se interessou e quis fazer uma ponte entre o Ensino Regular e a Escola Integrada. Mas, foi uma professora somente e como dizem: “Uma andorinha não faz verão!” Mas, foi bom que teve uma abertura, no ano que vem não sei como vai ser (...) Se ela vai continuar lá articulando os projetos. Eu sou muito realista, sou perseverante, mas realista! E o povo não quer saber do Capão, a escola e a comunidade me dizem: “De novo o Capão? Então, tem muita coisa para vencer ainda (...) são poucas pessoas que continuam lutando, é um trabalho de formiguinha mesmo!

Entrevista com o Prof. Fabiano monitor do Projeto Arte e Vida:

Fabiano é pintor e grafiteiro e há oito anos leciona no Programa Escola Integrada da Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso como monitor do Projeto Arte e Vida.

Você me disse que já está há muito tempo lecionando aqui na escola, mas não contou sobre como começou a trabalhar no Projeto Arte e Vida. Então eu queria saber como começou este projeto aqui na escola?

O Projeto Arte e Vida começou quando nós vimos a necessidade dos meninos de ter um espaço para desenvolver um talento que eles já tem dentro deles, que era deles mesmo e daí nos decidimos trazer isso de uma forma que desse mais atenção pra estes meninos que tem talento a mais na área de desenho, de pintura, no grafite. Então o projeto surgiu porque nós vimos a necessidade de ajudar estes meninos que possuíam um talento mais não tinham como expressar este talento.

E você lembra o ano que ele surgiu?

Foi em 2015 , no final de 2015 para 2016.

Então você selecionava os alunos pelos que tinham interesse ou pelos que tinham talento?

Era pelas duas coisas... os que tinham interesse e habilidades. Na verdade, era mais pelos que tinham interesse, porque a habilidade sem interesse não adianta muito. Então tem que ter o interesse para desenvolver e, sempre era dividido um grupo de seis, sendo quatro turmas de seis alunos.

E os alunos que participavam era somente os que estavam no Escola Integrada?

Sim, somente os que estavam nas oficinas do Escola Integrada.

No ano de 2017, você teve a oportunidade de manter um grupo permanente de alunos?

Sim, em 2017 nós formamos uma equipe do projeto arte e vida. Esta equipe que saía para pintar nas ruas, e na escola. Eram trabalhos internos e externos, com pintura e trabalho teóricos também. Então foi em 2017 que decolou mesmo o projeto arte e vida.

Mas antes de vocês irem para as ruas pintar, como você começava a desenvolver o trabalho, ou seja, como você preparava os alunos antes de sair com eles para pintar os muros?

Nós sempre trabalhamos com um tema, decidíamos entre nós ou a coordenação do Escola Integrada passava para nós o assunto que teríamos que pintar. E daí juntos eu e os alunos desenvolvíamos o método e a arte visual. Nós primeiro fazíamos no papel e do papel nós passávamos para a tinta guache e depois nós íamos para a pintura da parede. Mas tudo partia de um tema, nós conversamos entre nós e decidíamos quais os temas iríamos abordar, como preconceito, racismo, culturas, desenhos, e geralmente eu deixava eles escolherem. E daí eles sempre escolhiam temas mais puxados, voltados para o lado do que eles sofrem hoje em dia.

E quando vocês começaram a trabalhar junto com o Projeto Capão? Foi desde o início do Projeto Arte e Vida que vocês participam com temas ligados as ações do Projeto de Revitalização do Capão?

O projeto capão entrou no Arte e Vida em meados do ano de 2017. Foi aí que nos pegamos esta jornada. Antes disso, nós só trabalhávamos com os temas ligados ao Escola Integrada e a comunidade.

Além de desenvolver vários projetos de desenho e de pintura você se considera um pintor ou um grafiteiro?

Eu faço as duas coisas, sou grafiteiro, mas aqui dentro da escola eu desenvolvo com os alunos mais o desenho e a pintura artística, voltados para o ramo da arte visual. Nós trabalhamos com a pintura de quadro, telas, placas de madeiras.

Então a técnica que você mais trabalhava era a pintura artística?

Sim. Estudo do sombreamento, luzes, contrastes, dando espaço para os meninos criarem e aprenderem a base do desenho e da pintura artística mesmo.

Vocês pintaram umas placas de madeira que depois foram colocadas nos pontos limpos, nas margens do Córrego Capão durante umas das ações do projeto de revitalização do projeto. Então como foi a interação dos alunos durante esta atividade?

A pintura das placas foi da seguinte maneira: eu jogava um tema e eles elaboravam os desenhos. Cada grupo desenvolveu um tema diferente, eu somente dei um suporte e ensinei a técnica e cada um fez a sua placa. Praticamente, não participei, só fiquei monitorando o que estavam fazendo. Eles desenvolveram sozinhos. Cada um escolheu aquela placa que teria mais facilidade para pintar.

E a técnica do Grafite? Você desenvolveu alguma atividade específica somente com o Grafite?

Eu trabalhei com alfabeto do grafite, na verdade, o grafite é arte que te dá a liberdade de você criar o que você quiser, tem uma maior liberdade. Então para os que estão iniciando, é bom ter uma noção de pintura artística né? O passo a passo... Daí eu trabalhei com os meninos o alfabeto do grafite, traços, sombreamentos, temas de paisagens e outros.

Além destas técnicas artísticas e do desenvolvimento das habilidades artísticas dos alunos, quais outros valores você percebeu que os alunos aprenderam com a experiência de pintar na rua?

Eu acho que para os alunos teve um benefício muito grande, acho que foi muito construtivo na vida deles. Por que eu tenho alunos aqui que eram meninos super problemáticos, complicados na sala de aula, e que eu tive a oportunidade de trabalhar isso com eles na oficina do arte e vida. E nós podemos vê, e os professores do regular também falaram que estes alunos tiveram uma melhora significativa, tanto no comportamento, porque pintura requer concentração, organização, controle. E isso querendo ou não afeta para eles no dia-a-dia. Hoje eu tenho alunos que já são maiores e tem oito anos que já estou aqui, então tem alunos com dezessete anos que agora trabalham com pintura... então tenho muita satisfação por isso. Então eu tenho certeza, foi muito bom para a vida pessoal, e como eu posso falar... da vida de estar em comunhão com todo mundo. Por que eu tento não apenas ensinar o desenho, mas estar bem com o próximo, de respeitar o espaço do próximo. Porque no ambiente que tinha seis meninos em uma sala que não te dá nenhuma condição e com tanto material que pode cair e sujar, pode cortar e atrapalhar o outro e nunca tive nenhum problema maior. Então eu tenho certeza que foi muito bom e que eles aprenderam muito

Você sabe que o grafite é uma arte polêmica, muita gente ainda critica esta arte e confunde com um ato de vandalismo. E aqui na escola e no Projeto Capão aconteceram algumas tensões durante a realização das intervenções artísticas. Como da última vez que vocês pintaram na Praça Madonna e dois dias depois veio a prefeitura e pintou tudo novamente. Como você percebeu estas tensões que aconteceram neste período?

Eu vejo que o que as pessoas não conseguem compreender, elas preferem criticar e destruir, só que hoje em dia estes fatos que ocorreram tanto com os grafiteiros, quanto com os nossos alunos, e principalmente no caso da pracinha eu vejo que foi uma jogada política porque estava em ano eleitoral e infelizmente eles queriam mostrar serviço e daí mostraram de uma forma errada. Fomos à Praça um dia de sol quente, fizemos um trabalho bacana com os meninos e para dois dias depois a prefeitura veio e pintou tudo de verde e rosa... Então infelizmente em nosso país, a politicagem acaba destruindo muita coisa construtiva. Mas apesar disso tudo foi muito bom para os alunos ficarem mais motivados e amadureceram em relação a isso. Eles ficaram revoltados com a situação, queriam fazer manifestação, divulgaram nas redes sociais, tiveram vários comentários. Então serviu para motivá-los ainda mais. Eu expliquei a eles que aquilo que as pessoas não conhecem, elas procuram destruir por medo... mas hoje em dia o grafite vai muito além do que o medo e a falta de respeito e isso abalou os nossos alunos, pois foi a primeira vez que eles passaram mas também deixaram eles bem mais firmes diante da posição que eles tomaram

A última pergunta você deverá contar a sua experiência como artista e professor. Você participou com os alunos das intervenções artísticas nos muros e de algumas ações desenvolvidas pelo Projeto de Revitalização do Córrego Capão, então me conte quais foram os significados que você atribuiu a estas experiências?

Bom eu pelo pouco tempo de ter participado das intervenções com os meus alunos, pois nós começamos depois né? Sempre no final das aulas nos conversávamos sobre as experiências que passamos na aula. Então para nós eu tenho certeza que foi de adesão e de sentir bem fazendo o que é certo. O Projeto Capão é uma luta que vem há muito tempo, tentando trazer vida para onde não há vida e de esperança para onde não havia mais esperança. Então para mim foi uma oportunidade sem igual de estar participando, eu amadureci muito e principalmente com as outras pessoas que fazem aquele trabalho com o sorriso no rosto, na chuva, no sol... Então para nós eu tenho certeza que foi de adesão, de união, de um grande aprendizado e de numa grande alegria.